



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**A CONSTITUIÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES NA ERA DIGITAL:
DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

ROSANA TORMA MIRANDA CABRAL

**RIO GRANDE
2012**

ROSANA TORMA MIRANDA CABRAL

**A CONSTITUIÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES NA ERA DIGITAL:
DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientadora:

Profa. Dra. Vanise dos Santos Gomes

RIO GRANDE
2012

ROSANA TORMA MIRANDA CABRAL

**A CONSTITUIÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES NA ERA DIGITAL:
DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada como exigência parcial
ao título de Mestre do Programa de Pós-
Graduação em Educação Ambiental, da
Universidade Federal do Rio Grande.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vanise dos Santos Gomes (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Profa. Dra. Elisabeth Brandão Schmidt
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Profa. Dra. Suzana Schwartz
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

RIO GRANDE

*Ao meu amado, Valério,
companheiro de todas as horas.*

AGRADECIMENTOS

Escolho, nestas palavras, agradecer apenas a Deus pelo dom da vida e, por todas as graças recebidas. E, sem ousar esquecer alguém, opto em não registrar nomes para reconhecer a colaboração neste trabalho. Todos aqueles que contribuíram para a concretização do mesmo sabem a sua importância e, meu eterno agradecimento.

RESUMO

Este estudo, intitulado **A CONSTITUIÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES NA ERA DIGITAL: DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL** apresenta discussões que são problematizadas na pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG, a qual objetiva compreender as relações sociais estabelecidas em famílias mediatizadas pelo ambiente virtual. Entende-se que a ideia de família ganha outras nuances, motivada pela modificação das estruturas societárias, sendo reconfigurado seu conceito a partir da vivência de outros modos de compreender-se o espaço familiar ao pensar-se a crescente presença das mídias digitais como mediatizadoras das relações interpessoais. A pesquisa respalda-se em três principais discussões, relacionadas entre si: famílias, era digital e Educação Ambiental. Os estudos relativos à Educação Ambiental vêm contribuindo para melhor compreendermos as relações sociais estabelecidas em diferentes ambientes, especialmente, no âmbito familiar. Nesta perspectiva, a Educação Ambiental contribui para a discussão e compreensão dessas relações para além do ambiente natural, trazendo para o campo do debate aspectos relacionados à constituição do ambiente social, a partir de uma lógica capitalista não apenas de produção e consumo, mas também de relação com o outro. As discussões aqui apresentadas respaldam-se em autores como Loureiro, Reigota, Sibilia, Smith, Bauman, Palfrey e Gasser, apresentando o problema de pesquisa a partir do seguinte questionamento: **Que relações sociais são expressas em famílias que fazem uso intenso das mídias digitais?** A escolha dos sujeitos da pesquisa realizou-se tendo em vista a inserção da mestrandia em um contexto familiar, cujos membros lhes são conhecidos, buscando, em suas narrativas, compreender a configuração familiar ali apresentada. A produção de dados foi realizada a partir da inserção da pesquisadora no grupo investigado de entrevistas com a família e do diário de campo. A análise dos dados seguiu a orientação de Moraes e Galiazzi acerca da ATD – Análise Textual Discursiva. Importa destacar que a investigação que aqui se propõe segue uma abordagem qualitativa de pesquisa, onde os sujeitos são atuantes, fazendo a pesquisa e não somente sendo investigados. Os dados produzidos, com base na análise realizada, possibilitaram compreender, a partir da interlocução com a família participante, que são, tais relações, estabelecidas por meio de uma rede virtual que seduz e, diante disso, chama o usuário à presença virtual e ao conseqüente afastamento presencial. Assim, são relações também que ensinam a necessidade de estabelecer limites quanto ao uso intenso da internet, isso porque seus apelos reforçam as relações constituídas por meio de paradigmas da competição e do consumo. São relações de paradoxos, sempre com contradições, ora seduzindo, ora sendo criticadas.

Palavras – chave: Famílias, educação ambiental, relações sociais.

RESUMEN

Este estudio, titulado **LA CONSTITUCIÓN DE LAS RELACIONES FAMILIARES EN LA ERA DIGITAL: DIÁLOGOS CON LA EDUCACIÓN AMBIENTAL**, presenta discusiones que son problematizadas en la pesquisa desarrollada junto al Programa de Posgrado en Educación Ambiental – FURG, la que objetiva comprender las relaciones sociales establecidas en familias mediatizadas por el ambiente virtual. Se puede entender que la idea de familia recibe otros matices, motivada por el cambio de las estructuras societarias, siendo reconfigurado su concepto desde la vivencia de otros modos de comprender el espacio familiar al pensar la creciente presencia de los medios digitales como mediatizadores de las relaciones interpersonales. La pesquisa se basa en tres principales discusiones, relacionadas entre sí: familias, era digital y Educación Ambiental. Los estudios con respecto a la Educación Ambiental han contribuido para mejor comprender las relaciones sociales establecidas en diferentes ambientes, especialmente, en el ámbito familiar. Desde esta perspectiva, la Educación Ambiental contribuye para la discusión y la comprensión de esas relaciones para más allá del ambiente natural, trayendo para el campo de debate aspectos relacionados a la constitución del ambiente social, desde una lógica capitalista no solo de producción y consumo, sino de relación con el otro. Las discusiones aquí presentadas se apoyan en autores como Loureiro, Reigota, Sibilía, Smith, Bauman, Palfrey y Gasser, presentando el problema de la pesquisa desde el siguiente cuestionamiento: **¿Qué relaciones sociales son expresadas en familias que hacen uso intenso de los medios digitales?** La elección de los sujetos de la pesquisa se dio llevando en cuenta la inserción de la investigadora en un contexto familiar, cuyos miembros le son conocidos, buscando, en sus narrativas, comprender la configuración familiar allí presentada. La producción de datos fue realizada desde la inserción de la investigadora en el grupo investigado, de entrevistas con la familia y del diario de campo. El análisis de los datos siguió la orientación de Moraes y Galiuzzi acerca de la ATD – Análisis Textual Discursiva. Cabe destacar que la investigación que aquí se propone sigue un abordaje cualitativo de pesquisa, donde los sujetos son actuantes, promoviendo la pesquisa y no solo siendo investigados. Los datos producidos, con base en el análisis realizado, posibilitaron comprender, desde la interlocución con la familia participante, que son, determinadas relaciones, establecidas por medio de una red virtual que seduce y, enfrente a eso, llama el usuario a la presencia virtual y al consecuente alejamiento presencial. Así, son relaciones también que enseñan la necesidad de establecer límites cuanto al uso intenso de la internet, eso porque su apelación hace más fuerte las relaciones constituidas por medio de paradigmas de la competición y del consumo. Son relaciones de paradojas, siempre con contradicciones que, por veces seducen, por veces son criticadas.

Palabras claves: Familias, educación ambiental, relaciones sociales.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Imagem FAMÍLIA MODERNA Disponível em: http://www.google.com.br/images	38
FIGURA 02	Imagens do Vídeo EFECTO DE LA TECNOLOGIA EN LA FAMÍLIA Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=C1711GWaFCk	49
FIGURA 03	Imagem FAMÍLIA MODERNA Disponível em: http://www.google.com.br/images	51
FIGURA 04	Representação da família na percepção de Ré Maior	53
FIGURA 05	Representação da família de Ré Maior	54
FIGURA 06	Comscore - Dados do uso das redes sociais, BRASIL, 2011 Disponível em: http://www.missmoura.com/panorama-do-brasil-nas-redes-sociais-em-2011-com-dados-comscore	70
FIGURA 07	Comscore - Dados do uso das redes sociais - EUA, 2011 Disponível em: http://blog.comscore.com/2011/12/state_of_the_us_social_networking_market.html	71
FIGURA 08	Connecting people – slogan NOKIA Disponível em: http://sabay.com.kh/articles/157600	83
FIGURA 09	O uso do facebook por adolescentes	85
FIGURA 10	Jogo Mini Fazenda Disponível em: http://www.superdownloads.com.br/materias/colheita-fazenda-mini-fazenda-games-sociais-que-bombam-no-orkut.html#ixzz1lIeqNjqJ	98
FIGURA 11	Início do cultivo Disponível em: http://www.orkut.com.br/Main#Application?uid=11053100672052853348&appId=721987110545	98
FIGURA 12	Colheita Feliz Disponível em: http://www.superdownloads.com.br/materias/colheita-fazenda-mini-fazenda-games-sociais-que-bombam-no-orkut.html#ixzz1lIeqNjqJ	100
FIGURA 13	Adicionar mini grana Disponível em: http://www.orkut.com.br/Main#Application?uid=11053100672052853348&appId=721987110545	101
FIGURA 14	O que deseja comprar? Disponível em: http://www.orkut.com.br/Main#Application?uid=11053100672052853348&appId=721987110545	102
FIGURA 15	Formas de pagamento Disponível em: http://www.orkut.com.br/Main#Application?uid=11053100672052853348&appId=721987110545	103
FIGURA 16	A internet afasta ou aproxima as pessoas? Disponível em: http://www.google.com.br/images	106
FIGURA 17	Interface do twitter de Fá Maior	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados do uso da internet no Brasil	31
Tabela 2 - Dados de compras on line	32

SUMÁRIO

INICIALIZANDO	11
I – CAMINHOS	15
II – DIALOGANDO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	21
III - FAMÍLIAS EM REDES: O USO DAS FERRAMENTAS DIGITAIS NAS RELAÇÕES SOCIAIS	29
3.1. Famílias conectadas	38
IV – CONEXÕES METODOLÓGICAS: O MOVIMENTO DA PESQUISA...	42
4.1. Produção de dados	43
4.1.1. O encontro com as famílias	43
4.1.2. Mapa dos encontros com a família	45
4.1.2.1. Primeiro encontro	45
4.1.2.2. Segundo encontro	47
4.1.2.3. Terceiro encontro	51
4.1.3. Diário de Campo	55
4.2. Decodificando os dados	56
4.2.1. A Interface do processo investigativo e os sujeitos da pesquisa	57
4.2.2. Conectividade: A família e suas percepções	61
V – CONEXÕES POSSÍVEIS: CATEGORIAS EMERGENTES DA PESQUISA	66
5.1. O Computador e a Internet: a um clique das relações	67
5.1.1. Redes sociais	67
5.1.2. Limite	78
5.1.3. Sedução pela rede	86
VI – A SEDUÇÃO DO “CLIQUE”: O SONHO DO CONSUMO	94
6.1. Relações de consumo	94
VII - PARADOXO: INTERNET	105
7.1. O vício digital	110
VIII – O SEQUESTRO DO TEMPO NA ERA DIGITAL.....	116
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	129
ANEXOS	131
Anexo 1. Termos de consentimento livre e esclarecido	132
Anexo 2. Questões para conversar em família	133

INICIALIZANDO

As tecnologias digitais cercam nossa vida cotidiana e ocupam um espaço cada vez mais significativo nas relações sociais. Vivemos imersos nessa grande teia digital que, de certa forma, nos “consome” sem percebermos. É interessante parar e refletir a respeito do lugar que essas tecnologias têm ocupado em nossas vidas e em nossas relações familiares.

O computador, por exemplo, passou a ser mediador de muitas de nossas trocas de experiências. Mesmo sem estarmos familiarizados com essa tecnologia, em qualquer¹ lugar é possível encontrar um computador conectado à internet. Embora as pessoas não tenham conhecimentos de programas específicos, existe a necessidade da apropriação dessa era digital para a vida na sociedade. Em uma simples transação bancária ou até mesmo em uma transmissão digital via satélite, podemos afirmar que, atualmente, vivemos em um mundo cercado pelas tecnologias digitais e, ousado afirmar, que vivemos sem chance de fugir delas.

As relações humanas têm sido alvo de uma grande transformação em nossa sociedade. Afirimo isto em função do crescimento do interesse pelas mídias digitais e pelas relações virtuais, pois uma tela de computador conectada à internet move as pessoas, as relações afetivas e as relações familiares. Penso que tal fenômeno pode ser comparado à descoberta do telefone, por exemplo, que, em 1876, dá início à comunicação moderna. Alexander Graham Bell que, aos 29 anos, fascinado pelos sistemas de comunicação inventa a “máquina falante” (FURTADO, 2009 p.578). Após essa descoberta, houve uma grande revolução na comunicação das pessoas, sendo utilizado até os dias atuais.

Este estudo apresenta discussões que são problematizadas na pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG, que visa a compreender as relações sociais estabelecidas em famílias que fazem uso intenso² das redes digitais. Os estudos relativos à Educação Ambiental³ vêm contribuindo para melhor compreendermos as relações sociais estabelecidas em diferentes ambientes. Essas contribuições serão aprofundadas no desenvolver da dissertação. Dedico este estudo à análise de ambientes familiares mediatizados pelas tecnologias digitais, compreendendo que a idéia de família ganha outras nuances motivadas pelas modificações das estruturas societárias.

¹ A palavra qualquer aqui se refere aos lugares que frequentamos: lojas, farmácias, supermercado, bancos entre outros.

² Entendendo o intenso aqui como diário.

³ Educação Ambiental - algumas vezes no texto, ao fazer referência, será utilizada apenas a sigla EA.

Há um conceito de “relação familiar” baseado em estereótipos de felicidade e de composição nuclear. Enfatizo, a partir destes argumentos, a relação existente entre o tema investigado e a Linha de Pesquisa - Educação Ambiental: Ensino e Formação de Professores, uma vez que a presente pesquisa dedica estudos para a compreensão de outro modo de constituição familiar.

Minhas vivências, enquanto educadora e experiência com os trabalhos já realizados com famílias, são fundamentais para o manejo desta pesquisa, tendo em vista a importância desse núcleo social para a sociedade. Desde 2005, venho me dedicando ao estudo com famílias e sinto a necessidade de ampliar as discussões teóricas em torno deste eixo no que se refere ao ambiente escolar. Assim, estas questões começaram a ganhar outro olhar em minha caminhada, nesse momento observando as relações familiares mediadas pelas tecnologias digitais. Por esta razão, busco aprofundar conceitos, compreender minhas inquietações acerca desta temática, partindo para um estudo específico, gerador desta proposta de dissertação de mestrado.

Inicialmente, a pesquisa tinha como título a **AMBIENTALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES MEDIATIZADAS PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**. A palavra ambientalização, neste caso, está voltada para a inserção em uma dimensão sócio-ambiental nas relações familiares, pensando assim em família, educação ambiental e tecnologias digitais. Posteriormente, foi se delimitando a articulação desta tríade que resulta hoje no seguinte título: **A CONSTITUIÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES NA ERA DIGITAL: DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Neste contexto, lanço olhares mais atentos a uma família que utiliza assiduamente a internet como recurso para suas vidas cotidianas. Esse uso pode estar relacionado tanto ao lazer quanto ao trabalho e é importante fazer os seguintes questionamentos: O que essa família busca? Quais são suas concepções de família? O que ela compreende como relações? Como se constitui essa nova configuração familiar a partir da era digital?

Este trabalho está organizado, a partir de oito capítulos. No primeiro, denominado “Caminhos”, apresento um relato do caminho percorrido para chegar ao Mestrado. Um pouco de minha trajetória pessoal e profissional, contextualizando o leitor a respeito de minhas vivências e o interesse pela temática escolhida para a Dissertação. Considero relevante destacar que esta escrita é parte de uma vida marcada por constantes incertezas a respeito de

minha Formação. Ao me despir escrevendo, é possível acompanhar minhas incompletudes como ser humano que vive em busca de uma qualificação pessoal e profissional.

No segundo capítulo, intitulado “A Educação Ambiental Potencializando Reflexões”, apresento algumas reflexões e inquietações que partem da percepção sobre o avanço da informação e da comunicação a partir do uso das tecnologias, das marcas das mídias digitais em nossa sociedade e da influência das mesmas em nossas vidas. Considero relevante analisar o interesse que a internet provoca nas pessoas, neste caso, especificamente num grupo familiar. A partir destas questões, então, delimita-se o objetivo deste estudo que é compreender as relações sociais estabelecidas em famílias midiaticizadas pelo ambiente virtual. Ainda neste capítulo, discuto o alargamento da compreensão da Educação Ambiental como ambiente social que contribui para pensarmos essas novas estruturas societárias emergentes.

No terceiro capítulo, “Famílias em redes: o uso das ferramentas digitais nas relações sociais”, a ênfase é dada às famílias, por serem o *locus* do estudo. É feita uma contextualização da compreensão de família de uma forma mais abrangente. Investigar as relações familiares é um modo de compreender as novas redes de relações que se estabelecem na sociedade do capital. Seguindo a escrita, proponho uma discussão sobre a família moderna, tema que é movido por um instrumento de coleta, ou seja, uma imagem retirada do Google, a qual denomina-se ‘família moderna’. Este item denomina-se “Famílias conectadas”, onde essa imagem é apresentada, a partir da narrativa dos próprios sujeitos da pesquisa, que traçam um paralelo entre a sua realidade e a verificada na imagem.

Já no quarto capítulo, denominado “Conexões Metodológicas”, são abordados aspectos referentes à Metodologia, onde apresento o movimento da Pesquisa. Desenvolvo, de forma mais visível, como foi a trajetória deste trabalho, os procedimentos realizados e as propostas iniciais. Tais itens proporcionaram que fosse traçado um mapa dos encontros com a família, com o objetivo de delimitar o que seria desenvolvido em cada encontro.

No capítulo que segue, são realizadas as análises, apresentando as categorias que emergiram nesta pesquisa. Desta forma, é possível visualizar as amarras da temática pela voz dos sujeitos, onde, no Capítulo V, apenas deixo à escrita localizar o leitor dos próximos encaminhamentos. Denomino a primeira categoria de: O computador e a internet: a um clique das relações, pois traz elementos das redes sociais, do uso e funcionalidades da internet, bem como o limite que deve ser estabelecido para o seu uso. O item seguinte refere-se à sedução

que a rede oferece a mim, a você e a todos os usuários que, movidos por um clique, acessam intensamente a rede.

A segunda categoria convida-nos a repensar as relações de consumo estabelecidas nesse ambiente digital, onde apresento as funcionalidades do jogo utilizado pela família, bem como algumas reflexões a respeito desta temática. Este Capítulo VI intitula – se: A Sedução do “clique”: o sonho do consumo e tem como pano de fundo as relações de consumo que movem a sociedade de consumidores.

Já no capítulo VII venho percebendo que o paradoxo da internet ganha eco nas discussões com a família e, assim, aposto nesta discussão, percebendo o quanto as relações com a internet podem ser pautadas na contradição. Este capítulo ainda traz elementos do vício digital, palavras que surgem na voz da família colaboradora do trabalho.

O último capítulo das análises discute a respeito do tempo. Aponto reflexões acerca do tempo vivido e o olhar desse tempo para os sujeitos da pesquisa, e como eles têm feito uso de seu tempo. Estendo esta reflexão também a mim, pois, à medida em que proponho esta discussão, vejo-me imersa nesta questão: O que tenho feito com o meu tempo? Penso que muitas vezes, acabo por desperdiçá-lo e esta pesquisa provocou em mim também esta reflexão.

Trago após estas discussões algumas considerações do trabalho que são apresentadas no capítulo XI dessa pesquisa. Não me limito em fechar este trabalho em palavras como considerações finais ou até mesmo conclusão, porque acredito que muito teria ainda a avançar com relação à temática. Porém, trazendo a expressão ‘Algumas considerações’, coloco-me em uma posição mais confortável como pesquisadora, pois evito concluir uma pesquisa que merece uma investigação mais aprofundada. A tentativa de sistematizar neste capítulo as relações sociais estabelecidas em famílias que fazem uso intenso das mídias digitais levaram-me a perceber as inúmeras relações estabelecidas nessa rede, onde o real e o virtual se entrelaçam e, em alguns momentos, já não podemos separá-los.

Neste momento, convido você, leitor, a fazer parte desta pesquisa, iniciando pelos caminhos percorridos que me levam até o Mestrado.

I - CAMINHOS...

*“Caminhante, não há caminho,
o caminho se faz ao caminhar”
Antonio Machado*

Traduzir nossas vivências em palavras é uma tarefa difícil e, algumas vezes, pode parecer complexa. Há lembranças que podem ser registradas por meio da escrita para que se perpetuem, marcando nossa história. Através da escrita, constituo-me como pesquisadora, como pessoa e ser humano. Além da escrita, existem outras formas de marcar o tempo, que servem como acessórios para as nossas lembranças, sejam elas imagens fotográficas ou filmagens, por exemplo. Mas, considero o registro por meio da língua escrita uma fonte inesgotável para expressar nossas idéias e sentimentos. Como diz Marques (2006), escrever para pensar, uma nova forma de conversar. O que escrevemos não está desvinculado de nossa trajetória, assim vou me revelando através da escrita.

Defendo esta ideia, por me constituir através de instrumentos mediados pela escrita, uma vez que esta pesquisa foi marcada por diversos cadernos que compõem meu diário de campo. Estes cadernos são um grande labirinto repleto de recortes com textos, escritas, desabafos, imagens, músicas, idéias, frases e tudo mais que, aos poucos, foi me auxiliando a compreender o processo da pesquisa e moldando sua estrutura.

Voltar aos meus cadernos, desabafos, inquietações faz-me pensar no amadurecimento da escrita e encontro-me claramente em cada momento de dor, angústia, frustração por ainda não ter meus sujeitos. Em outros momentos, retornar a minhas escritas ajudava-me a organizar meus próprios pensamentos.

Nos cadernos, registro todos os momentos e passos do desenvolvimento deste trabalho. Os cadernos a que faço referência são: o caderno das orientações, o caderno de sugestões de livros, de resumos, de fichamentos, e ainda há o caderno que fica na bolsa e levo-o sempre comigo, que registra os momentos inesperados. Em todas as minhas vivências e em qualquer horário podem surgir inspirações, sugestões, que nele registro. Enfim, meus cadernos ajudaram-me a compor esta pesquisa.

Assim, pretendo apresentar, neste registro um pouco da minha história, de minhas experiências profissionais e acadêmicas. O caminho percorrido para chegar até o Mestrado, minhas vivências, sentimentos e inquietações. Desta forma, é possível perceber meus

interesses e como venho me constituindo como pessoa, como pesquisadora, como educadora ambiental.

Quando terminei o Ensino Médio, fiz vestibular para Pedagogia, pois a infância e suas peculiaridades me interessavam muito. O ser criança sempre esteve muito presente em minha vida. Com as experiências que fui tecendo ao longo do curso, este olhar foi se constituindo e ganhando cada vez mais espaço na escolha por minha profissão.

O curso fez com que eu entendesse melhor a formação docente e suas competências. Percebi que o pedagogo deve ter uma visão aberta para a convivência com a multiplicidade e as diferenças – bases fundamentais para o trabalho em educação. A grande tarefa do educador é construir espaços de convivência, onde cada sujeito possa aprender com o outro, já que a aprendizagem consiste na transformação, por meio da experiência e da reflexão. Aprendemos, nas redes de conversações que se constituem na convivência, na experiência, como diz Maturana (2006).

Identifiquei-me, como pesquisadora, desde o início do curso, buscando respostas a muitas inquietações que ainda tento compreender. O estágio foi realizado no Centro Educacional Fraternidade. Neste espaço, deparei-me com a questão da vulnerabilidade de inúmeras crianças, o que me fez pensar nas situações de risco e proteção presentes naquele *locus*.

A temática que sempre me moveu desde o estágio-docência foi a família, devido às grandes dificuldades que encontrava em trabalhar com esse grupo. Questionava algumas práticas da escola e pensava em diferentes formas de inserir a família naquele contexto, almejava entender a razão daquelas famílias não se fazerem presentes. Encontrei muita dificuldade em articular a teoria com aquela prática vivenciada. Posso afirmar que foi uma grande experiência para quem estava se inserindo pela primeira vez na área educacional.

No ano de 2003, concluí o curso de Pedagogia- Educação Infantil, com disciplinas pedagógicas do Ensino Médio, pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Foram quatro anos de muita dedicação e estudo, que foram me constituindo como educadora e pesquisadora.

Resolvi continuar minha formação e segui na busca pela qualificação em cursos de Pós-Graduação. Cursei Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela FACVEST – Faculdades Integradas de Lages. Meu estudo teve, como base, a família como um dos microssistemas mais significativos para a vida e o desenvolvimento da criança e do adolescente. Minha

pesquisa teve, como eixo norteador o entendimento das diferenças na aprendizagem, trabalhando a família e a escola. Neste estudo, as relações familiares ganharam eco na medida em que foi possível perceber a grande dificuldade da escola em aproximar as famílias de seu contexto.

O interesse pela temática “famílias” partiu também de experiências junto ao CEP-RUA/FURG – Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua- e minhas vivências profissionais, quando atuei como Orientadora no Serviço Sentinela⁴, que atende crianças e adolescentes vítimas de todos os tipos de violência. Neste Centro, trabalhei com crianças e também com suas famílias.

Sempre procurei a formação continuada e compreendia muito bem o quanto era importante. Desta forma, busquei me inserir mais na Universidade participando de uma seleção para Tutor, na Secretaria de Educação a Distância – EAD – do Curso de Graduação em Pedagogia. O âmbito educacional sempre me seduziu, e trabalhar com o ensino a distância, em uma perspectiva sem distâncias mexia comigo. Afirmando esta proposta “sem distâncias”, devido às minhas vivências em cursos de formação na EAD, em que se pensa a ausência física como um meio de aproximar as pessoas em uma nova configuração de presença mediada pelas tecnologias digitais.

A experiência, enquanto tutora em um curso a distância, também fez com que eu percebesse que muitos estudantes, de alguma forma, precisavam adaptar-se às tecnologias digitais e, com isso, muitas relações foram se (re)significando, inclusive as familiares.

Trabalhei no CRAS – Centro de Referência de Assistência Social– como orientadora de um grupo de adolescentes e suas famílias, pertencentes ao programa Projovem Adolescente⁵. Concomitante a esse projeto, iniciei atividades como coordenadora pedagógica no NAPI⁶, que é um ASEMA⁷, onde também trabalhava com famílias.

Estas vivências em diferentes espaços e o desejo em compreender as relações familiares impulsionaram-me a fazer leituras acerca deste tema para a (re) construção do entendimento das estruturas familiares em nossa sociedade. Scobernatti (2005), por exemplo,

⁴ Serviço Sentinela, atual CREAS – Centro de Referência Especializado em Assistência Social. Programa do Governo Federal, administrado pela Prefeitura Municipal do Rio Grande através da SMCAS – Secretaria Municipal da Cidadania e Assistência Social.

⁵ O Projovem é um serviço sócio educativo de proteção social básica, inserido na Política de Assistência Social - PNAS e no Sistema Único de Assistência Social – SUAS.

⁶ NAPI – Núcleo de Apoio Pedagógico Dra. Lúcia Nader, também vinculado à Prefeitura Municipal do Rio Grande. Funciona na modalidade de ASEMA, onde as crianças frequentam em horário inverso ao da escola.

⁷ ASEMA – Apoio Sócio-Educativo em Meio Aberto.

aponta, como objetivo principal da família contemporânea, a capacidade de reconhecer a necessidade essencialmente humana de afeto, que é a mola propulsora de todo o movimento em direção à busca da convivência e não apenas como aquela que tem que gerar descendentes e garantir a manutenção do patrimônio. O que seria esse conviver em família? Que relações de afeto são possíveis serem pensadas em diferentes configurações de família?

Assim, para aprimorar meus estudos, resolvi ingressar no PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, aprofundando algumas questões que tiveram início lá na minha graduação e que necessitavam de mais referenciais teóricos e metodológicos. Identifiquei-me com os objetivos do PPGEA por sentir a necessidade de me tornar um agente transformador na construção de conhecimentos dentro das questões sócio-ecológico-ambientais que permeiam as populações de risco. Assim, fui procurar ler mais a respeito do que é ser um Educador Ambiental.

Na página do PPGEA⁸, na internet, o Projeto Político Pedagógico⁹ muito me interessou, pois propõe *uma ação coletiva que desenvolva processos sistemáticos e contínuos de (re)aprender, (re)construir, dialogar, avaliar, rever conceitos e posições, em uma construção solidária, participativa, social*. Deste modo, ingressei no PPGEA com a proposta de aprofundar minha experiência com os grupos familiares, nos quais já estava inserida.

Buscando amadurecer a pesquisa e caminhando pelas disciplinas do Mestrado, alguns olhares foram se modificando. Meu foco sempre foi a família, mas a relação família e tecnologias começou a configurar um novo espaço em minhas leituras. Em uma reunião de orientação, escrevi em meu diário que “*a sociedade muda, as pessoas mudam, as famílias mudam*” (07/04/11) e, a partir desta afirmação, é possível pensar em como as famílias compreendem suas relações a partir do ambiente digital.

O interesse por esta temática surge também a partir de algumas observações em minha própria família, onde os membros da casa conversam pelo MSN¹⁰, porém cada um no seu computador, em seu quarto. Observava e ficava pensando nos sentidos desta interação, pois, quanto mais observava, menos compreendia o motivo das pessoas estarem tão próximas fisicamente e tão separadas ao mesmo tempo. O fato é que existe uma tela, a internet e menos de um metro separando duas pessoas que optaram em conversar mediadas pela tecnologia.

⁸ PPGEA – Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental - <http://www.educacaoambiental.furg.br/>

⁹ PPP- encontrado no site www.educacaoambiental.furg.br

¹⁰ MSN (Microsoft Service Network) é um portal e uma rede de serviços oferecidos pela Microsoft em suas estratégias envolvendo tecnologias de internet. O logotipo representa uma borboleta, que "captura a imaginação e a liberdade" de conversar no MSN. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Msn> - acesso em 17/06/11)

Palfrey e Gasser (2011) lançam algumas denominações que merecem ser destacadas. Os professores de Harvard chamam de *Colonizadores Digitais* aquelas pessoas mais “velhas”, que estavam presentes no início das transformações, na década de 1970, onde é possível perceber as mudanças a partir do computador, dos telefones, da internet. São usuárias dessas tecnologias, mas ainda utilizam as formas tradicionais e analógicas de interação. Chamam de *Imigrantes Digitais* aqueles que aprenderam a usar as tecnologias “tarde na vida” e, de alguma forma, estão aos poucos se apropriando. Denominam de *Nativos Digitais* aqueles que nasceram na era digital, que começaram a aprender na linguagem digital e só conhecem esse mundo, considerando Nativos todos aqueles que nasceram depois de 1980.

Muitas vezes, a temática desta pesquisa causou-me muitos desconfortos, pois sempre questionei algumas práticas existentes com relação às tecnologias digitais. Por exemplo, quando os autores Palfrey e Gasser (2011) trazem essas questões fazem-me pensar que todas as pessoas precisam estar familiarizadas e de alguma forma devem se apropriar das tecnologias para viver na sociedade atual. Ainda fiquei extremamente incomodada, quando assisti a palestra “Uso das redes sociais na Web para tornar a inteligência coletiva possível”, de Pierre Lévy, na Universidade Federal de Rio Grande - FURG (2010), quando ele disse que todos precisam estar conectados. Questionei essa afirmativa, pois pensava nos grupos, nas famílias em que trabalhei, que não tinham internet e que, de alguma forma, não se sentiam pressionadas por isso.

Eis, aqui, a contribuição do processo desta pesquisa para compreendermos nosso próprio modo de ser. Este trabalho vem contribuir para auxiliar a entender minhas próprias inquietações, na medida em que, como usuária e vendo essas relações dentro de minha própria família, tenho um ponto de partida inegável, uma hipótese que, por vezes, até me assombra: Será que as tecnologias estão afastando as pessoas? Uma hipótese que não nasce à toa, mas vem acompanhada de vivências enquanto usuária e observadora das tecnologias digitais.

Quando penso em tudo o que gostaria de avançar na pesquisa, lembro-me das reuniões de orientação, onde sempre era lembrada com relação à amplitude que queria dar a pesquisa e, realmente, em um mestrado, temos que tentar manter o foco, pois o tempo é breve. O amadurecimento da temática resulta hoje no desejo de compreender as relações sociais que se estabelecem nas famílias que fazem uso intenso das tecnologias digitais.

Busco os fundamentos da Educação Ambiental para me auxiliar a entender essas relações numa perspectiva social entre os sujeitos. Loureiro (2006) enfatiza que é necessário

efetuar uma ação educativa plena, integral e articulada a outras esferas da vida social, para que se consolidem iniciativas capazes de mudar o modelo contemporâneo de sociedade.

Esta pesquisa foi movida por muitos questionamentos, os quais serão apresentados no decorrer da escrita, não com o objetivo de respondê-los, mas são inquietações que moveram novas reflexões. A intenção é problematizar as relações sociais mediadas pela tecnologia e o que os avanços tecnológicos têm contribuído para a constituição dessa outra maneira de se comunicar da sociedade.

Optei por trazer o registro desta trajetória acadêmica para poder apresentar minha história e constituição como educadora. Desta forma, é possível compreender minha opção por esta temática de pesquisa, e os caminhos que foram trilhados para chegar até aqui.

No capítulo que segue, será apresentada a contribuição da Educação Ambiental para me auxiliar a pensar as relações sociais familiares. Passamos assim para o capítulo onde a Educação Ambiental potencializa algumas discussões para além do ambiente natural.

II - DIALOGANDO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

“A natureza e o homem não podem ser compreendidos separadamente. Não existe uma natureza humana separada de outra natureza”.
Eunice Trein

Ultimamente, o mundo está voltado para as questões ambientais, ainda que esse tema se restrinja de certa maneira a um determinado grupo de pessoas que se interessa pela temática e caminha nesse campo, como pesquisadores, cientistas e ambientalistas. A preocupação com o meio ambiente, para grande parte da população, está relacionada à escassez dos recursos naturais, pois afeta diretamente seu modo de vida.

O ambiente natural tem se tornado alvo de campanhas publicitárias, a fim de expandir o grande mercado verde. Essa proposta serve apenas ao mercado ou é também reconhecida como propostas sócio – ambiental/ais? Quais são os reais interesses que estão por detrás desse levante em prol do verde? Estas questões movimentam a discussão deste diálogo com a Educação Ambiental que este capítulo propõe.

As maiores preocupações atuais, principalmente divulgadas pela mídia, giram em torno das grandes catástrofes decorrentes de um ingente sistema de desenvolvimento que sobrecarrega tanto as esferas ecológicas como as sociais. Percebemos a inquietação de uma parcela da sociedade com os problemas ambientais existentes, dentre os quais o aquecimento global, a diminuição da camada de ozônio, a poluição do ar, a escassez de água potável, os alimentos transgênicos, o fim dos recursos naturais, os desastres ambientais, dentre outros. Porém, dentro dessas complexidades vivenciadas e pouco difundidas, há um grande embate do senso comum pouco reflexivo a respeito dessas questões.

Culturalmente repetidas em nossa sociedade as pessoas assimilam certas práticas sem pensar em uma esfera global, onde, ao separar o lixo reciclável e ao fechar a torneira, os indivíduos obtêm uma consciência tranquila do “eu faço a minha parte”. Percebemos que essa discussão parece estar enraizada em um discurso preservacionista, onde o embate social gira em torno apenas do “cuidado” com o meio ambiente. Muitos parecem preocupados com a preservação do planeta e com a escassez de recursos, até que não interfiram diretamente em seu conforto pessoal. Como profissional no curso do Programa de Pós-Graduação em

Educação Ambiental, em uma Universidade que tem, como base, o ecossistema costeiro, é importante questionar quais são os rumos que nossa sociedade está trilhando.

A ausência de reflexão comprometida no campo da Educação Ambiental pode ter como consequência entendimentos desconexos a respeito dessa área, onde a consciência de “cuidado” com a natureza é parte isolada do ser humano; assim, a relação ser humano-natureza fica fragmentada. Nesse sentido, podemos pensar que:

[...] a compreensão dos elementos isolados gera a ideia de um perfeito domínio sobre o objeto estudado. No entanto, cada elemento analisado isoladamente produz um conhecimento parcial e descontextualizado da materialidade histórica que o constitui. Essa forma de conhecer, aparentemente neutra e objetiva, oculta o fato de que a natureza e o homem não podem ser compreendidos separadamente. Não existe uma natureza humana separada de outra natureza. Só podemos entender o ser humano, sua história e sua cultura, em relação com a natureza. É na relação que os seres humanos (que são natureza) estabelecem com ela, pela mediação do trabalho, que eles constroem suas relações sociais. (TREIN, 2008, p. 42)

O ser humano percebe-se como parte integrante da natureza, mas há um certo distanciamento nessa percepção, na medida em que o homem não compreende, que ao falar da natureza está falando de si mesmo. Essa dissociação pode justificar muitas práticas de destruição.

Muitas vezes diz-se querer salvar a vida e o planeta, mas reproduzem-se as mais perversas e desiguais relações sociais que situam tanto um processo de exploração da denominada natureza exterior quanto do ser humano na sua totalidade. (LOUREIRO, 2006).

Neste sentido, e seguindo as ideias de Loureiro, podemos pensar também na ideologia dominante, onde os interesses individuais são exaltados e o mercado é quem ganha com toda essa discussão. Percebemos o aumento desenfreado do consumo dos produtos *ECOS*, ditos ecológicos, adequados para o planeta, mas não para o bolso; seria o grande mercado “verde” como já diria Carvalho (apud GUIMARÃES, 2000).

As empresas vendem seus produtos sustentáveis, fazendo aquilo que seria uma responsabilidade com o planeta; porém, por trás disso, existe o propósito do lucro no mercado capitalista. De certa forma, o consumidor “livra” sua consciência, quando adquire esses produtos, tornando as relações relativas ao meio ambiente cada vez mais pautadas pelo mercado.

Alguns supermercados sugerem ao consumidor a sacola retornável e outros já nem as oferecem mais. O cliente é responsável por providenciar como carregar suas compras, mas se

ele quiser comprar a sacola plástica, ela estará disponível para a venda. Uma espécie de propaganda subliminar que circula em um som suave dentro do supermercado afirma ao consumidor que aquela empresa está preocupada com o futuro do planeta, por isso não oferece mais sacolas. Mas, se o cliente quiser, pode comprar uma para guardar seus itens. Será que existe a preocupação com o meio ambiente?

Todo esse comércio verde acabou impulsionando a criação de uma nova indústria, alimentada por milionárias campanhas de *marketing*, que servem apenas para endossar um ideal utópico, que não será obtido através de figuras de linguagem, belas expressões ou paisagens, impressões em folhas recicladas ou *sprays* sem CFC¹¹. Primeiramente, é necessário que se configure uma consciência individual para a responsabilidade com o ambiente em que vivemos. As propagandas pró-preservação ambiental, difundidas de forma viral pelos meios de comunicação, defendem uma união universal em torno do globo, sem debater a questão de maneira séria.

Pensar em questões alusivas à Educação Ambiental é problematizar a própria transformação da nossa sociedade que está associada ao avanço das tecnologias da informação e comunicação, às crises socioambientais, econômicas, políticas, bem como aos movimentos sociais em busca das chamadas “sociedades sustentáveis”, presentes a partir da Eco-92¹². Dentro dessa perspectiva, vale questionar quem é o educador ambiental? Qual o seu papel? Que lugar ele ocupa na sociedade? Questões voltadas à identidade do Educador Ambiental ainda são pouco difundidas na sociedade contemporânea. (LOUREIRO, 2006)

No campo da educação escolar, Guimarães (2000) nos diz que em nossa sociedade existem diferentes projetos educacionais e visões de mundo, dentre as quais as conservadoras e as críticas. Entendendo como conservadoras as práticas comprometidas em manter o atual modelo de sociedade e, por críticas, aquelas voltadas para a transformação da sociedade em busca da igualdade e justiça social. Seguindo nessa ótica, Loureiro (2006) diz que:

Tratamos a educação ambiental definida no Brasil a partir de uma matriz que vê a educação como elemento de transformação social inspirada no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na superação das formas de dominação capitalistas e na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade. Diálogo entendido em sentido original de troca e reciprocidade, oriundo

¹¹ CFC – Cloro flúor carbono – componente de *sprays* aerossóis.

¹² ECO 92 - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada entre 1992, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. O evento, que ficou conhecido como ECO-92 ou Rio-92, fez um balanço tanto dos problemas existentes quanto dos progressos realizados, e elaborou documentos importantes que continuam sendo referência para as discussões ambientais. (<http://www.brasilecola.com/geografia/eco-92.htm>) acesso em 15/03/11.

do prefixo grego *dia*, tornando-se a base da educação. Numa perspectiva transformadora e popular de Educação Ambiental, nos educamos dialogando com nós mesmos, com aquele que identificamos como sendo de nossa comunidade, com a humanidade, com os outros seres vivos, com os ventos, as marés, os rios, enfim, o mundo, transformando o conjunto das relações pelas quais nos definimos como ser social e planetário (LOUREIRO, 2006, p.24).

Desta forma, Educação Ambiental é o nome que historicamente se convencionou dar às práticas educativas relacionadas à questão ambiental. Assim, Educação Ambiental designa uma qualidade especial que define uma classe de características que, juntas, permitem o reconhecimento de sua identidade. (LAYRARGUES, 2004). Porém, se pensarmos de forma planetária, a adjetivação proposta não é tão necessária, como já diz Loureiro (2006), tendo em vista que a educação, como um todo, é ambiental, pois esta faz parte da sociedade. Onde viver em cidadania e com qualidade de vida é o anseio de todos.

Nesse contexto, podemos nos remeter ao conceito de educação. A LDB - Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos diz, em seu artigo 1º que: “A educação abrange processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

O conceito de educação é um processo que compreende as diferentes práticas sociais, e as relações do indivíduo nos mais diversos contextos, como: família, escola, comunidade, sociedade, e podemos dizer também a internet, dentre outros. Essas vivências e interações sociais possibilitam ao sujeito a construção de novos conhecimentos, contribuindo para o seu crescimento pessoal.

Para Freire (1983), a educação é um instrumento que possibilita o desenvolvimento da consciência crítica do sujeito, pois, à medida que ele compreende a realidade, torna-se capaz de transformá-la e pode contribuir para a gestão de alternativas sustentáveis, que valorizem e respeitem o meio ambiente. Penso que é desta forma que Loureiro (2006) diz não ser necessário adjetivar a Educação Ambiental, pois a Educação em si já é Ambiental.

Dentro dessa perspectiva de Loureiro, e referindo-se ao tema de abrangência desta pesquisa, vale destacar a razão deste trabalho com famílias ser uma temática pertinente no campo da Educação Ambiental. Pensar em famílias é pensar em um microsistema que vem a cada dia sendo alvo de diferentes ressignificações, e é nesse âmbito que a Educação Ambiental vem contribuir para a reflexão para além do ambiente natural. Loureiro (2006) insiste em nos dizer que não é possível transformar a relação humana-natureza sem

transformar as relações sociais. Sigo as idéias de Loureiro, quando afirma que é impossível descontextualizar a educação ambiental das práticas sociais. Por essa razão, esta pesquisa busca compreender as relações sociais estabelecidas em famílias que fazem uso das tecnologias digitais. Esta temática será discutida de forma mais detalhada no Capítulo III deste trabalho.

A educação ambiental deve estar presente em outras esferas da vida, seja na escola, na família ou nos mais diferentes contextos e instituições sociais. A esse respeito, Loureiro (2004) diz que:

[...] não é suficiente em si realizar uma práxis educativa cidadã e participativa, se isso não se relacionar diretamente com outras esferas da vida (família, trabalho, instituições públicas, modo de produção, interações ecossistêmicas, etc.), vendo a educação como um processo global, para além do ensino formal. Do contrário, se perderia sua dimensão revolucionária. É idealismo ingênuo e simplista creditar a educação a “salvação do planeta [...]” (LOUREIRO, 2004, p. 97)

Não podemos negar a importância de cada esfera social em que o indivíduo transita e as aprendizagens adquiridas. É necessário pensarmos nas influências desses lugares, pois se compreendermos as aprendizagens a partir das relações com o mundo, perceberemos o quanto somos influenciados por ele. Dentro da perspectiva da pesquisa, questiono as relações estabelecidas no ambiente virtual no meio familiar, compreendendo de que forma o cruzamento entre o virtual e o presencial possibilitam uma analogia significativa.

Em busca desta nova forma de compreender as relações sociais, aproximo-me das ideias de Loureiro (2004), quando diz que é impossível dissociar a Educação Ambiental dos problemas sociais. As relações sociais são fundamentais para a EA, já que não existe o “eu” sem o “outro”. Para o autor, a sociedade constitui-se através da conscientização que promove o diálogo, a troca de saberes e a transformação ativa da realidade e das condições de vida. O homem precisa sentir-se parte do ambiente, pois não só o constitui através de suas ações, mas também se constitui com as relações estabelecidas nele.

Penso que questões voltadas às interações em rede, relações mediatizadas pelas tecnologias digitais nas famílias, são temas que devem ser problematizados pelo olhar da Educação Ambiental, uma vez que compreende os diferentes ambientes em que o indivíduo atua em suas relações sociais.

Segundo Reigota (2004), o “meio ambiente” é

[...] o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (REIGOTA, 2004, p.14).

Em suas análises, o autor propõe algumas reflexões para a prática da Educação Ambiental dentro de um contexto ecológico, político e social. A Educação Ambiental tem colaborado para uma intensa discussão a respeito da educação contemporânea de uma forma geral, já que as percepções vigentes não dão conta da complexidade do cotidiano em que vivemos nesse final de século (REIGOTA, *ibidem*). O autor ressalta que o desafio da Educação Ambiental é “sair da ingenuidade e do conservadorismo (biológico e político) a que se viu confinada e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais” (REIGOTA, *ibidem*, p.28).

É pelo olhar de Reigota, nessa complexidade de relações sociais, que se dá, neste trabalho, uma atenção especial às relações familiares, já que elas são as maiores instituições de convívio na sociedade, e interferem na constituição do sujeito. É a partir das relações cotidianas, das interações realizadas, que vamos tecendo uma rede de significados a respeito de uma tríade que se complementa: famílias, era digital e Educação Ambiental. Direcionada para estas temáticas, busco lançar olhares mais atentos para as relações sociais construídas em ambientes familiares, tentando compreender, assim, as interações estabelecidas nesses ambientes em que o virtual e o presencial se entrecruzam e constituem um outro modo de se constituir relações.

Problematizo, nesta investigação, o contexto social, no qual experiencio uma série de acontecimentos marcados pelas tecnologias de informação e comunicação que influenciam diretamente as relações humanas, já que os ambientes virtuais, dentre outros avanços tecnológicos, acabam por construir outro modo de se relacionar na sociedade. O atual momento pode ser definido como o que alguns autores chamam de “era da informação” (CASTELLS, 1999). Esse período é caracterizado pela mudança na maneira de se comunicar da sociedade e, também, pela crescente valorização das tecnologias digitais.

Com relação às novas tecnologias e às novas leituras, a partir das quais Cascino (2003) salienta que:

A inserção no cotidiano do planeta de máquinas que desenvolveram sobremaneira os sistemas de comunicação (computadores, telefones, rádios e televisores), ao lado de meios de transporte velozes, possibilitou uma radical transformação das coordenadas

tempo-espaço. Isso resultou na mais profunda transformação da representação de território, que até então o ser humano experimentara (CASCINO, 2003, p.42).

Com base nas idéias do autor, podemos perceber que o avanço tecnológico das últimas décadas derrubou barreiras de tempo - espaço. Atualmente, já é possível conhecer diferentes culturas e lugares, sem sair de casa. Toda essa transformação tem mudado radicalmente o modo de viver em sociedade. No entanto, é interessante questionar como as pessoas têm lidado com esse novo cenário.

As seguintes questões são problematizadas: Como vivem as famílias *plugadas*¹³ nesse ambiente digital? Como os sujeitos da pesquisa compreendem as relações que estabelecem tanto entre si como nos ambientes virtuais que frequentam? As questões aqui ressaltadas buscam promover discussões acerca das relações sociais que se estabelecem, mediadas pela internet.

A discussão aponta para o fato de que essa outra realidade produz um novo modo de se pensar a sociedade e as relações interpessoais e, portanto, as familiares, estando situadas dentro do paradigma da sociedade contemporânea, imersa nas tecnologias da informação e comunicação. Nossa sociedade está marcada pelas mídias digitais e é notório que elas têm influenciado nossas vidas significativamente.

Nesse movimento de reflexão, Loureiro (2004) nos diz que é necessário pensar em uma Educação Ambiental como um elemento de transformação social para superar as formas de dominação capitalistas. O autor sugere que a proposta da EA seja estendida aos diversos segmentos da sociedade, como forma de buscar uma ação transformadora, que possa romper com os paradigmas vigentes.

A finalidade primordial da educação ambiental transformadora] é revolucionar os indivíduos em suas subjetividades e práticas nas estruturas sociais-naturais existentes. [...] atuar criticamente na superação das relações sociais vigentes, na conformação de uma ética que possa se afirmar como 'ecológica' e na objetivação de um patamar societário que seja a expressão da ruptura com os padrões dominadores que caracterizam a contemporaneidade. (LOUREIRO, 2004, p. 73)

Como afirma Loureiro (2004), é importante perceber a educação ambiental com o viés da transformação social que, através do diálogo coletivo, no exercício da cidadania, rompe-se com todas as formas de dominação e imposição capitalista da nossa sociedade, promovendo

¹³ *Plugadas* – termo utilizado pela autora para referenciar que as famílias estão conectadas na rede.

assim a criação de espaços coletivos para o convívio social, pensando em possibilidades para outras formas de organização societária.

Acrescento ainda as idéias do mesmo autor a respeito dos modelos sociais que vivemos, quando diz:

A sociedade livre não é a que exerce a dominação da natureza, objetivada no capitalismo pela exploração tanto em relação a nossos grupos sociais quanto em relação aos demais seres vivos. Sociedade de homens e mulheres livres é a que permite o estabelecimento democrático das relações sociais sustentáveis à vida planetária sem incorrer em preconceitos e desigualdades que impossibilitem o exercício amplo da cidadania. (LOUREIRO, 2004, p.79)

Entendendo a Educação Ambiental como um processo de transformação e de emancipação dos indivíduos, é necessário problematizar as relações sociais e as formas como se constituem na era da informação.

Podemos pensar nos atuais avanços da nossa sociedade, nas transformações digitais, sociais, familiares e afirmar que, com o avanço das tecnologias digitais na chamada “era digital”, as relações também foram se transformando, inclusive as familiares. Esta proposta será problematizada com mais ênfase no capítulo que segue, onde busco desenvolver a relação entre famílias e tecnologias digitais.

III - FAMÍLIAS EM REDES: O USO DAS FERRAMENTAS DIGITAIS NAS RELAÇÕES SOCIAIS

*Os homens criam as ferramentas,
as ferramentas recriam os homens.
(Marshall McLuhan)*

A ideia de família que será abordada na pesquisa, está relacionada a um grupo de pessoas que compartilha o mesmo espaço, não tendo necessariamente um grau de parentesco. Conceituar a palavra família seria um tanto complexo em vista da diversidade existente de relações familiares e núcleos constituídos atualmente.

Autores como Scobernatti (2005), Schreibder (2001), Sarti (2005) estudaram acerca da família em sua amplitude, desenvolvimento histórico, bem como os modelos familiares que foram se constituindo ao longo do tempo. Destaco aqui Schreibder (ibidem), quando diz que a família constitui um núcleo social restrito que movimenta e anima a sociedade na qual está inserida. A esfera social da família é formada por pessoas que possuem laços afetivos muito fortes. Essa afeição gera necessidade de convivência que, por sua vez, dá origem ao chamado núcleo familiar. Partindo desta compreensão de família, os sujeitos desta pesquisa não precisam ter laços biológicos para serem compreendidos como grupo familiar.

Com isto, não desejo romantizar a ideia de família, salientando que afetividade significa a constituição de laços que ligam os sujeitos, não sendo caracterizados, necessariamente, por relações de amor. E, ainda podemos pensar que essas relações não são necessariamente saudáveis, remetendo-se a famílias em situação de vulnerabilidade.

Depois da família, a escola constitui a instituição mais importante para a criança, porém sinto-me provocada, quando percebo tantos estudos sobre as práticas docentes e ainda poucas pesquisas sobre as práticas educativas familiares. Apesar das peculiaridades que as definem, tanto a escola como a família são instituições educativas de suma importância para o desenvolvimento dos sujeitos.

Podemos afirmar que, com o advento das tecnologias digitais, as relações familiares ganharam uma nova configuração, nem melhores nem piores, mas digamos que diferentes. O

espaço físico, nesse contexto, é substituído pelas telas de computador. *Webcams*¹⁴ ou outros meios digitais são utilizados para aproximar as pessoas e encurtar as distâncias, reconfigurando, assim, a idéia de espaço e de tempo.

Uma parcela considerável da sociedade contemporânea utiliza-se do *ciberespaço*¹⁵ para se encontrar virtualmente com mais frequência do que de forma presencial. Quais as razões? Praticidade, trabalho, horários, distância? Seja qual for o motivo, a internet é o recurso mais utilizado ultimamente por grande parte da população, como aponta Levy (1999).

A popularização da internet vem crescendo a cada ano. Segundo os dados do *site* Tobeguarany¹⁶ atualizados em 01/07/2011 podemos perceber as estatísticas a respeito do uso da internet no Brasil. Segundo a fonte, somos 81,3 milhões de internautas a partir de 12 anos, incluindo *lan houses*, residências e trabalho.

Outro dado que trago é a pesquisa realizada pelo IBOPE¹⁷, a qual revela que o maior número de usuários vem crescendo nas residências pela popularização da banda larga. Conforme o IBOPE, o número total de usuários de internet no Brasil no fim de 2010 (incluindo residências, trabalho e locais públicos) era de 73,9 milhões de pessoas. Podemos conferir o gráfico que segue:

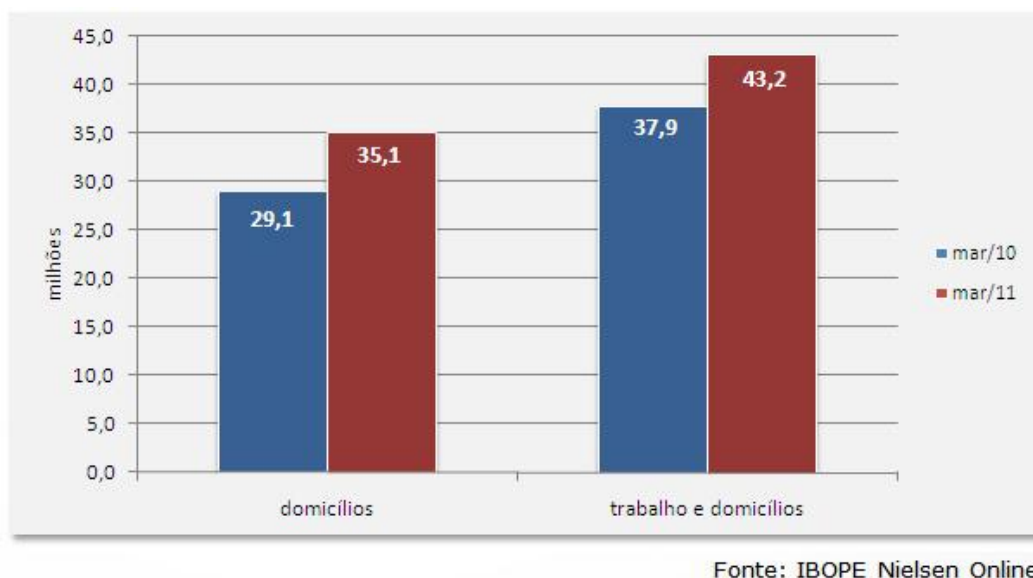
¹⁴ Webcam pode facilmente ser traduzido por câmera da internet. Essas câmeras são, na realidade, microcâmeras acopladas aos computadores (<http://www.guiabrasilblog.com/webcam>) acesso em 12/07/11

¹⁵ Ciberespaço como o meio de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores. LEVY (2000)

¹⁶ http://www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php. Acesso em: 15/08/11

¹⁷ o IBOPE é uma das maiores empresas de pesquisa de mercado da América Latina. Fornece um amplo conjunto de informações e estudos sobre mídia, opinião pública, intenção de voto, consumo, marca, comportamento e mercado. (http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=cald&docid=EB2B401AAF9B1F4F83257886004BA088) – acesso em 09/08/11

Tabela 1: Dados do uso da internet no Brasil



Considero relevante trazer esse gráfico, para visualizarmos o crescimento da internet no Brasil. A partir dessas pesquisas, há uma perspectiva que o número de usuários da rede vai dobrar até 2012, chegando a 2 bilhões. A cada dia, 500 mil pessoas entram pela primeira vez na Internet e 70% das pessoas consideram a Internet indispensável¹⁸.

Esses dados remetem-me à desigualdade social que também se faz presente no mundo digital. Conforme a pesquisa, entre os 10% mais pobres, apenas 0,6% tem acesso à Internet. Os índices de acesso à Internet das regiões Sul (25,6%) e Sudeste (26,6%) contrastam com os das regiões Norte (12%) e Nordeste (11,9%). Os dados do Centro-Oeste não foram informados na pesquisa do IBOPE.

É relevante refletir sobre a forma como essas relações virtuais se constituem e o “lugar” dos sujeitos que se encontram na “periferia” desse acesso. Deixo algumas provocações para pensarmos: Como são suas relações sociais? Como são suas famílias? Estas questões não serão apresentadas nesta pesquisa, mas foram destacadas justamente para não ficarem esquecidas.

¹⁸ Ver pesquisa no site do G1 - <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1397901-6174,00.html> – acesso em 09/08/11

Voltando aos usuários assíduos da internet, considero interessante destacar também o comércio eletrônico, o *e-commerce*,¹⁹ que vem crescendo no Brasil em dados anuais significativos. A tabela abaixo mostra esses avanços:

Tabela 2: Dados de compras on line

ANO	COMPRAS ON LINE
2008	R\$ 8,2 bilhões
2009	R\$ 10,6 bilhões
2010	R\$ 14,8 bilhões
2011 ²⁰	não atualizado

FONTE - http://www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php

Cada vez mais as pessoas usufruem de compras ou compras coletivas, sem precisar sair de suas casas. É só um *clique* e a compra será efetivada com sucesso no comércio de produtos *on line*. Atualmente, existem vários *sites* de compras e, até mesmo sites que são utilizados para comparar os preços virtuais.

Esse uso da internet é uma produção de um determinado tipo de sociedade que busca reconstruir modos diversos de se relacionar com outros, e que pode produzir e reproduzir uma ideia de tempo mais acelerado. As discussões realizadas no campo da Educação Ambiental contribuem para pensar essa nova configuração de comércio, uma vez que buscam respaldar a análise da chamada crise socioambiental que cimenta o paradigma societário baseado na lógica capitalista.

A busca pelo projeto de vida ideal, aliada ao processo de individualidade que atinge o homem contemporâneo, faz com que, cada vez mais, se busque amparo no campo *cibernético*. As relações reais são substituídas pelas interações virtuais, onde os toques se restringem ao teclado. O ambiente virtual, assim, reescreve a idéia de “real”.

Paula Sibilia (2008), pesquisadora das redes sociais, em uma entrevista para a revista IHU On-Line²¹, em 2008, comenta que as tecnologias correspondem a um novo modelo de vida social, e que “usamos essas ferramentas para responder às demandas de um universo cada vez mais distante daquela cultura oitocentista que incentiva a escrever diários

¹⁹ E-COMERCE – Comércio eletrônico através da internet.

²⁰ Em 2011 não foi encontrado no *site* atualizações com o levantamento dos dados; a última postagem até o momento foi em 08/11/11 – acesso em 14/02/2012.

²¹ IHU on-line – Revista do Instituto Humanistas Unisinos. Ed.283. 24/11/08.

verdadeiramente *'íntimos'*". De acordo com a pesquisadora, a vida e as relações sociais, nessa perspectiva, só ganham sentido e a pessoa só existe se aparecer para outra em uma cultura do espetáculo, como aborda em seu livro "*O Show do eu*". A autora argumenta que, de certo modo, essas relações interferem e modificam nossa forma de "ser e estar" no mundo.

Conforme Sibilia (ibidem), as pessoas utilizam as diversas ferramentas disponíveis *on line* para expor publicamente a sua intimidade como se levassem vidas paralelas, pois passam várias horas por dia desenvolvendo diversas atividades em rede. E essa exposição de si, como diz a autora, é a nossa sociedade do espetáculo, onde só é o que se vê.

Sibilia (2008) afirma ainda que esse modelo de vida social não ocorre apenas na internet, mas também nas mais diversas práticas contemporâneas, onde domina esse desejo "desesperado" de que as pessoas precisem nos enxergar, nos observar, para que assim possamos existir na sociedade. Por outro lado, encontros que antes não eram possíveis, principalmente pelo fator da distância, hoje já se tornam realidade por meio da rede de computadores, fenômeno que cresceu consideravelmente nos últimos anos com a popularização da internet.

Concordo com a autora, quando se refere que a nossa sociedade está marcada pelo exibicionismo e *status* virtual, onde é válido o que é apresentado na rede, não interessando o teor das informações disseminadas. Com o movimento da pesquisa, criei uma conta "inventiva" no *Orkut*²². Com isto, assumi a identidade de um personagem imaginário, mas de alguma forma com algum prestígio social criado pelos meus próprios "*amigos*". Esse prestígio se refere à popularidade adquirida nesse *site* de relacionamento.

Fui adicionando pessoas, que conheciam outras pessoas e, assim aos poucos, este personagem foi se tornando visível na rede, pois, ao "ser amigo" de alguém que conhece outro alguém, acabou tornando o meu personagem mais popular, ainda que eu seja amiga de várias pessoas que nunca vi antes. Recebo recados, mensagens, tenho fãs, sou adicionada a novas amizades, recebo convites, mas questiono: Que relações são essas? Imaginárias, inventadas, produzidas pelo capitalismo que, ao me vender como mercadoria, sou "comprada" por outros sujeitos também aprisionados por esse sistema? Mas, quem sou eu? Sou apenas um personagem que, em busca por alguns instrumentos para a pesquisa permitiu-se idealizar uma identidade que se popularizou por meio dessa massa eletrônica chamada internet.

²² ORKUT - É um *site* de rede social que alcançou grande popularidade entre os internautas brasileiros. RECUERO, 2009

O efeito essencial da era digital é diminuir a capacidade para controlar sua identidade como ela é percebida pelos outros (PALFREY & GASSER, 2011). E, é possível assim experimentar múltiplas identidades *on line*, sendo que, segundo os autores, os riscos associados à maneira em que as identidades dos jovens estão sendo formadas e acessadas pelos outros nesse ambiente devem ser consideradas com seriedade. A esse respeito, os autores enfatizam:

Para uma garota de 16 anos, os riscos que ela corre em revelar grande quantidade de informações relacionadas às suas identidades pessoal ou social incluem a probabilidade de que esta informação venha a estar acessível a outros por um longo período de tempo e em contextos que ela não espera. Quanto mais informações relacionadas a sua vida financeira ela revela *on line*, mais ela corre o risco de ter a sua identidade roubada, um dos crimes mais comuns do mundo. Na ocasião da revelação, ela enfrenta uma tarefa quase impossível de avaliar custos e benefícios de compartilhar informações sobre sua identidade. (PALFREY & GASSER, 2011, p.34)

É comum percebermos famílias tranqüilas, por seus filhos estarem em casa na frente do computador, estudando, lendo, interagindo ou jogando na multiplicidade de opções que a rede de computadores ligados à internet apresenta. Porém, a falsa idéia de “segurança” que o computador oferece deve ser problematizada. A exemplo disso, podemos citar o caso de uma mãe australiana que está sendo investigada por colocar os filhos “à venda” no *eBay*²³. Ao ser interrogada pela polícia, essa mãe afirmou que se tratava de uma “brincadeira”. Em outro país, ela poderia ser enquadrada por tráfico de menores, por sugerir a venda de seus filhos em um *site* reconhecido internacionalmente por ser leilão de produtos e serviços. Porém, nesse caso, a polícia concluiu que o ato feito pela mulher não se enquadra em nenhum tipo de crime previsto pela lei do país.

Outros casos que merecem atenção são os sequestros e assaltos através da internet. Muitos casos originam-se de fotos postadas nas redes sociais que mostram o estilo de vida das pessoas. Os antigos álbuns de fotografias eram apresentados em pequenos grupos sociais, mas ao serem substituídos por *blogs*²⁴, *fotologs*²⁵, *picassa*²⁶, *flickr*²⁷, e outros *sites* de

²³ eBay - Site de leilões online – confira reportagem completa no G1 - <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/07/mae-australiana-e-investigada-por-colocar-os-filhos-no-ebay.html>

²⁴ BLOG - é uma abreviação de weblog. Qualquer registro frequente de informações pode ser considerado um blog (últimas notícias de um jornal *on line*, por exemplo). A maioria das pessoas tem utilizado os blogs como diários pessoais, porém um blog pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins. Sua estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou *posts* (<http://www.interney.net/blogfaq.php?p=6490966>) – acesso em 14/07/11

²⁵ FOTOLOG – são sistemas de publicação que possibilitam ao usuário publicar fotografias acompanhadas de pequenos textos e receber comentários. (RECUERO, 2009)

relacionamentos, tornaram-se visíveis ao mundo. É por meio de alguns desses instrumentos que os chamados “predadores *on line*” começam a agir conhecendo a vítima, relacionando-se com ela, identificando a veracidade das informações fornecidas. A esse respeito, de modo especial sobre os *sites* de relacionamento, Smith (2009) traz um importante alerta:

[...] os sites de relacionamento social são os alvos preferidos de predadores sexuais; ali conseguem vários tipos de informação como escolas, fotos, endereços de e-mail e amigos, ou seja, dados pessoais necessários para uma nova investida. Muitas crianças não entendem os riscos dos sites de relacionamento e se colocam em perigo ao divulgar dados pessoais em demasia. É obrigação dos pais conhecerem essa tecnologia (SMITH, 2009, p.61).

Nos Estados Unidos²⁸, por exemplo, a polícia criou uma nova divisão, que irá monitorar as redes sociais, com o objetivo de encontrar criminosos que mostram planos através das redes sociais. Então, é importante pensarmos em até que ponto a internet é um meio seguro de divulgação de informações. Tudo o que é postado na internet é de fácil acesso no mundo inteiro e, por isso, o acesso às redes sociais tem preocupado tanto os pais, professores, autoridades da área de segurança, pesquisadores... As informações que os jovens estão colocando nos formatos digitais são facilmente acessadas por qualquer um, incluindo pessoas que eles não conhecem (PALFREY & GASSER, 2011).

Considero importante trazer estas questões por se tratar de uma realidade existente e, que, muitas vezes, só são difundidas quando já não há o que fazer. É importante pensar que as relações sociais estabelecidas no ambiente virtual podem muitas vezes tornar-se perigosas.

A internet é percebida, no senso comum como uma ferramenta naturalizada por nossa sociedade e de extrema importância para a vida cotidiana. Já ouvi, de diferentes pessoas expressões como “eu não vivo sem a internet”. Essa extensão de si, que as pessoas assimilam a respeito da ferramenta, deve ser pensada. O *status* perigoso de imprescindível que a internet assumiu para a sobrevivência das pessoas usuárias merece ser questionado.

A *Web* tornou-se uma grande facilitadora de um determinado modo de relação, encurtando distâncias físicas e aproximando pessoas, como propõem os principais defensores dessa ferramenta (RECUERO, 2009; LEVY, 2010; GASSER e PALFREY, 2011).

²⁶ PICASSA - é um programa de computador que inclui a edição digital de fotografias e cuja função principal é organizar a coleção de fotos digitais presentes no computador, de forma a facilitar a procura por fotografias específicas por parte do usuário. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Picasa>) - acesso em 14/07/11.

²⁷ FLICKR – É um *site* que permitia, originalmente, apenas a publicação de fotografias, textos acompanhado-as e comentários, mas que recentemente, acrescentou também a possibilidade de publicação de vídeos. (RECUERO, 2009)

²⁸ Reportagem encontrada no site - <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/08/policia-de-ny-cria-divisao-para-encontrar-criminosos-na-internet.html> - acesso em 13/08/11

A partir da noção clara de que a cultura contemporânea é caracterizada pelo uso crescente das tecnologias digitais, é possível notar o surgimento de uma nova relação entre a técnica e a vida social, que, ao mesmo tempo, proporciona o surgimento de novas formas de agregação social no ambiente virtual. Esse espaço, por sua vez, possui práticas culturais específicas que constituem a chamada *cibercultura*.

Antunes (2003) diz que a *cibercultura* é o conjunto de técnicas, normas, regras, atitudes, práticas, valores e modos de reflexão que se desenvolvem juntamente com o crescimento da internet. Para o autor, esse movimento acontece com a passagem do computador pessoal para o computador coletivo, multiconectado através da rede *on line* ou pelo *ciberespaço*. O *ciberespaço* constitui-se no espaço onde se processam as trocas sociocognitivas e também o grande volume de informações.

Sabemos que a tecnologia influenciou e influencia a nossa maneira de pensar e de agir. O mundo está diferente e isso não podemos negar. Cada vez mais sentimos os efeitos de um planeta globalizado, onde não há mais limites entre o real e o virtual. Com o avanço das tecnologias digitais, as relações sofreram e ainda sofrem muitas alterações e estão diferenciadas pelo alto índice de interações realizadas. Sibilia (2008) traz uma interessante reflexão a respeito das subjetividades construídas na rede e merece atenção, quando diz:

A rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades: em seus meandros nascem formas inovadoras de ser e estar no mundo, que por vezes parecem saudavelmente excêntricas e megalomaníacas, mas outras vezes (ou ao mesmo tempo) se atolam na pequenez mais rasa que se pode imaginar. (SIBILIA, 2008, p. 27)

Muitas pessoas buscam, na rede de computadores, o lazer, a troca de experiências, a informação, o conhecimento e, ainda, as relações afetivas têm crescido muito, constituídas por meio da internet. Em contrapartida, encontramos muitas pessoas que buscam pertencer ao seu espaço de ser e estar no mundo, marcando suas presenças, mas revelando suas vidas através da rede. Seria interessante questionar qual o interesse e fascínio que a internet causa nos sujeitos?

O uso das ferramentas digitais nas relações sociais assume um “outro” modo de estabelecer relações motivado por esse sistema mais acelerado. Comungo das ideias de McLuhan (2006), quando diz que os homens criam as ferramentas, e as ferramentas recriam os homens. A internet vem ganhando um outro *status*, como já comentado, o de necessária e, de

alguma forma, mudamos algumas estruturas em nossas vidas em prol das tecnologias, nos “moldamos” para nos adaptarmos a elas.

Em pouquíssimo tempo, as tecnologias estão sendo superadas “obrigando-nos” a substituí-las com uma grande rapidez. Um exemplo disso é o aparelho de DVD que, tendo-se popularizado, já está sendo substituído pelos aparelhos de *Blu-ray*²⁹. Essa tecnologia pretende substituir o DVD e o mercado não oferecerá mais discos em DVD, obrigando assim o consumidor a adquirir o novo aparelho que oferece uma ótima definição na imagem.

Os estudos que venho realizando até o momento possibilitam-me pensar na significância da relação entre famílias, era digital e Educação Ambiental. Nesse contexto em especial, a Educação Ambiental perpassa muitas questões para além do ambiente natural, questões relativas às relações humanas. A sustentabilidade não apenas dos recursos naturais, mas a sustentabilidade das relações sociais.

A Educação Ambiental vai além das atividades reconhecidas como ambientais, envolvem também outros contextos, a família, a escola, a igreja, o estado, enfim todos os segmentos da sociedade em que os indivíduos estão inseridos. Daí a importância de se formar educadores ambientais, pois a educação abrange outros espaços e também os grupos sociais. Dessa forma, a Educação Ambiental deve incentivar o indivíduo para participar da resolução de problemas de seu contexto (LOUREIRO, 2004).

Pensar em uma mudança radical na sociedade, tendo como base uma perspectiva ecológica, é uma utopia que não deve ser entendida como ingênua ou impossível, mas como um conjunto de idéias que tendem a gerar atividades visando mudanças no sistema. (REIGOTA, 2009). Nessa perspectiva, uma proposta é a participação dos cidadãos nas discussões exigindo a cidadania e a justiça social.

Nesse contexto, as famílias, na era digital, ganham uma significativa representação, na medida que muitas relações são vividas nesse sistema sem serem problematizadas. Vivemos em um mundo em que há um grande distanciamento das relações e onde a presença física já não é mais tão importante e o computador, a internet ocupam esse espaço.

Freire (1995) considera fundamentais as interações comunicativas entre os sujeitos, onde as pessoas são ouvidas em busca de estabelecer um objetivo comum, para assim organizar planos de estudo e de ação. Considero importante enfatizar esta idéia em um

²⁹ BLU-RAY, também conhecido como BD (de *Blu-ray Disc*) é um formato de disco óptico da nova geração de 12 cm de diâmetro (igual ao CD e ao DVD) para vídeo de alta definição e armazenamento de dados de alta densidade. É uma alternativa ao DVD e é capaz de armazenar filmes até 1080p *Full HD* de até 4 horas sem perdas. Requer uma TV full HD de LCD, plasma ou LED para explorar todo seu potencial. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blu-ray>) – acesso em 14/08/11

contexto em que as relações digitais ganham ênfase e nem sempre são configuradas de modo dialógico.

A partir das discussões apontadas até aqui parte-se para a metodologia adotada na pesquisa, onde procurou-se pensar nessas famílias com o olhar da própria família e o que ela pensa a respeito da temática em questão.

3.1. Famílias conectadas

A família moderna é a família conectada com o mundo, a família que cada um faz as suas escolhas, faz o seu caminho.

Ré Maior

A palavra “moderna” para caracterizar família foi expressa em diferentes ocasiões por um dos participantes da pesquisa. Isso porque, em um de nossos encontros, a imagem apresentada, como meio de motivar a discussão, mostrava quatro pessoas, todas em cima de uma cama, cada uma utilizando o seu computador. Essa imagem é encontrada no Google, quando se busca por família moderna; por essa razão, a mesma foi escolhida para ser problematizada junto com o grupo colaborador deste trabalho.

Figura 1: Família Moderna



Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?>

O que caracteriza uma família moderna? Essa palavra pode nos remeter a várias formas de constituição familiar. A família moderna atualmente não pode mais ser considerada

uma família nuclear, constituída por pai, mãe, filhos e um ‘bonito’ cachorro, assim como as propagandas de margarina. Com o avanço da sociedade, vários setores foram sofrendo alterações ao longo dos anos, incluindo a ciência, as leis, os costumes, a educação, o meio ambiente, dentre outros. Dentro desse contexto, a família, em seu conceito ‘inicial’, também não ficou de fora dessa série de mudanças, mas, pelo contrário, tornou-se centro de várias discussões a respeito de sua formação.

Este item 3.1. surge na pesquisa com a proposta de contextualizar o perfil da família moderna, contado pela própria família da pesquisa. Aqui os sujeitos desta investigação são chamados para, colaborando com as discussões sobre família, contribuírem na teorização a respeito do uso das ferramentas digitais nas relações sociais. Assim, busco suas falas, ainda que não as definindo, neste momento, em uma específica categoria emergente.

A imagem mostrada aos sujeitos da pesquisa, cuja dinâmica de discussão será apresentada no item 4.1.2, do próximo capítulo, causou, de imediato, surpresa na família colaboradora, que logo teceu os primeiros comentários a respeito da situação apresentada. *Ré maior* observava a figura atentamente e apressou-se em dizer que esse é o perfil da família moderna que está sempre dentro da informação.

Ao observar a imagem apresentada a eles, a primeira reação foi fazer uma comparação com a situação da própria família, tanto que *Ré Maior* falou: “*Só falta uma aqui em casa*”, certamente referindo-se à esposa que não gosta de estar na rede. Já a filha *Si*, ao observar a imagem, comenta que eles esqueceram das necessidades básicas como alimentação, por exemplo, pois na imagem há uma bandeja de alimentos, mas não é tocada pelo grupo que compõe essa foto.

Ré Maior faz uma crítica das relações sociais nas famílias modernas onde a falta de comunicação seria um dos pilares para a constituição desse outro grupo contemporâneo. Ainda compara a televisão, nesse contexto, pois ainda que seja uma forma de entretenimento, que também fascina a família, em sua opinião, a televisão de alguma forma une os sujeitos, pois estão juntos assistindo ao mesmo conteúdo, diferente da internet, onde cada um escolhe o que lhe agrada.

A única coisa que eu vejo nessa foto aí é que essa família moderna acaba virando uma família que se comunica com o mundo, mas não se comunica entre si. No tempo da televisão ficava todo mundo sentado na sala olhando pra televisão, ali cada um tá imerso no seu mundo. Cada um vendo o assunto do seu interesse, ou do que gosta de fazer na internet e do que tá acontecendo, é um isolamento dentro de casa, né?

Com relação ao isolamento, *Ré Maior* critica que o computador, se utilizado em demasia, pode causar o distanciamento entre os sujeitos, como é mostrado na imagem. Para ele, é preciso que haja uma espécie de “controle” na forma de uso da ferramenta, sob pena de não prejudicar as relações familiares. Inclusive ele propôs um limite, tema que será anunciado e problematizado no item 6.1.2 deste trabalho.

Avançando nossa discussão, tanto a mãe como a filha ficaram atentas, observando o pai comentar com entusiasmo a respeito da imagem, e traçando novamente comparativos com sua própria realidade. *Ré Maior* mais uma vez toma a frente da discussão e afirma que a família moderna é independente, pois cada um tem suas atividades, fator que contribui para esse cenário de individualismo. Destaco sua observação:

A família moderna hoje é assim: o marido tem a sua vida independente, a mulher e os filhos. Cada um tem as suas atividades, cada um realiza elas na hora que bem entende, né? E, dentro desse contexto aí, o que acontece que eu vejo da família moderna é que se participa pouco um da vida do outro, porque cada um tem a sua vida independente. Nenhum depende do outro em determinada circunstância, nem os filhos, porque tem algumas famílias que os filhos já estão trabalhando, então eles vivem juntos, mas eles não dependem do pai e da mãe. E o casal, principalmente o casal moderno, é aquele que a mulher trabalha fora, que a mulher tem a sua independência financeira, né?

Pude perceber que a observação da imagem revelou uma das maiores preocupações do pai, que se refere justamente à forma como a interação entre os membros da família moderna está ocorrendo, pois quando todos estão imersos em seus próprios afazeres, acabam esquecendo-se uns dos outros. Para ele, a individualização das pessoas acaba causando certo distanciamento, à medida que os problemas do outro não são tão relevantes, tendo em vista que o mais importante é a sua própria satisfação. Considero importante destacar sua narrativa, quando diz:

O casal acaba cada um criando o seu mundo próprio, né? Tu não participa do meu e eu não participo do teu. Não sei se é isso aí, mas essa é a maneira que eu vejo a família moderna hoje. A família moderna é a família conectada com o mundo, a família em que cada um faz as suas escolhas, faz o seu caminho.

Quando se refere ao seu caminho, *Ré Maior* indica que o computador pode levar as pessoas a viverem de maneira isolada, ainda que estando no mesmo ambiente. Em sua opinião, o fato de estarem juntas não significa que estão interagindo entre si, pois, como apresenta a imagem, cada um tem o seu foco de interesse sem se preocupar com o outro.

Quando o pai diz que a família moderna é a família conectada com o mundo, ele sugere que essa conexão é feita com o resto do mundo, podendo não estar incluídos os outros membros da casa. O elo que os une nesse cenário é o ambiente físico, pois suas mentes e atenções estão ligadas a outros espaços e realidades, as quais podem ser diferentes de suas vivências reais.

Esse tráfego de dados, proposto pelas relações vivenciadas no movimento da pesquisa, vai tecendo vários encaminhamentos, os quais chamo de conexões metodológicas. No capítulo seguinte serão apresentados os caminhos que nortearam as categorias emergentes da pesquisa que, conectados, resultaram na forma de análise dos dados desta dissertação.

IV - CONEXÕES METODOLÓGICAS: O MOVIMENTO DA PESQUISA

Chegando aos percursos metodológicos, remeto-me no caminhar deste trabalho, onde inicialmente senti-me como se estivesse em um grande labirinto. Qual caminho seguir? Incertezas, dúvidas, inquietações fizeram-se presentes por um longo período, até que pudesse encontrar a saída desse emaranhado de informações.

A investigação proposta sobre as relações familiares e as interações com os computadores foi realizada tendo em vista uma abordagem qualitativa de pesquisa. Esta metodologia busca compreender significados, crenças, valores e ações que apontam para uma análise profunda das interações e dos processos entre as pessoas e os ambientes (MINAYO, 1994).

Dentro desta perspectiva qualitativa de pesquisa, e das perspectivas de família abordadas no capítulo anterior, é que foi pensada esta pesquisa, através da qual procuro compreender como se constroem as relações familiares mediadas por ambientes virtuais. Tendo em vista tal objetivo, o problema de pesquisa é elaborado: **Que relações sociais são expressas em famílias que fazem uso intenso das mídias digitais?**

Algumas questões norteadoras auxiliaram para delimitar o tema e serviram de base para a orientação no processo de coleta de dados dessa pesquisa, as quais são: Quais as idéias de relações familiares expressas pelos sujeitos da pesquisa? Como se constitui a configuração familiar a partir da era digital? Como está sendo compreendida a relação entre família e tecnologia?

O trabalho, assim, compreende os seguintes encaminhamentos metodológicos:

1. Diálogos junto a uma família que faz uso intenso das mídias virtuais, por meio de contatos presenciais e virtuais; foram realizados 3 encontros presenciais na casa da família e vários contatos virtuais com o pai e a filha mais nova. Mais adiante será melhor explicitado o objetivo de cada encontro, bem como sua dinâmica.
2. Escrita em diário de campo do movimento da pesquisa.
3. Análise dos dados coletados por meio da metodologia de ATD – Análise Textual Discursiva, que posteriormente será especificada.

4.1. Produção de dados

4.1.1. O encontro com as famílias

O primeiro encontro com os sujeitos foi presencial, na casa da família e todos os membros estavam presentes. O objetivo era um contato inicial com todos, a fim de contextualizar os sujeitos na pesquisa, bem como explicar a importância da colaboração de cada um.

Nesta ocasião, foi sugerida a primeira entrevista semiestruturada com a proposta de deixar esta família se apresentar. A intenção deste momento era permitir que os membros deste núcleo expusessem suas vidas bem como suas vivências na rede. Como a ideia é trabalhar com relações dialógicas, é importante que a “entrevista” ganhe conotação de uma conversa mais informal.

A proposta de trabalhar com entrevistas tem grande importância para que se possa ouvir, dessas famílias, o que elas pensam a respeito de suas próprias relações familiares, a respeito das interações que realizam na rede, como elas conduzem suas vidas a partir da mediação das tecnologias digitais.

A entrevista parte de uma relação dialógica e reflexiva entre os sujeitos que fazem parte deste trabalho e, assim como Gomes (2006), considero de fundamental importância a escuta das vozes destes sujeitos. Este trabalho é aprofundado com a reflexão da ação desenvolvida também no diário de campo.

Os demais encontros foram realizados em diferentes momentos, também com entrevistas semiestruturadas. Nestes contextos, foi realizada uma análise, junto à família, de imagens e de um vídeo a respeito da relação tecnologia X família. A pesquisa previa duas entrevistas com o grupo, a partir de questões previamente definidas (Anexo1). Já a segunda entrevista foi construída após o primeiro diálogo com estes sujeitos. Estes encontros foram conversas dirigidas³⁰, de onde, a partir da observação e das narrativas das famílias, será possível chegar ao cerne deste trabalho. A configuração dos próximos encontros será detalhada posteriormente, no capítulo que segue ao Mapa dos encontros com a família.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e negociadas com as famílias. O que aqui é caracterizado como “negociação” refere-se ao termo utilizado por Engers (1994), a fim de

³⁰ Conversas dirigidas – questões que nortearam o diálogo com a família.

definir o processo em que é discutida a entrevista com os participantes tanto com o investigador como com o investigado. Neste mesmo contexto, Gomes (2006) diz que os significados da fala dos sujeitos podem ser mais enfaticamente apropriados pelo pesquisador e, por certo, pelos próprios sujeitos, buscando assim possibilitar que elementos importantes que se perderam no caminho da transcrição possam ser recuperados.

Considero fundamental ainda retornar a esta família e conversar sobre a pesquisa e como está sendo percebida essa relação entre família e tecnologias digitais, convidando-a a pensar sobre os dados coletados juntamente com a pesquisadora. Este devolver dos dados faz parte de uma concepção onde os sujeitos são participantes ativos; eles também fazem a pesquisa e não somente são investigados; eles colaboram para pensarmos juntos uma nova configuração familiar, onde a tecnologia se faz presente.

Para prosseguir, descreverei, a seguir, um pequeno fragmento do meu Diário de Campo³¹, que expressa às limitações enfrentadas durante a inicialização desta pesquisa. A dificuldade relacionada, até encontrar os sujeitos da pesquisa, causou fortes momentos de angústia, desânimo e inquietações.

Assovia o vento dentro de mim. Estou despido. Dono de nada, dono de ninguém, nem dono de minhas certezas, sou minha cara contra o vento, a contravento, e sou o vento que bate em minha cara. Eduardo Galeano
Quando encontrei esta frase de Galeano, resolvi escrever... Escrever para pensar? Não tenho tanta certeza... Neste momento, eu quero conversar com Galeano e desabafar... Me encontro em suas ideias e realmente estou “despida” de tudo e nem mesmo dona de minhas certezas com relação à pesquisa. [...] O vento que assovia dentro de mim é o da inquietação... inquietação pelas incertezas que estou vivendo com relação à pesquisa. Como vou seguir? Onde estão as famílias da pesquisa? Como vou me inserir nelas? (DC 07/06/10)

Algumas pessoas³², ao conhecer a proposta deste trabalho, mostravam-se interessadas em participar. Quando era comentado como seriam nossos momentos de conversa, esse interesse diminuía significativamente. Quais as razões deste fato?

Penso que algumas dessas pessoas, que haviam mostrado interesse, imaginavam que, ao me inserir em suas famílias e conhecer suas intimidades, iria, de alguma forma expô-las na escrita do trabalho. Afirmando isto por uma fala de uma colega: “Ah... depois tu vai contar tudo”. A todas as pessoas com quem comentei sobre a pesquisa, expliquei o real interesse e o foco da análise. Algumas demonstraram interesse, mas depois não avançaram.

³¹ Algumas vezes o texto apresentará Diário de Campo e outras apenas a sigla DC

³² Refiro-me aqui a colegas do Mestrado, Professores, Amigos pessoais.

Esta inquietação citada no meu Diário de Campo só ganhou outro sentido, quando me encontrei com os sujeitos que fariam parte desta pesquisa. Recebi muitas negativas, até chegar a uma família que concordou em participar.

Assim sendo, descrevo, a seguir a estrutura dos encontros, traçando um mapa de cada momento e explicando como foi a dinâmica trabalhada. Trago ainda, neste contexto, algumas análises expressas como modo de ilustrar os dados produzidos a partir de cada encontro; mas não pretendo, neste item, avançar nestas análises. Elas estarão presentes posteriormente nas categorias emergentes do processo de decodificação dos dados.

4.1.2. Mapa dos encontros com a família

O contato com a família foi feito previamente por *email*. Desta forma, os encontros foram realizados de forma que a maioria dos membros estivessem presentes em casa. Essa foi uma organização estipulada pelo pai, que a todo instante quis que seu grupo familiar estivesse “completo” e que pudesse contribuir com a pesquisa.

O pai, ao assumir tal postura, demonstra sua preocupação com a importância da unidade da família, para esse momento em especial. Sua atitude faz com que pense em quanto esse grupo valoriza sua relação. Ele insiste que nenhum dos membros desse núcleo familiar não esteja envolvido na pesquisa.

4.1.2.1. Primeiro encontro

O primeiro encontro foi realizado no dia 26/10/11. Durante a semana, entrei em contato com *Ré Maior*³³ por *email* e, assim agendamos um horário em que todos os membros da família estivessem em casa.

Até chegar a este primeiro encontro, estive cercada de muitas incertezas e dificuldades. Parecia que não iria acontecer. Afirmando isto porque tive muita dificuldade em conseguir “enxergar” o momento da entrevista. Este sentimento foi alimentado por um período de frustração, pois havia mais duas famílias que estavam dispostas a colaborar com a

³³ A família preferiu se identificar através de notas musicais. Assim: Ré Maior refere-se ao pai; Sol à mãe; Si à filha mais velha; e Fá Maior, à filha mais nova. Essa foi a opção realizada no momento da segunda entrevista, onde, a partir de algumas negociações e para preservar a identidade dos sujeitos, eles escolheram as escalas musicais como forma de aparecer na escrita deste trabalho.

pesquisa, mas que em algum momento limitaram os contatos. Desta forma, entendi que essas famílias não estavam mais interessadas em participar, restringindo assim a apenas uma que foi fiel até o final deste trabalho.

O dia marcado para a nossa primeira conversa foi bem tranquilo, mas fui movida por um sentimento de ansiedade misturado com insegurança, pois não sabia o que estava por vir. O que eles irão falar? Como vai ser? Vários pensamentos estavam embaralhados em minha mente e, durante nosso encontro, muitas vezes queria fugir deles, mas não conseguia. Foi o que registrei em meu Diário de Campo.

Naquele momento, parecia que eu estava querendo “investigar” esta família. E, o mais curioso pra mim, é que, como conheço eles, não sei como seria a reação. Ainda assim me senti “estranha” (DC, 26/10/11)

Uma das primeiras sensações que tive foi este estranhamento com a família colaboradora. Qual seria a razão da pesquisa junto a eles? Eu já os conhecia, mas não de maneira íntima. E inserir-me intensamente e ouvir as particularidades desta família causou-me um certo desconforto, confesso.

O primeiro momento foi curioso, pois tanto as meninas quanto o casal queriam saber o que seria perguntado. Percebi que eles ficaram de certa forma, assim como eu, “desacomodados”. Lembro que eu expliquei a pesquisa, comentei a respeito da gravação e, após a aprovação da família, escutei do pai: “*Vê bem o que tu vai colocar aí.*” O que será que ele tinha em mente naquele momento? A fala dele parece anunciar que sabe o quanto as palavras podem ganhar outra dimensão na linguagem escrita, uma linguagem que não mais é produzida por ele, mas pela pesquisadora, que se apropria da fala da família.

Neste primeiro encontro foi realizada uma conversa dirigida. A proposta deste momento era deixar que a família pudesse se apresentar e, para isso, foram organizadas algumas questões³⁴ para orientar nosso diálogo. Esta ocasião foi guiada pelos tópicos apresentados no Capítulo IV da Metodologia e constam também em anexo.

Este encontro foi muito significativo, pois a família apresentou-se e, ainda que inicialmente tenha ficado um tanto receosa, no decorrer de nossa conversa, aos poucos, todos foram revelando particularidades e contribuindo ainda mais com a pesquisa. A presença do

³⁴ Estas questões também estão nos anexos.

gravador de certa forma deixou a família constrangida. A seguir, descrevo um pequeno fragmento do meu Diário de Campo, no qual foi registrado este sentimento.

Percebi a mudança gritante do comportamento deles ao tocar o *play* do gravador. Tudo ficou muito “formal”. Não pareciam ser as mesmas pessoas. Sentí que, de certa forma, a espontaneidade foi sendo substituída por uma expressão de: “Eu tenho que falar bem”; “Eu tenho que falar bonito porque está sendo gravado”. Este foi o sentimento que tive e a impressão que fiquei. (DC, 26/10/11)

Curioso como a presença de um aparelho pode causar certo constrangimento nas pessoas. Houve um determinado momento da entrevista em que senti a família em posição desconfortável com a presença do gravador. Então, disfarçadamente, coloco uma folha em cima dele, para que não fique tão visível para eles. Penso que, sem visualizar o aparelho, deixo-os mais à vontade. E realmente ficaram.

Depois, eu é que fiquei pensando que poderia ter abafado o som ou ter comprometido a gravação, mas não houve nenhum tipo de dano. Não quero associar a “abertura” de nossa conversa a este momento, mas senti que ficou mais tranqüilo nosso diálogo. A esse respeito, Boni e Quaresma (2005) nos dizem que:

A presença do gravador, como instrumento de pesquisa, em alguns casos pode causar inibição, constrangimento, aos entrevistados. Em outros casos o pesquisado poderá assumir um papel que não é o seu, assumir um personagem que nada tem a ver com ele, ou seja, ele pode incorporar o personagem que ele acha que o pesquisador quer ouvir. Sendo assim, consciente ou inconscientemente o pesquisado estará tentando enganar o pesquisador (BONI E QUARESMA, 2005, p.77).

Não que o gravador tenha modificado algo, penso eu, mas causou, naquele primeiro instante, um sentimento de desconfiança. Parece que, de repente, todos começaram a medir as palavras, limitando-se a respostas fechadas. Mas isso passou rapidamente e a entrevista seguiu seu curso natural.

4.1.2.2. Segundo encontro

O segundo encontro foi realizado no dia 29/11/11. Da mesma forma que o anterior, marquei por *email* com o *Ré Maior* e, assim, agendamos o melhor dia para que mais uma vez

as portas de sua casa fossem abertas para esta pesquisa. Sempre senti uma grande acolhida desta família e muita disposição em contribuir com meu trabalho.

A maioria dos nossos contatos prévios foi por email e, em todos eles, eu sempre reforço a importância de sua participação. Houve um dia em que recebi o seguinte retorno: “*Estaremos sempre à disposição para te ajudar no que precisares, um grande abraço*” (03/11/11)

Em nenhum momento falei que era importante que todos os membros estivessem presentes, mas sempre senti essa disposição por parte de *Ré Maior*. Em outro momento de contato por *email*, ele responde:

Vou combinar com a M³⁵ e as gurias, estamos com bastante atividades e as gurias de prova. Assim que estivermos em casa à noite, te mando um *email*, pois temos que estar os quatro, um abraço (16/11/11).

Ainda que neste último encontro *Fá Maior* estivesse atrapalhada com as tarefas da escola, ela me perguntou se poderia ficar conosco na sala, mas que, para isso, precisava adiantar seu trabalho. Com isso, levou seu *notebook* e ficou com ele no colo durante nossa conversa. Mesmo com seus afazeres, e ainda que não precisasse estarem todos juntos naquele momento, eles insistem em permanecerem todos na sala. Até neste momento, o grupo persegue a idealização da unidade.

Neste encontro, apresentei à família o vídeo “*efecto de la tecnologia en la familia*”, com a proposta de ouvir suas compreensões a respeito do mesmo. Considero interessante apresentar algumas imagens desse recurso para ilustrar o material que foi discutido. Através dessas figuras, é possível perceber os momentos e as transformações que ocorrem no grupo apresentado no filme, a partir do efeito das tecnologias.

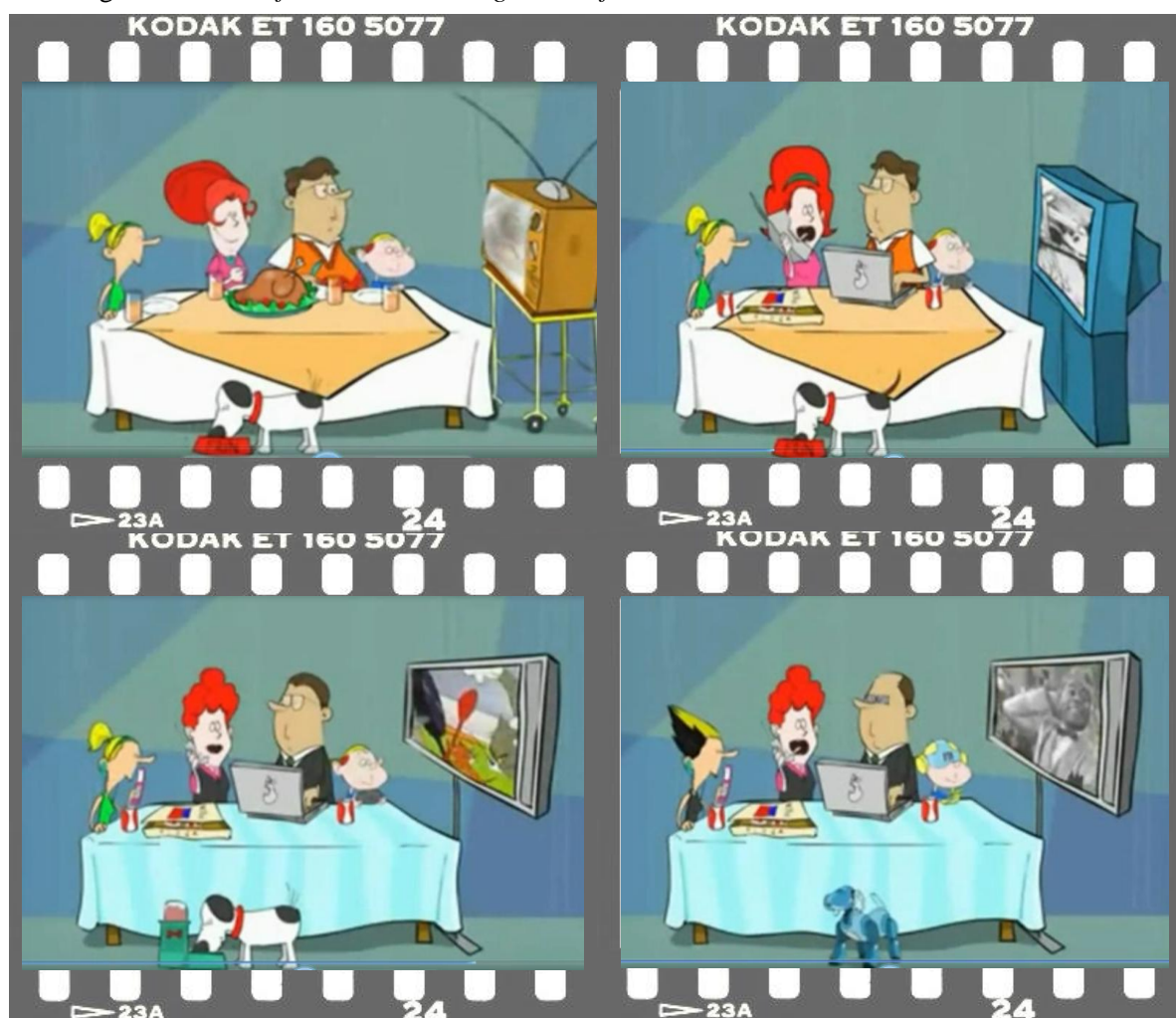
O vídeo apresenta uma situação comum do cotidiano de algumas famílias, onde a mesa das refeições serve para unir os membros desse núcleo. No caso específico dessa película, a família em questão apenas se reúne à mesa, sem que haja qualquer interação entre eles. É possível perceber que, inicialmente, o elo entre os sujeitos, além da própria mesa, é a televisão. Porém, com o desdobramento da projeção, percebo que o grupo incorpora à sua rotina outros elementos de comunicação/informação, como o telefone, o computador, o aparelho de som e o *videogame*. Essas ferramentas também são substituídas à medida que há um avanço na tecnologia, quando outras novas e mais modernas surgem.

³⁵ M. a fim de preservar a identidade dos sujeitos, quando eles se mencionam, serão utilizadas as iniciais de seus nomes.

Bauman (2008) diz que a maioria dos bens valiosos perde seu brilho e sua atração com rapidez e, se houver atraso, eles podem tornar-se adequados apenas para o depósito de lixo, antes mesmo de serem desfrutados (p.45). O olhar do autor traduz uma das mais severas atitudes da sociedade de consumo, que faz com que produtos sejam superados da noite para o dia. Equipamentos tecnológicos de última geração tornam-se completamente obsoletos, quando outros similares são lançados.

No entanto, um elemento mantém-se presente em todo o vídeo, que é a falta de interação entre os membros do núcleo. Logo no primeiro quadro, é possível perceber que todos estão assistindo a televisão, mas, no decorrer do filme, com a incorporação de novas ferramentas, o grupo assume uma postura individualizada.

Figura 2: vídeo *Efecto de la tecnologia en la familia*



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=C1711GWaFck>

Conversamos sobre a temática apresentada e uma das palavras de *Ré Maior* foi: “*Pelo menos eles estavam juntos e não cada um em um canto fazendo uma coisa.*” Essa fala remete a uma característica particular desta família, pois ainda que eles estivessem intensamente no computador durante o período em que jogavam, eles estavam juntos. Os demais membros não aprofundaram a respeito do vídeo. A *Si* falou que achou engraçado e *Sol* disse que concordava com o marido.

O vídeo apresenta várias possibilidades de análise como, por exemplo, a individualização da família e o avanço da tecnologia com o crescimento das mídias digitais. Porém, na visão de *Ré Maior*, o elemento que mais se destaca é a unidade familiar, ainda que seja somente presencial. Outro dado que ele destaca são as relações capitalistas, em função da troca dos aparelhos antigos por outros mais modernos. Acredito que possa ter sido movido pelo vídeo, onde a TV é marcada em suas atualizações e mudanças, pois, após o vídeo, ele comentou da necessidade imposta pelo mercado atual a respeito das novas gerações de televisores. “*Antes era a TV de plasma, hoje o pessoal quer um telão LCD para ver a copa*”.

Também foi levada para a família a transcrição impressa do encontro anterior, para que eles pudessem ler e aprovar o uso ou não do material. Todas as narrativas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. A seguir, descrevo um dado interessante do meu Diário deste momento:

Enquanto eles iam lendo, eu percebia que se encontravam nas falas. A N. dizia: só quero ver o que eu falei e a M. ficava perguntando: Onde tô eu, onde tô eu? O E. comentou: “*Tu é só monólogo*”. Ela disse que não era só monólogo, que falava pouco. E. lia ao lado de M. e N. com bastante atenção. Ria muito de suas falas. E a M. comentou que ele falava demais... “*Enquanto E. fala uma tripa, eu falo pouco*”. Será que ela ficou incomodada? Fiquei pensando...

Após eles lerem, o E. pediu apenas para arrumar a escrita de uma frase dele, mas eu havia explicado que, muitas vezes não usaria desta forma que organizaria as idéias, se eles permitissem. Foi uma frase que não tinha plural... “*Matamo os bicho tudo*” Ele ficou incomodado com esta escrita. Nesse sentido, é claro que eu iria arrumar. Eles riram bastante lendo suas narrativas (DC, 29/11/11).

E, por último e não menos importante, realizei, com a família, a negociação, como propõe Engers, (1994). Este momento é caracterizado como “negociação”, termo utilizado por Engers para definir o processo em que investigador e investigado debatem a respeito da entrevista realizada, buscando possibilitar quais elementos importantes se perderam no caminho da transcrição que possam ser recuperados. Assim, os significados da fala dos

sujeitos podem ser mais enfaticamente apropriados pelo pesquisador e, por certo, pelos próprios sujeitos.

Expliquei sobre a apresentação deles na pesquisa e perguntei como eles gostariam de se apresentar no trabalho. Após algumas idéias, eles escolheram utilizar notas musicais para se identificar, pois esta família em especial é de músicos e cada um toca um instrumento.

4.1.2.3. Terceiro encontro

A idéia de trabalhar no terceiro encontro deu-se a partir de algumas questões que foram surgindo no decorrer das outras duas visitas. Como proposta inicial, apresentei uma foto que está sendo veiculada nas redes sociais a respeito da “família moderna” e problematizei com eles a respeito da imagem. Deixei que a família explorasse a foto e pudesse trazer mais dados para contribuir com a pesquisa.

Figura: 03: Família moderna



Fonte: <http://www.google.com.br/images>

A família está junta, dividindo o mesmo ambiente, mas cada um na sua própria rede. Percebo tal característica, em determinados momentos, da família da pesquisa. No entanto, podemos pensar que as novas constituições familiares, mediatizadas pelas mídias digitais, têm sugerido outra idéia de união. A imagem demonstra uma reconfiguração das relações sociais familiares, movidas por um interesse em comum.

Destaco uma fala de *Ré Maior*, com relação a essa imagem, quando disse: “*Uma família que se comunica com o mundo, mas que não se comunica entre si*”. A foto demonstra o distanciamento entre os elementos daquele núcleo, fato que causou estranhamento em *Ré Maior* que, posteriormente, comparou os sujeitos da imagem às suas vivências pessoais, apenas com uma ressalva. “*Só falta uma aqui em casa*”. Ele estava se referindo à esposa, que não gosta de utilizar a rede.

Outra questão trabalhada neste encontro refere-se à primeira entrevista, onde eles comentaram a respeito de suas vivências intensas com a internet. Pontuei algumas questões que nortearam a discussão em família.

- O que seria família moderna para vocês?
- Qual o sentimento que mobilizou vocês em participar do jogo “a fazendinha”?
- O que entendem por vício no período que participavam?
- Por que jogavam?

Interessante pensar que, ainda que esta família estivesse jogando intensamente, apesar das “disputas”, na maioria das vezes eles estavam juntos. A família colaboradora procura estar unida nas suas várias atividades até no uso do computador, mesmo que não haja interação nesses momentos. Porém, este dado eles não perceberam durante nossos encontros. Quem se destacou foi *Ré Maior* em participação, tomando a frente da família em todas as circunstâncias, até mesmo nas análises dos recursos audiovisuais apresentados (fotos e vídeo) inclusive na construção coletiva.

Para finalizar, pedi uma construção da família, algo que pudesse representá-los. Foi levado papel, canetinha, enfim, aparatos para insinuar que gostaria algo registrado. Dentro dessas discussões de redes sociais, pedi que eles se representassem de alguma maneira. Afinal, essa família foi escolhida para a pesquisa, por fazer parte do mundo da era digital.

Antes de iniciar, ele pergunta para a filha e para a esposa o que elas querem que ele coloque, mas é ele que toma a frente, mais uma vez, e faz o desenho. *Si* demonstra, em fala, que é sempre o pai que faz tudo: “*Pra variar, quem que vai desenhar é o pai, quem que fala é o pai*”...

O desenho refere-se a um globo que ele chama de mundo e diz que todos os membros são participantes desse mundo, mas que procuram estar unidos e o centro dessa união é o Cristo representado pela cruz. Como pode-se ver, cada membro da família tem um símbolo. *Ré Maior* representa-se com uma pomba e diz que a pomba é paz, *paz de espírito*, comenta.

Para a *Si* ele coloca a lamparina e justifica que o seu foco de interesse é a faculdade, pois a filha faz Enfermagem. Mesmo a filha mais nova, não estando em casa ele a representa com uma clave de sol e diz que tem certeza que ela iria gostar muito, pois é muito ligada à música. E a esposa disse que queria ser um peixe. Ele desenha, mas não sabe explicar. Perguntando a *Sol* a razão dela querer ser um peixe, ela diz que se sente um peixe fora d'água, e porque é muito indecisa.

Figura 04: Representação da família na percepção de Ré Maior



Fonte: Desenho da família

Ré Maior fala nesse desenho que são pessoas diferentes e com interesses diferentes, por isso utiliza cores diferentes para representar cada sujeito, aliado ao símbolo que cada um escolheu. Lembro que *Si* demonstra ficar aborrecida, quando vê o desenho do pai e disse: *Ah não fizesse bonequinhos?* Para ela, a família seria melhor representada se fosse por imagens visuais da figura humana, imagino.

Durante o desenho, *Ré Maior* comenta que não havia pedido para ele desenhar nada relacionado à internet. Em sua fala, acabei dando-me conta que ele não entendeu minha solicitação ou, de fato, não comentei o que para mim estava claro. Assim, pergunto se eles quisessem fazer outro desenho relacionado à temática que estávamos conversando, poderiam ficar a vontade.

Para este momento levei: jornais, revistas, cola, tesoura, lápis de cor, canetinha, folha de ofício, lápis, folhetos de lojas, borracha, enfim. Esse outro desenho foi um pouco diferente. *Ré maior* toma a frente novamente, mas dessa vez a *Si* interfere e se envolve em sua produção, dizendo: “Ah, pai, coloca, é um desenho da família, e eu sou da família coloca o computador aí”. Penso que ele iria desenhar, mas ela preferiu recortar do folheto da loja e colar no desenho. Para a mãe, eles discordaram, até que ela insiste em colocar um celular. A mãe diz que eles tinham que colocar a televisão, mas tanto o pai como a filha colocaram-na com o celular.

Figura 05: Representação da família de Ré Maior



Fonte: Produção da família

Interessante que, quando ele estava escrevendo em cima de cada um, a *Si* diz para ele colocar futebol nele, mas o mesmo foi resistente. E ela insiste, dizendo que ele vê muito futebol e tinha que colocar, sim. Ele diz que, no desenho, representou cada um de uma forma, com suas características diferentes, por isso vemos os cabelos e, quando me dei conta é exatamente como eles são.

O centro da casa é desenhado em primeiro lugar, que é o pai e, realmente, *Ré Maior* toma a frente desta pesquisa todo o tempo, depois a mãe e na sequência as filhas.

Nesse desenho, ele coloca um balão em cima de cada pessoa da casa com o seu centro de interesse pela internet. Ainda comenta que é como a imagem da qual conversamos no início, dizendo: “*É essa é a nossa família*”.

O próprio movimento da pesquisa e dos encaminhamentos, principalmente do primeiro encontro a partir do diálogo com os sujeitos, acabou por encaminhar os encontros que vieram na sequência. Cada diálogo e reação apresentada pela família serviu de base para a condução dos próximos encontros e o que seria proposto para nossa discussão.

Após estes momentos de partilha com a família e sempre que estava ansiosa ou até mesmo entusiasmada com o processo da pesquisa, registrava, em meu Diário de Campo este movimento, que se traduziu em importantes reflexões. A escrita sem restrições possibilita momentos prazerosos de reflexão, um desabafo em um movimento recursivo, onde é possível falar sem que haja interrupções. Neste sentido, o papel torna-se testemunha e ao mesmo tempo cúmplice da teia de emoções e sentimentos vivenciados durante o processo.

4.1.3. O Diário de Campo

O Diário de Campo foi outro instrumento utilizado para a coleta de dados da pesquisa. Acredito que o registro das percepções e experiências no ambiente investigado seja um rico material para análise. Este instrumento não faz parte das entrevistas gravadas, mas considero-o fundamental para o trabalho do pesquisador. É através do Diário de Campo que registramos nossos sentimentos, percepções a respeito do ambiente pesquisado, as conversas informais, as situações adversas que transpassam a pesquisa e que não estão presentes na gravação. A esse respeito, Minayo (1993) diz que, nos diários:

[...] constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Fala, comportamentos, hábitos, usos costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais (MINAYO, 1993, p.10).

Defendo o Diário como um instrumento de trabalho que permite, através da escrita, como já comentado, deixar vivas minhas lembranças. Esta pesquisa está sendo marcada por fortes registros nos meus diários pessoais, onde hoje, ao reler, consigo perceber o desenvolvimento e amadurecimento da pesquisa e o crescimento pessoal adquirido através de todos os caminhos trilhados, dificuldades e superações realizadas.

O fragmento a seguir revela a angústia e o sofrimento, até encontrar a família colaboradora desta pesquisa.

Este movimento recursivo da escrita, da pesquisa que às vezes me “desorganiza”, é um constante ir e vir. Ainda não tenho respostas para algumas questões, mas penso e continuo caminhando com o mesmo desejo e encantamento de antes. Mas, quem serão as minhas famílias? Onde vou buscá-las? (DC, 03/01/11)

Neste período, estava preocupada por ainda não ter presentes as famílias para a pesquisa e penso em outros registros, em mudar a temática, mudar os sujeitos, mas nada tinha significado. Minha escrita revela uma incompletude, insatisfação por não ter estes grupos. Por esta razão, defendo o Diário como um rico instrumento, pois é através dele que ativamos na memória as experiências e limitações, os sonhos e conquistas que uma pesquisa permite vivenciar.

4.2. Decodificando os dados

A pesquisa aqui apresentada caracteriza-se, como já mencionado, como qualitativa, sendo utilizada a ATD – Análise Textual Discursiva, proposta por Moraes e Galiazzi (2007) para análise dos dados. Busca-se, assim, uma análise rigorosa e criteriosa dos dados coletados. Considero relevante comentar como é este processo de análise dos dados a partir da ATD.

Para os autores, a Análise Textual Discursiva – ATD – corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos.

[...] a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação. Não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, reconstruir conhecimentos existentes sobre os temas investigados. (MORAES e GALIAZZI, 2007, p.11)

O termo “análise rigorosa e criteriosa” pode ser entendido como “intenso”. Esta metodologia exige um mergulho do pesquisador nos dados de forma intensa, pois os dados emergem dos próprios dados. São necessários dedicação e zelo para utilizar esta metodologia, que prevê um processo detalhado e cuidadoso de análise.

Para trabalhar com esta metodologia, é fundamental organizar toda a caminhada do processo. Inicialmente, é feita uma leitura criteriosa da transcrição dos diálogos com vista à impregnação dos discursos dos sujeitos da pesquisa. Após, é realizado o processo de unitarização ou desmontagem dos textos para examinar os detalhes e assim buscar não perder nenhum dado.

Descrevo, a seguir, em tópicos, os procedimentos a serem desenvolvidos na pesquisa, quando utilizada a ATD:

- Desmontar o texto após a leitura inicial das narrativas;
- Fragmentar e codificar as unidades – o que chamamos de unitarização;
- Separar as unidades de significado do seu texto original, criando subcategorias;
- Examinar os dados das subcategorias, tentando verificar se estão classificadas corretamente - categorização ;
- Construir argumentos em um processo de descrição, interpretação e argumentação;
- Produção de metatextos a partir do conjunto de textos;

É por todo este processo criterioso de ida e volta que a ATD é um desafio como metodologia. É um processo evolutivo de análise que permite ao pesquisador um aprofundamento nos dados e uma grande intimidade com a pesquisa. A escrita e reescrita tornam-se produtivas na medida em que superamos a compreensão do processo de escrever como apenas comunicar, para concebê-la como forma de aprender sobre os fenômenos investigados (MORAES, 2009).

A construção de categorias e subcategorias auxilia a direção da escrita de forma que, na produção final do texto, percebemos, além do exercício, o desenvolvimento do processo e a habilidade adquirida tanto de síntese como de interpretação. A partir desta metodologia, será possível analisar as narrativas dos sujeitos da pesquisa. Compreende-se assim as relações sociais e como são estabelecidas através da rede de computadores.

4.2.1. A Interface do processo investigativo e os sujeitos da pesquisa

Neste item, será apresentada a trajetória dos sujeitos da pesquisa, e como ocorrem suas relações sociais a partir das mídias digitais. Abordo suas particularidades e vivências

familiares, e como se percebem enquanto usuários das tecnologias digitais, nos mais diferentes campos: trabalho, escola, lazer, dentre outros.

Como já venho trabalhando com famílias, optei pela escolha de um grupo no qual já tenho inserção para a realização desta pesquisa, buscando, de seus membros, narrativas que possibilitem, a partir dos discursos dos sujeitos, compreender a configuração familiar ali apresentada. O trabalho junto às famílias exige uma relação prévia, uma vez que tal envolvimento pressupõe uma acolhida da família em relação à pesquisa e à pesquisadora. A esse respeito, Boni e Quaresma (2005) nos afirmam que:

Para se obter uma boa pesquisa é necessário escolher as pessoas que serão investigadas, sendo que, na medida do possível estas pessoas sejam já conhecidas pelo pesquisador ou apresentadas a ele por outras pessoas da relação da investigada. Dessa forma, quando existe uma certa familiaridade ou proximidade social entre pesquisador e pesquisado as pessoas ficam mais à vontade e se sentem mais seguras para colaborar (BONI E QUARESMA, 2005, p.76).

E é esta relação que permite que a família sinta segurança em poder contribuir com a pesquisa. Para a escolha dos sujeitos, foram levados em consideração contatos prévios com a família que se mostrou disposta à participação, bem como minha experiência no trabalho com estes grupos. Outro ponto relevante foi que tais sujeitos demonstraram intensa imersão no *ciberespaço* e utilizam ferramentas virtuais para, diariamente, dialogar com outras pessoas em uma contínua interface.

A família que fez parte deste estudo é composta por quatro membros: mãe, pai e duas filhas. Optei em trabalhar com apenas uma família, para poder aprofundar mais o trabalho, caracterizando, assim, um estudo de caso. Esta pesquisa tem elementos de estudo de caso etnográfico, apresentando algumas características que justificam a utilização de tal metodologia, a saber: um grupo específico, neste caso, uma família; observação participante e, com ela, a análise de documentos, gravações, fotografias; as categorias de análise são construídas ao longo do estudo; envolve um trabalho de campo. Como diz Marli André (1995, p.29), não há pretensão de mudar o ambiente, [...] *os eventos, as pessoas, as situações são observados em sua manifestação natural* [...], por esta razão a família foi observada em seu contexto natural, ou seja, na sua casa. O estudo de caso etnográfico apresenta características da etnografia e, como diz a autora, está muito mais preocupado com a compreensão e a descrição do processo do que com os resultados (ANDRÉ, 1995, p.51). Penso que esta é

exatamente a proposta desta pesquisa a busca pela compreensão das relações familiares mediadas pelas tecnologias.

Este grupo familiar representa várias famílias da atualidade, por estar em um perfil de usuária da rede de computadores. É possível fazer esta afirmativa em função da crescente utilização das mídias digitais nas famílias. De alguma forma, a internet vem para ocupar o sentimento de vazio, como diz Bauman (2011) que faz com que o usuário precise preencher seu tempo.

[...] o advento da internet permitiu esquecer ou encobrir o vazio, e, portanto, reduzir seu efeito deletério; pelo menos a dor podia ser aliviada. Contudo a companhia que tantas vezes faltava e cuja a ausência era cada vez mais sentida parecia retornar nas telas eletrônicas, substituindo as portas de madeira, numa reencarnação analógica ou digital, embora sempre virtual: pessoas que tentavam escapar dos tormentos da solidão descobriram nessa nova forma um importante avanço com referência à versão cara a cara, face a face, que deixara de existir (BAUMAN, 2011, p. 15).

O autor aponta que a busca pela interação virtual está relacionada diretamente à individualização das relações humanas. Pessoas que se tornaram estranhas dentro da mesma casa, separadas pelas ferramentas digitais que, de certa forma, substituem o convívio familiar e amenizam a solidão.

Em seu livro “44 cartas do mundo líquido moderno”, Bauman afirma que, nesse mundo *online* ninguém fica fora, distante, nem mesmo sozinho. Como o autor mesmo diz, basta apenas um clique para encontrar a companhia de alguém, seja quem for.

Não poderia afirmar que esta é a característica da família colaboradora desta pesquisa, mas em algum momento de uso intenso da internet, eles também estavam em busca de algo. Qual seria o argumento desta família? O jogo? Prazer? Sedução? Vício? Estes elementos apareceram, sim, durante nossos diálogos, mas esta família teve um diferencial, porque até mesmo neste momento estavam juntos. Ou seja, o uso da internet é reinventado pelos usuários.

Nem sempre tal reinvenção aponta para um distanciamento, mas para outra configuração de presença. Esta família representa tantas outras. Quem sabe, outras também não reinventam o uso da internet da mesma forma? Tal família pode estar sugerindo um novo comportamento frente ao uso das mídias digitais, onde o eu é substituído pelo nós.

Penso que a família tem uma particularidade em especial, que preza por uma relação pautada no diálogo, pois até mesmo em uma vivência intensa de uso de um determinado jogo,

eles estavam unidos. Posso confirmar a afirmativa, porque durante as entrevistas o pai sempre fez questão que todos os membros da casa estivessem presentes.

Em um dos encontros com a família, foi sugerida a forma de apresentação deles na escrita deste trabalho e eles escolheram escalas de notas musicais. Desta forma, sempre que for mencionado *Ré Maior* estarei me referindo ao pai, *Sol*, a mãe, *Si*, a filha mais velha e *Fá Maior*, a filha menor. Esta negociação ocorreu em nosso segundo encontro, onde levei a transcrição da entrevista e conversamos sobre a melhor forma deles se apresentarem.

Durante este momento, *Ré Maior* deixou-me livre para escolher a melhor forma de apresentá-los. Assim sugeri que pensássemos juntos o que poderia representá-los. Descrevo um trecho do meu Diário de Campo para ilustrar essa afirmativa.

Após este momento eu expliquei que em um processo de pesquisa não usamos o nome dos entrevistados. E, perguntei de que forma eles gostariam de ser mencionados na pesquisa. A N. disse: “*tipo entrevistado 1, entrevistado 2...*” Assim, eu reforcei que era, sim, desta forma, mas questionei o que poderia representar esta família? Eles ficaram pensando e o E. disse pra mim colocar o que eu achava melhor, que eles confiavam em mim. Assim, me senti na obrigação de dar umas “dicas”...

Eu disse: “*Vamos pensar juntos então... como vocês gostariam de se apresentar? Vamos pensar... vocês não são uma família musical? O que acham?*”

Ah! *é mesmo, pode ser* diz E. e, na mesma hora, eles se denominaram:

E. – Violão

I. – Guitarra

N. Microfone

M. ???

Quando chegou na M, eles ficaram tentando achar um instrumento, mas não encontraram. Todos os que eles falavam perceberam que ela não gostava. A I, que estava fazendo seu trabalho com o *notebook* no colo disse: “*Eu achava melhor a gente ser nota musical, é muito mais legal*” e todos concordaram: E assim foram falando... Cada um falou o que queria ser.

E. – Ré Maior

I. – Fá Maior

N. – Si

M. Sol

Eu nem perguntei nada e eles foram falando. A N. dizia “*Ah, mas eu vou ser só Si?*” E eles ficaram brincando... Si bemol, e ela disse que “*a I. que tinha que ser o Si, Sissintindo*” Mas, preferiu ficar com o Si. E o E. disse que a M. tinha que ser o Sol Maior, porque ela é o grande Sol que ilumina a casa toda. Percebi que ela ficou com vergonha... Eu particularmente achei engraçado (DC 29/11/11).

Esta escolha é coerente com a particularidade desta família, pois é um grupo muito envolvido com a música, principalmente em suas atividades religiosas. Por essa razão, eles escolheram se apresentar com notas musicais.

Fui em busca do significados das notas musicais e encontrei no *site* da Infoescola³⁶, a partir de um artigo publicado de Paula Perin dos Santos, que as notas musicais são sinais que representam a altura do som musical. Apesar de serem inúmeros os sons empregados na música, para representá-los bastam apenas sete notas: DÓ – RÉ – MI – FÁ – SOL – LÁ – SI.

Esta família participa de um grupo da Igreja Católica e a sua maioria toca algum tipo de instrumento, com exceção da mãe. Penso que, por estarem envolvidos em outra perspectiva de compreensão de mundo, o que se destaca nessa família é a busca pelo diálogo e a unidade, dados esses que foram bem marcantes durante nossos encontros. Afirmo “outra perspectiva” em função dos valores presentes: valores cristãos. Essa atividade religiosa faz parte de sua rotina, conforme expressa *Ré Maior*:

A minha rotina junto com elas é a seguinte: eu levanto junto com a I, né ? com a mais nova e ela me chama; todos os dias a gente faz a leitura do Evangelho de manhã e eu saio e levo ela pra escola. Geralmente, na parte da noite, como a gente tem muita atividade com o Movimento Familiar Cristão, geralmente de noite, ou a gente fica em casa ou vai a alguma reunião, algum compromisso do Movimento.

Durante a entrevista, *Ré Maior* comentou que ele e a esposa estão casados há 24 anos e, como já vimos têm duas filhas: uma com 22 anos, que está na Universidade; e outra, com 14 anos, que cursa o Ensino Médio. Em todos os nossos encontros, estavam presentes todos os membros, no caso o pai, a mãe e as duas meninas. No decorrer do capítulo que segue, a família apresenta suas particularidades, revelando detalhes de suas relações estabelecidas com as mídias digitais.

4.2.2. Conectividade: A família e suas percepções

*“Ela é o Sol que ilumina a casa toda”
Ré Maior*

Entrar na intimidade da família e compartilhar alguns momentos é uma experiência única. São novas aprendizagens, diferentes formas de perceber o mundo e a maneira como se relacionam. O entusiasmo que sai da boca de *Ré Maior* foi tão espontâneo ao falar da família e de sua esposa, foi marcado por uma frase que causou admiração. “[...] *ela é o grande sol que ilumina a casa toda*”. A reação da esposa foi tímida, ela ficou envergonhada e não conseguiu

³⁶ (<http://www.infoescola.com/musica/notas-musicais/> acesso em 04/01/12)

disfarçar seu sentimento. O “galanteio” inesperado do marido, convincente e tocante, fez com que suas bochechas ficassem vermelhas. Naquele momento pareceu que havia apenas os dois na sala e, eu e as filhas, nos tornamos apenas espectadores.

Presenciei várias situações dessas intimidades e de muitas delas fiz parte tomando chimarrão, comendo pipoca e conversando sobre a temática da pesquisa em momentos de muita tranquilidade e descontração. Estes momentos foram muito significativos, pois a cada encontro conheço um pouco mais da realidade da família e eles da minha enquanto pesquisadora. Trocamos vivências e compartilhamos saberes a partir do fio condutor que a internet proporciona.

Ainda que eu conheça esta família e que tenhamos uma vivência muito próxima por participarmos do mesmo Movimento da Igreja, naquele momento ali eu estava como pesquisadora, convivendo com pessoas e sentimentos que, por vezes, pareciam “novos” para mim. Neste contexto, ocupava outro papel, estava sentada na sala com um gravador, conversando a respeito das suas relações no mundo virtual. Suas vivências e dificuldades, em muitos momentos, foram tratadas com cautela e preocupação por parte da família, afinal é sua intimidade que estava sendo revelada. Este quadro modifica-se quando encontro a família nas atividades religiosas e *Ré Maior* brinca comigo, contando a outras pessoas que fazem parte da minha pesquisa.

Conforme Boni e Quaresma (2005), é importante não esquecer que cada pessoa possui uma particularidade que deve ser respeitada no momento da entrevista. Destaco:

O pesquisador deve levar em conta que no momento da entrevista ele estará convivendo com sentimentos, afetos pessoais, fragilidades, por isso todo respeito à pessoa pesquisada. O pesquisador não pode esquecer que cada um dos pesquisados faz parte de uma singularidade, cada um deles têm uma história de vida diferente, têm uma existência singular (BONI E QUARESMA, 2005, p.77).

A contribuição dessas autoras permite-nos pensar que, além do respeito, a confiança é um elemento muito importante em uma entrevista. Trabalhamos com pessoas que possuem sentimentos, limitações, frustrações, e que merece, toda a atenção e respeito.

Esta família musical tem, por princípio, o diálogo e, em vários momentos durante os encontros, ela expressa e enfatiza essa relação dialógica. Os sujeitos da pesquisa apresentam-se como pessoas cuja história familiar aponta para a valorização do diálogo. Esta, aliás, é uma

palavra que muito aparece em suas falas, percebida nos encontros que tivemos em sua casa. Expressam a idéia de compartilhamento, ao dizerem que qualquer decisão que envolve toda a família é pensada e conversada no coletivo, rompendo com a hierarquização que prima pela legitimidade absoluta da palavra dos pais em detrimento da opinião dos filhos. Como é possível perceber nas narrativas a seguir:

[...] Essa questão do diálogo pra nós já é uma coisa que vem desde de antes da formação da nossa família. Dos dois núcleos que eu e a M. viemos sempre teve muito diálogo. Então, pra nós, é uma questão normal, aqui em casa tudo se decide conversando os quatro.

[...] Qualquer decisão que a gente pensa em tomar entre eu e o E. assim que vá envolver a família toda, a gente chama as gurias passa pra elas e pergunta o que que elas acham se elas vão gostar, se elas não vão gostar e ai a gente decide em família.

[...] Agora mesmo a poucos dias atrás que a gente tava envolvido em uma negociação e elas sempre participando, sempre a par de tudo. Quando tem algum problema, quando... (pausa) quando a gente detecta que tem algum problema com elas, a gente vai, chama e vamos conversar assim... (pausa) não tá legal. Vamos ver o que a gente pode fazer pra melhorar né? É mais ou menos, é assim. Ou elas, também às vezes vem e pedem pra conversar com a gente. Dessa mesma maneira.

As meninas também afirmaram que, sempre que têm algum problema ou querem compartilhar alguma coisa, chamam os pais para conversar. Nestes momentos elas falavam e eu ficava imaginando a cena: A família toda reunida porque um dos membros está com algum problema e, que juntos ajudam a resolver. Interessante...

Com relação ao uso da internet, *Fá Maior* disse que era “viciada” e, que os pais chamaram-na para conversar e ela entendeu que estava imersa nas redes. Mas, se o pai não a chamasse a atenção ela teria percebido a intensidade do uso? Será mesmo que a menina entendeu ou foi uma atitude determinada pelos pais?

Ela relatou: “*Oh, meu. Eu era viciada! Aí o pai e a mãe me chamaram no diálogo e disseram... não tu ta muito viciada, vamos ter que cortar porque tá demais! E, aí agora eu tô usando o computador civilizadamente, de vez em quando.*” Senti a necessidade de questionar a jovem, o que ela compreendia por ser “viciada”. Ela me respondeu que usava o computador, a internet, o dia inteiro, todos os dias ,de segunda a segunda; entrava pela manhã e saía a noite; e, muitas vezes alimentava-se na frente do computador, falando com os amigos no *Orkut, msn, twitter*. “*Eu twittava muito toda hora tudo o que acontecia, sempre*”, afirma *Fá Maior*.

É interessante retomar a nossa primeira conversa no dia em que fui a casa da família pela primeira vez. *Ré Maior* apresenta-se com protagonista da casa e vai contando sua rotina. Em uma fala mais longa, vai apresentando a rotina da casa, mas esse dado foi suficiente para aquele momento, pois nenhum outro membro da família quis complementar.

Considero relevante também destacar parte das vivências da pesquisa, onde aos poucos vou me constituindo enquanto sujeito que busca estudar e compreender a temática família e os obstáculos que foram se desenhando no decorrer do caminho da pesquisa. Não pretendo apontar soluções ou prestar qualquer juízo de valor com relação ao tema, mas sim dialogar com esses novos instrumentos de comunicação social.

Neste dia, *Si* não ficou todo o tempo conosco, pois afirmou que estava atrapalhada com as atividades da faculdade e ainda salientou: “*Estou indo para as tecnologias*”. Saiu da sala sorrindo e foi para o quarto. Mais tarde, retornou e ficou conosco até eu ir embora.

Após este momento, eu comentei mais uma vez a respeito da pesquisa. Perguntei o que eles achavam que eu queria com eles. E *Ré Maior* disse: “*Pra mim, tu queres investigar minha família*”. Mais uma vez reforcei que estudava a respeito da família, que é uma temática que me interessa, que me constitui e que queria que eles me ajudassem a compreender essas relações de família mediadas pela internet. Expliquei que me ajudariam a fazer a pesquisa. Não sei se sustentei suficientemente minha posição, mas penso que, aos poucos, vai ficando mais claro pra eles.

A pesquisa também sofre alguns imprevistos e é necessário estar preparado para esses momentos que nem sempre são agradáveis. Por exemplo, no dia do nosso segundo encontro, as meninas estavam preocupadas com as atividades da escola e, como percebi, não pude deixar de comentar que poderíamos ter marcado para um outro dia, que não queria atrapalhar, mas naquele momento já estava dentro da casa sentada no sofá com eles.

Ré Maior admite que poderia haver outro imprevisto, mas que não me preocupasse, pois sua família é assim mesmo. Neste momento senti, em parte, uma tranquilidade, porque eles já estão tão acostumados comigo, com minha presença, ainda que esteja de certo modo alterando a rotina da família.

A pesquisa não é neutra, pois na mesma medida que o pesquisador afeta o ambiente pesquisado, ele também por certo é influenciado por este. Não há como não sofrer influências do meio pesquisado, pois ambos trocam experiências, ainda que a escolha dos objetos seja realizada pelo pesquisador. A esse respeito, Boni e Quaresma (2005) dizem:

A partir do momento que o objeto de pesquisa é escolhido pelo próprio pesquisador isso, de certa forma, desmistifica o caráter de neutralidade do pesquisador perante sua pesquisa, já que na maioria das vezes, a escolha do objeto revela as preocupações científicas do observador que seleciona os fatos a serem coletados, bem como o modo de recolhê-los (BONI E QUARESMA, 2005, p.70).

Podemos pensar assim: que o pesquisador busca o que o inquieta. Essa citação é carregada de significados, pois o interesse em compreender essas relações mediadas pelas tecnologias surgem a partir da vivência com minha própria família onde o computador, a televisão e o celular têm um papel de destaque nas relações.

Os encontros com a família colaboradora deste trabalho foram realizados sempre em sua casa, pois é onde os membros utilizam com mais frequência as ferramentas digitais. O ambiente familiar permite à pesquisadora uma visualização mais clara do conteúdo relatado. Pude acompanhar *in loco* como se configuram as relações sociais desta família, seu real envolvimento e como fazem uso das mídias digitais, tanto que em um dos encontros *Fá Maior* estava com seu *notebook* no colo, dividindo sua atenção com a pesquisa e suas atividades da escola. Estas vivências e particularidades da pesquisa constituíram-se em categorias que emergiram dos dados relatados e serão abordadas no eixo seguinte.

V - CONEXÕES POSSÍVEIS: CATEGORIAS EMERGENTES DA PESQUISA

Após os encontros realizados com a família colaboradora deste trabalho, algumas questões emergiram de nossos diálogos. Ainda que incerto e inseguro em muitos momentos, os discursos da família compõem-se em algumas categorias que são desenvolvidas nos capítulos seguintes. Mergulho nestes dados a fim de tentar compreender o significado das relações sociais estabelecidas em famílias que fazem uso intenso das mídias digitais, junto com a família colaboradora deste estudo.

A primeira categoria refere-se: **O computador e a internet: a um clique das relações**³⁷. Esse item contém outros elementos que se destacaram como: **as redes sociais, o limite e a sedução pela rede**. Dividir essa categoria maior em subcategorias dentro do mesmo capítulo, permitiu uma maior reflexão e mais subsídios para análise. Desta forma, organiza-se a escrita buscando maiores argumentos para qualificar o trabalho.

A segunda categoria que apareceu na narrativa dos sujeitos foi com relação à Lógica Capitalista. As relações de consumo ganharam maior evidência quando é explicado acerca do jogo que a família foi usuária, por esta razão intitula-se: **A sedução do “clique”: o sonho do consumo**. Bauman (2008) é o autor principal que norteia todo esse capítulo em suas contribuições acerca da sociedade do consumo e isso na rede mundial de computadores não seria diferente.

Encontro um grande paradoxo ao seguir com a unitarização das falas dos sujeitos que se confirmaram em vários momentos, quando é trazida a questão de que a internet aproxima e afasta as pessoas. Assim, a terceira categoria apresenta **o paradoxo da internet** bem como o vício digital como um elemento coadjuvante nesse contexto.

O último percurso da escrita foi o **tempo**, onde vou tecendo algumas reflexões particulares sobre este tema, o tempo, a vida. Caminho nessa escrita com um olhar mais filosófico, pois ele foi construído em um momento de fragilidade de minha própria família e, como nos constituímos no todo que somos, considere-o para permanecer na escrita desta pesquisa. Ainda neste contexto, resgato, nos encontros com a família a respeito do tempo do uso do computador, o tempo vivido, perdido, porque em muitos momentos este foi o sentimento que moveu o grupo: de ter perdido tempo.

³⁷ Grifo do autor

Uma questão que merece destaque são as provocações que a pesquisa nos causa. Tentando compreender esse desejo que move as pessoas a estarem tão intimamente imersas na rede mundial de computadores, este processo investigativo afeta não apenas a mim, mas também à orientadora deste trabalho. Desta forma, vamos juntas conhecer melhor o mundo das salas de bate-papo, a fim de ouvir dos próprios sujeitos a razão de frequentarem esses espaços. Considero relevante tal discussão, visto que o resultado desta produção foi encaminhado para participação em alguns eventos e para publicações. Deixo o mesmo para apreciação, em anexo, pois foi o movimento desta pesquisa que provocou esta inquietação. Tal interesse partiu também de uma das conversas com os sujeitos da pesquisa, onde as salas de bate-papo denotam uma representação de sedução pelos sujeitos.

Dentro deste contexto, a primeira categoria a ser analisada abrange a discussão do uso do computador e da internet, e seus cliques que tanto fascinam e seduzem os usuários da rede. A forma como as pessoas estão utilizando a ferramenta como mediadora das relações é um dos pontos a serem abordados durante este capítulo. A categoria em questão deu origem a outras subcategorias já citadas anteriormente sobre as quais convido o leitor a lançar um olhar mais aprofundado.

5.1 - O Computador e a Internet: a um clique das relações

A primeira categoria a ser trabalhada refere-se ao uso do computador e da internet. Muitas vezes, apareceu na narrativa da família o uso do computador para atividades escolares, mas na grande maioria estava evidenciada a internet como principal ferramenta para a utilização desse dispositivo. Desta forma, a organização deste capítulo evidencia temáticas que se destacaram em todos os encontros e que tomam corpo na forma da escrita, a partir da voz desta família e por mim aqui anunciada. Assim, este capítulo se divide em três subcategorias: **redes sociais, limite** e a **sedução pela rede**. Convido o leitor a recarregar esta página e seguir navegando pelo conteúdo que, aos poucos, vai sendo atualizado.

5.1.1. Redes Sociais

Atualmente, é possível afirmar que milhares de pessoas estão conectadas à internet. O uso do computador tem sido cada vez mais frequente, seja para uso doméstico ou de trabalho.

Navegar pela internet, realizar tarefas escolares ou até mesmo atividades profissionais tem se tornado um hábito cada vez mais comum em nossa sociedade. Todos estão conectados nessa grande teia chamada internet. O que estão fazendo? Onde estão? Que lugares frequentam? Bom... Estas são algumas questões que serão desenvolvidas no decorrer desta escrita.

É notório que o computador de “mesa” vem sendo substituído por outros aparelhos móveis, ditos “mais práticos”, como os telefones celulares - *iPhones*³⁸, computadores portáteis - *notebook*³⁹, *netbook*⁴⁰ ou *Tablet*⁴¹. O grande interesse por esses aparelhos é em função da praticidade de transportá-los. Essa mobilidade anuncia também algo a mais que apenas a praticidade. Diz respeito ao consumo do nosso tempo pelas mídias digitais. Ou seja, as mercadorias são lançadas no mercado já com previsão de compradores. Forjam grupos para utilizá-las e criam necessidades de uso. A mídia televisiva iniciou esse processo e até os dias atuais a persuasão é bem elevada.

Cada vez mais o mercado trabalha com produtos segmentados, onde o público alvo já é definido antes mesmo dessa ferramenta entrar na linha de produção. A concepção desses equipamentos eletrônicos é feita com o objetivo de atender as necessidades dos mais diferentes consumidores. E, como atender e satisfazer várias pessoas ao mesmo tempo? Para isso, o mercado oferece vários tipos de produtos para atender a todos os públicos, classes e opiniões mais contraditórias. O importante é que todos devem consumir uma mercadoria, seja ela qual for.

A principal alegação dos fabricantes é que é preciso esses instrumentos digitais para comunicar-se melhor. No entanto, muitas vezes, um aparelho que tem como função principal fazer chamadas telefônicas, por exemplo, acaba por se tornar um complexo mecanismo, no

³⁸ O *iPhone* é um *smartphone* desenvolvido pela Apple Inc. com funções de iPod, câmera digital, internet, mensagens de texto (SMS), *visual voicemail*, conexão *wi-fi* local e, atualmente, suporte a videochamadas (FaceTime). A interação com o usuário é feita através de uma tela sensível ao toque. A Apple registrou mais de duzentas patentes relacionadas com a tecnologia que criou o *iPhone*. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/IPhone> acesso em 03/01/12).

³⁹ Um *laptop* (no Brasil, também é chamado de *notebook*) ou computador portátil (em Portugal, abreviado frequentemente para *portátil*) é um computador portátil, leve, designado para poder ser transportado e utilizado em diferentes lugares com facilidade. Geralmente um *laptop* contém tela de LCD (cristal líquido), teclado, mouse (geralmente um *touchpad*, área onde se desliza o dedo), unidade de disco rígido, portas para conectividade via rede local ou fax/modem, gravadores de CD/DVD, os mais modernos não possuem mais a entrada para discos flexíveis (disquetes), quando há a necessidade de utilizar um desses conecta-se um adaptador a uma das portas USB. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Laptop>) acesso em 03/01/12.

⁴⁰ Netbook é um termo usado para descrever uma classe de computadores portáteis tipo *subnotebook* com características típicas: peso reduzido, dimensão pequena ou média e baixo custo. São utilizados, geralmente, em serviços baseados na internet, tais como navegação na *web* e *e-mails*. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Netbook>) acesso em 03/01/12

⁴¹ Um *tablet*, também conhecido como *tablet PC*, ou ainda em português, tablete, é um dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à *Internet*, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento com jogos. Apresenta uma tela *touchscreen* que é o dispositivo de entrada principal. A ponta dos dedos ou uma caneta aciona suas funcionalidades. É um novo conceito: não deve ser igualado a um computador completo ou um *smartphone*, embora possua diversas funcionalidades dos dois. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tablet> acesso em 03/01/12)

qual a destinação principal acaba nem sendo utilizada. Isso acontece com a última geração de aparelhos celulares, que disponibilizam várias funções: discador de chamadas, acesso a internet, jogos *on line*, televisão, rádio FM, tocador de música/vídeo portátil, câmera fotográfica, câmera filmadora, alarme, lanterna, relógio, dentre outras.

Nessa sociedade de consumo tem para todos os gostos e bolsos, sendo que a informação – principal objetivo dos equipamentos de comunicação – fica relegada a segundo plano; no topo está a necessidade de consumir algo moderno, ainda que não seja tão usual. Nesse contexto, a sociedade do consumo configura-se antes da sociedade da informação, pois sempre há algo a se comprar independente de qual for o produto.

Uma notícia do *PC World*⁴² - que é um *site*⁴³ consultor de tecnologia, com análises e guia de produtos, testes, dicas e *download* – no final de 2009 já afirmava que o iPhone e *Android* são aparelhos mais usados para acessar internet móvel - Levantamento aponta que 40% dos acessos a *web* via celular são feitos por *iPhones*; *Smartphone* com *Android*, G1, representando 7% dos acessos.

Podemos perguntar: O que as pessoas procuram na internet?

Esta questão é interessante de ser problematizada e apareceu durante o diálogo com a família colaboradora desta pesquisa. *Ré Maior* afirma que o grande interesse das pessoas na internet são as redes sociais. Afirma que gosta muito de usar a internet, mas o que busca mesmo é informação, em sua fala:

Agora, o que eu acho que leva muito a isso é as redes sociais. Eu acho que hoje é o que o pessoal mais se liga no computador. Informação assim como eu gosto mesmo de buscar sobre um determinado assunto, de ir lá fazer uma pesquisa e ler, procurar saber. Acho que não é muita gente que faz isso. A maioria vai atrás das redes sociais mesmo.

⁴² Celulares com o sistema operacional Android, do Google, e iPhones, da Apple, são os responsáveis por gerar mais tráfego de internet móvel que todos os fabricantes juntos já haviam gerado até então. A informação vem de um levantamento da AdMob, uma companhia que cria anúncios para mais de 9 mil sites e possui 3 mil aplicativos na web móvel. A empresa conta os tipos de aparelhos que acessam seus sites e lança relatórios periódicos. Em agosto, 40% dos acessos à internet por dispositivos móveis foram feitos por iPhones. Há seis meses, essa porcentagem era de 33%. Usuários do Android chegando a sites da AdMob atingiram 7%, enquanto em fevereiro apenas 2% dos usuários de web móvel usavam celulares com o sistema operacional do Google. O Palm Pre, lançado em junho, representou 4% dos acessos em agosto. A AdMob mede também o volume de tráfego que cada modelo produz. A Nokia possui 12 entre os 20 aparelhos que mais trafegam dados na *web* móvel. O *iPhone*, no entanto, é o primeiro colocado no *ranking*, seguido pelo G1, (primeiro celular com *Android* do mercado) e, em terceiro, vem o Nokia N70. Três modelos de *BlackBerry* aparecem na lista, mas nenhum aparelho com *Windows Mobile* está no top 20. (<http://pcworld.uol.com.br/noticias/2009/10/01/>) acesso em 03/01/12.

⁴³ Não posso garantir a confiabilidade dos *sites* utilizados na pesquisa. A busca foi selecionada por ser os dados mais atualizados no momento em que estava se escrevendo essa pesquisa.

Este dado pode ser evidenciado através do último relatório do Instituto ComScore⁴⁴ a respeito das redes sociais na América Latina. A ComScore é conhecida pela análise objetiva, percepção astuta e liderança no espaço da mídia digital. A seguir, apresento parte deste estudo e posteriormente um gráfico que ilustra este índice.

Panorama do Brasil nas redes sociais em 2011 com dados ComScore

O último relatório do instituto ComScore sobre a ascensão das redes sociais na América Latina aponta que **90,8% dos brasileiros que acessam a internet acessam redes sociais**. Mas o que isso significa para planners, criativos, empreendedores e clientes?

1. Isso significa que a ascensão das redes sociais no Brasil é um caminho sem volta.
2. Isso significa que o marketing em mídias sociais continuará a ser a cereja do bolo nos planejamentos digitais por um bom tempo.
3. Isso também significa dizer que cada vez mais empresas irão se conscientizar da importância de interagir com seus consumidores on-line.
4. Isso também pode afirmar que oportunidades de trabalho junto ao marketing digital continuarão sendo abertas...

As conclusões parecem precipitadas, mas não podemos deixar de afirmar que o crescimento do mercado é uma tendência. Segundo o infográfico do Mashable, **o Brasil tem apenas 37,8% da população conectada** e os brasileiros já são fãs incondicionais das redes sociais.

O brasileiro é plural e se adapta rapidamente a novas redes sociais on-line. A prova disso são redes como Tumblr e LinkedIn no TOP 10. A surpresa da imagem que segue abaixo é ver a companhia Vostu, responsável pelos jogos Megacity e Café Mania, sendo citada como rede social. No site da companhia não encontramos informações que expliquem essa inclusão no Top10 Brasil.

Figura 06: Comscore - Dados do uso das redes Sociais - BRASIL, 2011



Fonte: <http://www.missmoura.com/panorama-do-brasil-nas-redes-sociais-em-2011-com-dados-comscore>

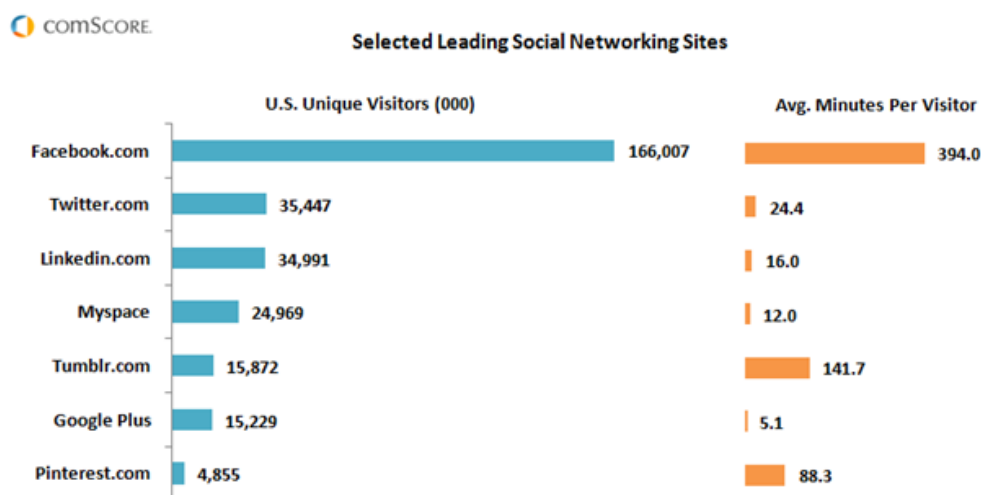
⁴⁴ ComScore é uma empresa de pesquisa de mercado que fornece dados de marketing e serviços para muitas das maiores empresas da Internet. Ver - <http://www.comscore.com/por/> (acesso em 03/01/12), e ainda <http://www.missmoura.com/panorama-do-brasil-nas-redes-sociais-em-2011-com-dados-comscore> (acesso em 03/01/12).

Vale destacar que esse dado refere-se ao Brasil, pois nos Estados Unidos, por exemplo, o *Facebook* ainda mantém a liderança de acesso conforme dados do último relatório da ComScore. A notícia vinculada ao *blog* do Instituto é: *State of the U.S. Social Networking Market: Facebook Maintains Leadership Position, but Upstarts Gaining Traction* (Situação do Mercado Rede Social dos EUA: *Facebook* mantém a posição de liderança, mas *Upstarts* ganhando força)

Essa notícia⁴⁵ foi publicada em 28 de dezembro de 2011. Desta forma, até o momento desta escrita, é o dado mais atual existente. Abaixo destaco um recorte da reportagem⁴⁶ citada:

Facebook ainda é o líder indiscutível os EUA mercado de redes sociais com 166 milhões de visitantes únicos em novembro. O usuário médio gasta 6,6 horas por pessoa envolvida no site durante o mês, um aumento de 37% no ano passado. Estas audiências outsized e números de noivado não deve ser uma surpresa para ninguém neste momento. Enquanto isso, *Twitter.com* e *Linkedin.com* foram disputando ao longo dos últimos meses para a posição # 2 no tamanho da audiência. Em novembro, o *Twitter* eked a segunda posição com 35,4 milhões de visitantes únicos, um pouco à frente do *Linkedin*, com 35 milhões. *Myspace* possui atualmente a posição # 4 com 25 milhões de visitantes, mas tem visto um declínio constante em audiência nos últimos dois anos.

Figura 07: Comscore - Dados do uso das redes Sociais - EUA, 2011



Fonte - http://blog.comscore.com/2011/12/state_of_the_us_social_networking_market.html

⁴⁵ A notícia original é: Facebook is still the undisputed leader the U.S. social networking market with 166 million unique visitors in November. The average user spent 6.6 hours per person engaged on the site during the month, an increase of 37% in the past year. These outsized audience and engagement numbers should not be a surprise to anyone at this point. Meanwhile, *Twitter.com* and *Linkedin.com* have been jockeying over the past several months for the #2 spot in audience size. In November, *Twitter* eked out the second position with 35.4 million unique visitors, just slightly ahead of *Linkedin* with 35 million. *Myspace* currently owns the #4 position with 25 million visitors, but it has seen a steady decline in audience over the past two years. Ver http://blog.comscore.com/2011/12/state_of_the_us_social_networking_market.html (acesso em 03/01/12)

⁴⁶ Tradução da autora

Avançar a respeito dessa discussão possibilita-nos perceber a aceleração do uso das redes sociais e o crescimento do interesse em tais pessoas. Recuero (2009), em seu livro *Redes Sociais na internet*, faz um estudo e lança algumas definições sobre os *sites* de redes sociais, vale destacar:

Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicação dessas redes. É o caso do Orkut, do Facebook, do LinkedIn e vários outros. São sistemas onde há perfis e há espaços específicos para a publicização das conexões com os indivíduos. Em geral, esses sites são focados em ampliar e complexificar essas redes, mas apenas isso. O uso do site está voltado para esses elementos, e o surgimento dessas redes é consequência direta desse uso. No Orkut, por exemplo, é preciso construir um perfil para interagir com outras pessoas. E é só a partir desta construção que é possível anexar outros perfis à sua rede social e interagir com eles. Toda a interação está, portanto, focada na publicização dessas redes (RECUERO, 2009, p.104).

A contribuição da autora para a compreensão a respeito dos *sites* de redes sociais é relevante. Ao criar um perfil público nessas redes, como o próprio nome já diz, a pessoa torna-se pública. Ela se coloca em exposição. Sua vida, costumes, gêneros e preferências passam a ser compartilhados com os demais que formam o seu grupo de conexões.

Outra questão que merece destaque com relação às redes é o possível risco que o usuário pode correr. Durante a conversa com a família, este dado foi mencionado no sentido da perda do contato presencial – nesse caso o fator distância foi destacado onde as pessoas, ainda que próximas, acabam se afastando.

Um dado que aparece no Panorama do Brasil nas redes sociais, em 2011, do ComScore, é que os jogos *Megacity*⁴⁷ e *Café Mania*⁴⁸ estão sendo citados como rede social. Esses foram jogos que a família que participa deste estudo teve uma vivência muito intensa de

⁴⁷ O *MegaCity* é um jogo para os usuários do *Orkut*. Nele você pode construir uma cidade com *design* e estilo totalmente brasileiro. Você pode, por exemplo, usar um carrinho de coco ou um quiosque de praia para decorar a sua cidade no *MegaCity* do *Orkut*. A cada fase, o jogo apresenta novos itens típicos do país. Além de construir e decorar a cidade, você deve conquistar terrenos, interagir com seus amigos e ajudar outros usuários para conseguir avançar nas fases. É possível ainda adicionar amigos no *MegaCity*, basta visualizar a barra azul no topo da tela do seu jogo a opção “Convidar Amigos”, todos seus amigos do *Orkut* aparecerão. Depois disto basta somente selecionar o amigo (vizinho) desejado e clicar em adicionar. Ainda não há como conseguir Mega Grana e Mega Ouro grátis no *MegaCity* do *Orkut*. Você deve comprar com dinheiro de verdade. Ver <http://blog.carlosiung.com/o-que-e-megacity> acesso em 04/01/12.

⁴⁸ Na descrição do jogo *Café Mania* é possível encontrar: O jogo de *Café Mania*, do *Orkut*, é o maior sucesso. Aqui nesse jogo de café mania você é dona de uma cafeteria e ela é a mais famosa da cidade e para que continue assim você terá que preparar deliciosos cafés e rosquinhas para seus clientes. Mas lembre-se: Você terá que ser bem rápida! Este é o famoso jogo *Café Mania*, onde você poderá mostrar suas habilidades no dom da arte de fazer deliciosos café. Pode preparar este café enquanto se diverte no *Orkut*, ou com todas as suas amigas, brincando de quem é a mais habilidosa. Ver em <http://meusjogosedemeninas.uol.com.br/jogos/jogos-de-restaurant/cafе-mania.jsp> acesso em 04/01/12

uso. Também utilizavam a *Fazendinha*⁴⁹ e o *Colheita Feliz*⁵⁰ que são alguns dos aplicativos do *Orkut*. Mas, falaremos desses jogos de forma específica mais adiante, nas relações capitalistas.

Paula Sibilia (2008) inicia seu livro “O Show do eu – A intimidade como espetáculo” com a pergunta: Como alguém se torna o que é? Fazendo referência a Nietzsche quando ele trata da sua autobiografia que foi redigida em 1888. E hoje, em 2012, poderíamos discorrer a partir dessa pergunta e ter várias possibilidades de respostas.

Como falamos em relações baseadas no uso das tecnologias, podemos pensar a respeito das redes sociais. Qual o “poder” das redes para a visibilidade das pessoas que delas fazem acesso?

Fá Maior comentou a respeito das relações de amizade que as redes oferecem. “É tu vai ver uma pessoa que na rede social ela tem mil seguidores no twitter tem 40 mil pessoas no *Orkut* e ao vivo não conhece ninguém, fica sozinha”. O fato de a menina “exagerar” o número refere-se às relações frágeis existentes por meio das redes sociais. Muitas pessoas possuem uma infinidade de amigos, mas que pessoalmente e intimamente podem não conhecer tantos assim. Será que se reconhecem ao sair à rua?

Uma questão a ser pensada é que, no ambiente virtual, eles se reconhecem, ou melhor, dizem se conhecer e ser amigos. E, se é nesse ambiente que importa, por que se reconhecer pessoalmente? Nesse caso, a interação virtual é o que importa. Só as redes sociais permitem à pessoa curtir, comentar, seguir, cutucar, sem que haja grande envolvimento pessoal. Tudo se resume a uma tela de computador e, a um clique.

Para Sibilia (2008), essa relação não é a mais importante e, sim, a visibilidade e a multiplicidade que a rede oferece. A cultura da observação do outro e, ao mesmo tempo, da exposição de si. A internet tem o poder de transformar pessoas comuns, que passaram a vida no anonimato, em celebridades em pouquíssimo tempo.

O *You Tube*⁵¹ é a principal vitrine desses aspirantes a celebridades. Atualmente, bandas de *rock* ou cantores solo têm optado em lançar seus trabalhos diretamente na internet

⁴⁹ *Mini Fazenda* é um aplicativo do *Orkut* e neste jogo você poderá plantar, colher, criar animais, decorar e expandir a fazenda interagindo com seus vizinhos (que são seus amigos do *Orkut* que tbm jogam o Mini Fazenda).- <http://byvany.com.br/mini-fazendasua-fazendinha-no-orkut/#ixzz1iiEDkh6w>, acesso em 04/01/12

⁵⁰ *Colheita Feliz* é um simulador de fazenda em tempo real, desenvolvido pela empresa norte americana **Mentez**, disponível como um aplicativo no *site* da rede social *Orkut*. O jogo permite que os membros do *Orkut* possam gerir uma fazenda virtual que inclui o plantio, cultivo e colheita de diversas plantas, árvores e animais e até mesmo o roubo. Desde o seu lançamento, o *Colheita Feliz* tornou-se o aplicativo mais popular no *Orkut*, com mais de vinte e dois milhões de usuários. Ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Colheita_Feliz, acesso em 04/01/12.

sem precisarem de uma gravadora. Basta navegar pelo *site* por alguns minutos para comprovar essa afirmativa. Um exemplo disso é o sucesso do cantor Justin Bieber⁵², que foi descoberto através deste *site* de compartilhamento de vídeos.

Com a internet não é diferente. Por meio das redes sociais, sofrimentos, perdas, alegrias, decepções, e uma vasta gama de outros sentimentos são compartilhados entre pessoas que dividem apenas a tela do computador.

Encontrar o outro pelo meio virtual tem se tornado um hábito muito frequente ultimamente. Basta navegar por alguns *sites* de relacionamento, *chats* de bate papo para podermos conferir alguns diálogos.

Em nossa conversa, *Ré Maior* destaca que não gosta de “bate-papo” pela internet e, que, na sua casa, nunca teve esse tipo de problema com a esposa; em contra partida conhece pessoas que arcam com as consequências de usar intensamente as salas de bate-papo, *chats* ou msn. Enfatizou um caso de amigos em que membros da mesma família conversam por msn, porém cada um em um andar da casa.

No último encontro, a vivência da família de uso intenso da rede parece que ganhou evidência. *Ré Maior* instalou *wireless*⁵³ e os membros da família com exceção de *Sol*, fica cada um no seu computador. A mãe demonstrou certa preocupação e diz que espera que esse uso intenso que retornou seja apenas momentâneo e motivado pela instalação da conexão sem fio à internet.

Penso que a preocupação da mãe esteja relacionado à vivência anterior, onde a família dedicou muito tempo ao uso do computador. Como ela mesmo lembra, foram situações difíceis para esse grupo que, movido pelo sentimento de uma brincadeira, ocasionou certo distanciamento. Ainda que estivessem juntos no momento do jogo, durante a disputa virtual eles competiam.

Com relação ao uso da internet, a mãe afirma que usa o *email* do trabalho por que precisa, mas não gosta. Demonstra essa rejeição desde nosso primeiro encontro. Afirma que para o trabalho é necessário, mas destaca sua aversão ao uso: “*Eu não gosto mesmo de*

⁵¹ *You Tube* é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Ver <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>, acesso em 03/02/2012

⁵² Justin Drew Bieber (London, Ontário, 1º de março de 1994) é um ator, cantor e compositor de música Pop e R&B canadense. Em 2007, suas apresentações covers foram vistas no *You Tube* por Scooter Braun, que eventualmente se tornou seu agente. Ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Justin_Bieber, acesso em 03/02/12

⁵³ Uma rede sem fio refere-se a uma rede de computadores sem a necessidade do uso de cabos – sejam eles telefônicos, coaxiais ou ópticos – por meio de equipamentos que usam radiofrequência. Ver <http://pt.wikipedia.org/wiki>, acesso em 12/02/12.

internet, não adianta, não me faz a cabeça, não tem jeito”. Em um determinado momento de nossa conversa, penso que tenha descoberto a razão por seu desprezo pelo computador, pela internet. Ela revela, muito chateada, que a família parece que prefere ficar na frente do computador do que juntos. Mais uma vez encontro aqui um paradoxo na pesquisa, pois em vários momentos percebo que esta família, que prima tanto pelo diálogo, por estar junto, parece que em alguns momentos o computador é o ponto de separação de seus membros.

Essas falas expressam um desencanto pela ferramenta que, ao mesmo tempo que aproxima, afasta as pessoas. As relações familiares, expressas na narrativa da mãe apresentam que o uso intenso das mídias digitais, em algum momento, vai afastar os familiares, pois não poderão estar juntos, tendo em vista que cada um tem a sua atividade a fazer e, para poder compensar o tempo, cada um fica no seu computador. A *Sol*, que ilumina a casa (motivo pelo qual foi escolhido sua identificação), parece querer iluminar sua família, mas eles estão a um clique de deixar o computador, mas só a mais um clique.

As meninas falaram que estavam uma ao lado da outra na cama, conversando pelo msn. Brincadeira em função da novidade? *Si*, que comentou que não usa muito, parece, nessa situação, bem familiarizada com a ferramenta. As irmãs encontraram na rede uma outra forma de dialogar, sem que precisassem pronunciar nenhuma palavra, e para isso, usavam apenas as teclas do computador e esse era o som que surgia naquele momento.

Com relação à imagem que foi levada para a família, penso que a mesma estava carregada de significado para eles, pois logo quando apresento, *Ré Maior* fala que é a família dele. *Sol* conta que teve um dia que chegou do trabalho e cada um estava no seu computador; ainda que tenha brigado pela situação no outro dia a mesma cena se repete.

Percebo uma contradição na fala de *Ré maior* quando me faz um questionamento: *E, o que de tão importante pode ter que tu não pode passar um dia ou dois sem ver esse negócio?* De repente ele mesmo estava em busca dessa resposta para sua vida.

Ré Maior usa, como exemplo, o BBB - Big Brother Brasil, que é um *reality show*⁵⁴ e ele afirma que esse programa leva muitas pessoas para a internet, a fim de saber o que vai acontecer, ou melhor, o que está acontecendo - porque na internet é em tempo real - antes mesmo de passar na televisão. O interesse pela vida do outro, pela informação exclusiva antes dos outros, é um dos motivos que, para ele, leva as pessoas a estarem mais ligadas na internet.

⁵⁴ *Reality show* é um tipo de programa televisivo baseado na vida real. Podemos então falar de *reality show* sempre que os acontecimentos nele retratados sejam fruto da realidade e os visados da história sejam pessoas reais e não personagens de um enredo ficcional

Destaco, em sua fala: “*Tu sempre quer saber as coisas antes, tu quer sempre ter as melhores tecnologias, as atualizações, e é por isso que as pessoas vão atrás.*” Sibilía (2008) nos fala da necessidade de olhar o outro, ainda que esse outro represente nós mesmos, pois nossa sociedade atual tem a necessidade de uma exposição pessoal. Talvez por isso, identificam-se tanto com esses programas.

Ré Maior faz um comentário que me remete a minha própria família com relação à praticidade do uso da internet. É como uma propaganda: ‘*Tu faz o que tu quer, na hora que tu quer*’. A seguir, sua narrativa:

Hoje, se tu quiseres ver o teu capítulo da novela de madrugada, às 2h da madrugada, tu vai lá olhar, 2 horas da madrugada. Qualquer coisa que tu quiseres ver em qualquer horário, tu vai ter acesso. E isso é o que ta levando as pessoas para esse universo.

Parece que de alguma forma a praticidade seja justificada pela forma de como as pessoas utilizam a rede. Não tem problema perder o capítulo da novela, basta apenas acessar o *site* da emissora de TV, quando for mais apropriado para o usuário que o conteúdo estará disponível. Nada causa estranhamento ou surpresa nas pessoas; tem tudo na rede. Outra questão interessante, que surge em seu comentário a respeito da praticidade, é que, na internet, o sujeito é que determina o que vai fazer, o que vai assistir, onde e em que lugar irá acessar.

A idéia de liberdade é incentivada a todo instante pela mídia, com frases prontas, onde o usuário é estimulado a buscar na rede seus programas de TV ou músicas favoritas, por exemplo. “*Todo o conteúdo da TV Globo direto no seu computador*”. Essa é uma frase de uma campanha publicitária da Globo.com.

Ré Maior aponta que, na televisão, não há essa relação. É preciso assistir o que está sendo imposto pela mídia, a não ser que o sujeito queira assistir um filme diferente e ir até a locadora. Porém, com o advento da internet, um hábito tão comum e até prazeroso para algumas pessoas acabou se tornando obsoleto, a medida que hoje se pode baixar ou até mesmo assistir filmes *on line* direto do *site*. Nesse contexto, *Ré Maior* comenta da migração das pessoas das locadoras para a internet.

As locadoras estão fechando, por quê? Eu até me dei de conta disso agora, há pouco tempo. Mas, para ai um pouquinho. O tempo que eu tenho que ir em uma locadora pegar um filme, vou chegar lá como já aconteceu, não tem o filme que eu quero, reservo o filme, não veio aí depois eu pego, tenho que levar eu não vou precisar

mais fazer isso aí. Eu entro lá, baixo o filme, não gasto nada e vejo a hora que eu quero.

Ele ainda brinca com a filha mais velha que diz que não é muito ‘ligada’ no computador, na internet e que outro dia baixou um filme da internet para assistir deitada na cama com o computador no colo. Ele olha para a jovem a fim de que ela confirme sua afirmativa. Mas ela não tinha dito que não gostava? Será mesmo que não gosta?

Ré Maior sempre admitiu gostar muito da internet, mas viu-se obrigado a limitar seu uso em função da maneira demasiada com que estava acessando. Como ele assiste muitas reportagens *on line*, em uma de suas navegações pela rede, ele lê uma matéria que está se desenvolvendo, uma síndrome pelo excesso de informação, denominada de *síndrome de cérebro de pipoca*⁵⁵. As pessoas cada vez mais estão utilizando vários aparelhos tecnológicos e fazendo várias coisas ao mesmo tempo, o que caracteriza essa síndrome.

Teu cérebro está sempre trabalhando e tu não consegue ficar mais parado sem tá ou no telefone celular, ou no computador, ou na televisão. Tu não consegue te desligar mais disso. É uma doença! Chega num estágio que teu cérebro é como uma droga. A abstinência da droga ela te faz tu ir atrás daquela sensação de prazer causada pela droga e essa doença. A doença do cérebro de pipoca, o teu cérebro fica tão viciado em informação que ele não consegue mais ficar longe da informação.

O que *Ré Maior* revela a partir da reportagem é com relação à necessidade que as pessoas fazem das ferramentas digitais chegando a se tornar uma patologia. As pessoas acabaram fazendo de alguma forma os instrumentos como uma extensão de si mesmas, colocando tais equipamentos como fundamentais para a sua sobrevivência. Contas de email, acessos a redes sociais, bate papo virtual, telefone celular, televisão, tudo conectado ao mesmo tempo, estariam todos eles na mesma frequência?

Dentre os fatores que levam a isso, para a família, destaco o excesso de informação como sendo o principal deles. Parece que as pessoas não querem perder nada do que está acontecendo, e acabam mergulhando em uma busca intensa de um conhecimento fragmentado. Precisam saber de tudo ao mesmo tempo, sem questionar a relevância dessas informações para o seu cotidiano. Será que os conflitos no Oriente Médio têm maior

⁵⁵ Encontro uma reportagem a respeito dessa síndrome no jornal do SBT
<http://www.sbt.com.br/jornalismo/noticias/?c=14689&t=Quem+faz+varias+coisas+ao+mesmo+tempo+pode+ter+cerebro+de+pipoca>, acesso em 24/01/2012.

relevância do que os problemas de sustentabilidade de seu município? O que é preciso preservar: uma consciência crítica ambiental ou um levante político do outro lado do mundo? Muitas vezes, esse último acaba tendo mais peso e domina as discussões na rede e em família.

A esse respeito *Ré Maior* faz um questionamento “*Como é que antes tu não te preocupava tanto quando o navio afundou lá na Itália e agora dá qualquer coisa e tu quer saber?*” O que antes parecia distante para muitos, hoje está cada vez mais próximo, como por exemplo, a forma como as notícias são difundidas. Fatos que seriam irrelevantes para um determinado grupo de pessoas por terem ocorrido em outro país ou continente, prendem a atenção em demorado, dominando conversas e discussões na mídia.

Percebi que uma das razões que levou *Ré Maior* a limitar seu uso da rede e também da filha mais nova, está relacionada diretamente à falta de controle que a internet proporciona, ou do uso que o sujeito faz dela. Tem-se acesso a tudo e a qualquer coisa vinda de outro lugar do mundo, em tempo real e ao alcance do usuário, sem que haja qualquer tipo de restrição.

Tudo é permitido na rede, e esse talvez seja o principal receio do pai. Para que tanta informação se não se sabe qual o uso fazer dela? Se, ao invés de buscar saber de “tudo” um pouco e ao mesmo tempo o sujeito procurasse um assunto que tivesse um significado e se dedicasse a estudá-lo, certamente as aprendizagens seriam muito mais expressivas. O limite é a temática que será abordada na sequência em função de ter sido destacado com tanta ênfase na narrativa da família.

5.1.2. Limite

A palavra limite foi anunciada várias vezes pela voz dos sujeitos da pesquisa e, com o trabalho de análise, percebi o quanto estava em evidência a restrição ao uso contínuo da ferramenta internet ou simplesmente do computador. Por isso, esta temática se destaca para avançarmos no que se refere à limitação estabelecida pelos sujeitos da pesquisa.

O que você faria se sua filha de 14 anos vivesse intensamente na frente do computador? Restringir o uso da internet seria uma saída para limitar seus acessos? Quando é possível dar-se conta que se foi além no dito “saudável”? O que poderia caracterizar um uso “saudável” na era digital? Essas são algumas questões que conduzem este diálogo a partir de uma vivência da família coautora dessa pesquisa e também a respeito de minha própria

inserção nas mídias digitais, o que venho percebendo nas leituras que compreendem essa pesquisa bem como o modelo de relação social vigente.

Posso afirmar que a família é coautora porque ela não foi apenas sujeito deste trabalho. Seus membros inseriram-se no percurso da pesquisa e ajudaram-me a compreender minha própria família, que também é usuária assídua das redes de computadores. Lembro-me que, quando cursava a disciplina de Metodologia no Mestrado, a Professora Beth (como carinhosamente é chamada) falou, em uma aula, que só pesquisamos aquilo que nos perturba e, com certeza, na pesquisa, as inquietações são também para o pesquisador que, movido por um sentimento de incompletude, tenta a partir de outros olhares, compreender a si próprio. E, como dizia a Prof.^a Maria do Carmo⁵⁶, “não tem como fazer pesquisa ‘sobre’ o outro, é necessário que o ‘outro’ venha para a pesquisa e que a faça junto.”

Dentro deste contexto, penso no que leva as pessoas a fazerem um uso intenso da internet. O que existe por detrás das telas do computador conectada a outras tantas redes que, de certa forma, *interessa e perturba* a tantos? Mais uma vez encontramos um paradoxo na pesquisa, onde o fascínio da rede pode também ser causa de alienação, como comentou *Si*, em vários momentos.

Estas questões tem sido alvo de interesse de diversos pesquisadores Palfrey J., Urs G. (2011); Bauman Z. (2011); Levy P., Lemos A. (2010); Smith G. (2009); Recuero R. (2009); Sibilia P. (2008) e ousou afirmar que muitos dos interlocutores deste estudo vêm intensificando suas pesquisas também a respeito desta perspectiva – entre a relação do virtual e o real.

O futuro, as tecnologias, as redes sociais, a sociedade moderna, os riscos das redes, dentre outros fatores, aproximam ou afastam as pessoas? Certamente esta é uma resposta que muitos autores ainda buscam em se tratando dessa nova era digital Palfrey J., Urs G. (2011); Bauman Z. (2011); Levy P., Lemos A. (2010); Smith G. (2009); Recuero R. (2009); Sibilia P. (2008). Esta relação com a internet, de aproximação e afastamento, será discutida com mais ênfase no capítulo que traz idéias referentes ao paradoxo da rede mundial de computadores.

Pude comprovar algumas das situações descritas pelos autores que vêm embasando meu trabalho durante os encontros realizados com a família, sujeitos da pesquisa. Uma destas refere-se à questão do uso intenso das redes. A família revelou que em determinado momento viveu uma experiência de completa imersão no mundo digital, chegado ao ponto de

⁵⁶ Profa. Maria do Carmo Galiuzzi, também docente da disciplina de Metodologia de Pesquisa Qualitativa, junto com a Profa. Elisabeth Brandão Schmidt e o Prof. Vilmar Alves Pereira, disciplina cursada no primeiro semestre de 2010.

realizarem as refeições em frente ao computador. No entanto, ao perceberem o que estava ocorrendo, tentaram reverter esse quadro, limitando o uso da ferramenta.

Entre os membros da família, a filha mais nova é quem tem maior interesse e intimidade com a internet. Essa sua atitude gerou preocupação no pai, fazendo com que ele interferisse em sua rotina digital. Podemos conferir, em um trecho da fala de *Ré Maior* que segue:

É... na verdade, desde que ela começou a usar o computador, a gente tá sempre cuidando e aí duas e três, a gente tem que dar uma conversada e dar uma limitada né? A I. tava começando nesse processo aí o que a gente fez? Chamou ela conversou com ela e, limitou. Ai ela se deu de conta que realmente estava entrando nesse processo.

Ainda sentada na sala da família, fiquei pensando... Será mesmo que ela “se deu conta”, ou de alguma forma foi “obrigada” a limitar seu uso? Acredito que as duas coisas. Porém coube ao pai primeira pessoa a detectar o comportamento desenfreado da filha frente às redes, impor um limite de uso, como ele mesmo comentou.

A filha, por si só, poderia levar ainda algum tempo para perceber que estava atrelada ao computador. E talvez nem compreendesse tal situação. Precisaria de uma voz de alerta, o que foi necessário naquele momento.

Por que a internet tem uma sedução tão grande? Este é um questionamento que provoca tantas outras discussões, mas não pretendo aqui abusar de outras teorias e reflexões a este respeito. Talvez fosse necessária outra dissertação para tentar responder essa pergunta. Busco assim me limitar a compreender o percurso desta família, em especial em um movimento onde as mídias digitais se fazem presentes, mas não demonstram ser o centro das relações.

Ré Maior admitiu que gosta muito de navegar na rede e, por gostar, quis estabelecer regras para a utilização. “Agora eu tenho um propósito comigo aqui em casa, que é assim: Eu uso o computador de segunda a sexta, né?” Ele completa que, final de semana de preferência, nem chega perto do computador, pois o final de semana é para a família.

O pai tem o foco no bem-estar de sua família. Acredita que é preciso desenvolver atividades que envolvam todos os membros da casa, pois a sua atitude de “abandonar” o computador aos finais de semana demonstra que sua relação com a máquina é totalmente individualizada. Em programas familiares, o dispositivo não se encaixa.

Ele percebe essa situação, pois não há interação direta no caso, física, quando o assunto é o computador. Dificilmente famílias inteiras poderão compartilhar das mesmas idéias e conteúdos de interesse em um mesmo aparelho. Para acessar é preciso que um abandone para que o outro possa utilizar a ferramenta. Caso queiram interagir ao mesmo tempo, temos o exemplo da imagem apresentada no terceiro encontro: a família moderna está junta, mas cada um no seu computador. Nas populares *lanhouses* também é dessa forma. As pessoas estão umas ao lado das outras, sem trocar palavras ou olhares, apenas o martelar incessante do teclado ecoa no ambiente.

É possível afirmar que a vivência de uso desta família foi tão intensa e motivos de tantas divergências que, por reconhecer que gosta muito de estar na internet, *Ré Maior* também precisou restringir seu uso. Estipulou, como “controle”, apenas nos dias de semana. Destaco seu desabafo, em nosso encontro:

Agora é assim... de segunda a sexta. Sexta-feira eu desligo o computador e só ligo ele na segunda de novo. O fim de semana é pra outras coisas; é pra sair, pra passear, é pra se divertir, é pra ficar com a família. Procuo não ligar, só se for uma questão que eu tenha que resolver, às vezes, do Movimento, né? Mas, do trabalho mesmo, também procuro não ligar. Por quê? Pra não cair nesse risco de cair naquele vício que a gente fica com a internet.

Foi possível perceber o espaço que muitas vezes a internet ocupou nessa casa, fazendo com que se tornasse algo até mesmo “penosa” para seus membros. A relação tornou-se tão complexa, que chegou à condição de vício, conforme relatado pela própria família. A internet ocupou a primeira posição no lar, em detrimento de questões bem mais importantes como o diálogo – principal característica desses sujeitos, apontada por eles mesmos como uma prioridade na casa.

Essa fala me remeteu a um momento do nosso encontro onde a *Sol* falou: “*É bom, mas tu tens que saber usar, tu tens que vigiar todos os dias, tens que te controlar?*” Estávamos falando a respeito desse uso intenso e de como as pessoas muitas vezes se perdem e se esquecem das outras, quando estão na frente do computador.

Essa sua narrativa me fez pensar o quanto a família de alguma forma se vigia para não estar conectada. Parece que eles temem não saber utilizar a rede. Precisam de uma auto-regulação constante para que não mais incorram na vontade desmedida de interagirem com outras pessoas, principalmente através do computador. Agora, ao fazerem uso da ferramenta, optam pela sobriedade, sem exageros.

Quando ouvia as palavras de cada um deles, várias questões surgiam em minha mente. Uma delas é com relação ao controle estipulado por eles mesmos. Esse mecanismo, aplicado pelos sujeitos, está diretamente ligado ao “medo” de que possam perder o que os constitui como família: a coletividade.

A sociedade que modela o uso desenfreado das mídias digitais é uma sociedade que prima pelo individualismo, que gera perfis de sujeitos que parecem ter perdido a capacidade de se relacionar com o outro, presencialmente. São muitas dessas pessoas que entram nas salas de bate-papo, pois buscam, por meio do anonimato na rede, formas de suprir uma presença real. Basta navegar pelas salas de bate papo para perceber que estão “lotadas”.

Em nosso último diálogo presencial⁵⁷, Ré *Maior* intensifica a palavra **limite**⁵⁸, contando que, na semana anterior à minha visita, eles tiveram uma briga, pois as meninas estavam até tarde na internet. Ele revela que se está de férias, não precisa ficar todo o tempo na frente do computador. Nesse caso, ele se refere à filha mais nova, a *Fá Maior*. E que, depois da rede sem fio, que foi instalada na casa, mais uma vez ele teve que chamar a atenção e impor um limite de uso. A todo instante, em sua fala, ele faz associações com a imagem apresentada: “[...] *o adolescente não tem esse ‘simancol’*. *Ele sabe que ele tá errado, porque nem a comer não atina. Tá ali, oh, é o que tá mostrando ali na foto. A bandeja do lanche tá ali e ninguém nem se importou com a bandeja do lanche*”. Penso que a imagem da família moderna estava intimamente ligada com essa família, tanto que a todo instante ela foi motivo para se retornar a fala e, como ele mesmo comentou, *Fá Maior* esquece de alimentar-se estando na frente do computador.

Si complementa a fala do pai, afirmando: “*A grande jogada é que não tem um limite. Não tem limite de horário nem de nada; tá ali o que tu quer, o jeito que tu quer, na hora que tu quer*”. Essa sensação de falsa liberdade que a rede proporciona ao usuário, por vezes é bastante fantasiosa. Afinal quando alguém diz que escolhe “o que quer” na internet, na verdade ele está escolhendo algo que já foi selecionado e preparado por outras pessoas ou grupos. Um exemplo disso é o portal de notícias da Globo, o G1⁵⁹. Nele, os editores selecionam as notícias de acordo com seus critérios que, na grande maioria das vezes, não sofrem qualquer influência por parte dos usuários.

⁵⁷ Refiro-me aqui em presencial, porque conversei com *Fá Maior* pela internet tanto pelo *facebook* como pelo *msn*. Em função de localizar suas preferências, ingresso no *twitter* e também sou sua amiga, ou melhor, nessa rede, o termo é: seguidora.

⁵⁸ Grifo meu

⁵⁹ www.G1.globo.com

Com esse discurso de liberdade na rede, cada vez mais os jovens se sentem atraídos a fazerem parte dessa gigante teia digital. *Sites* de relacionamentos como o *facebook* têm tido um espaço privilegiado nas rodas de discussão e ganham novos adeptos a cada dia.

Palfrey, J.; E Urs G. (2011) afirmam que, atualmente muitas pessoas, em especial os jovens, vivem em uma realidade paralela. Assumem, no mundo digital, diferentes personagens como forma de buscar sua autoafirmação. Vivendo nessa “sociedade”, esquecem-se do cotidiano real e passam a utilizar o computador como único meio de interação social. Criam novas escritas, falas e conceitos – atitudes que estão resignificando o comportamento humano. A esse respeito, os autores anunciam que:

O modo pelo qual a maioria dos jovens está usando as tecnologias da informação está mudando a maneira como o mundo funciona. Ainda não sabemos o impacto total dessas mudanças, mas sabemos que elas são profundas e vão alterar toda a dinâmica nas próximas décadas, se não nos próximos séculos. (PALFREY, J, E URS G. 2011, p.318)

É inegável: o mundo mudou, e muito. Nas últimas décadas, as tecnologias de transporte e comunicação, principalmente, revolucionaram o globo, trazendo consigo uma nova forma de pensar a realidade. “*Connecting people*” ou, em tradução livre, simplesmente “Conectando pessoas” é o *slogan* de uma das maiores gigantes da telefonia celular, a finlandesa Nokia. O chavão, aqui, pode servir também para resumir um pouco dessa relação na qual vivemos atualmente.

Figura 08: Slogan Nokia



Fonte: <http://sabay.com.kh/articles/157600>

Por meio das redes sociais, todos parecem estar conectados de alguma maneira. Quem não nasceu na era da internet, como os chamados nativos digitais, citados pelos autores

Palfrey, J, E Urs G. (2011), acabam tendo de se adaptar a essa nova configuração mundial, que pulsa à velocidade da rede. Na família, as duas filhas são dessa era, de acordo com os autores, porém o interesse maior é da filha mais nova, que atualmente tem 14 anos. Para ela, a internet tem um significado muito importante de relacionamento social, onde encontra com seus amigos, com quem conversa, troca confidências e ainda pode navegar pelo mundo dos artistas que ela admitiu de que gosta muito.

Na música “Banda Larga Cordel”, o cantor Gilberto Gil ajuda-nos a entender um pouco dessa fase global. O músico baiano aborda, na canção, que todos os segmentos da sociedade participam da mesma discussão, independente de raça, classe social ou religião, mediados pela *web*. O certo é que todos precisam falar a linguagem da internet, caso contrário, não saberão em que mundo vivem. Estarão fora desse novo contexto.

Pôs na boca, provou, cuspiu
É amargo, não sabe o que perdeu
Tem um gosto de fel, raiz amarga
Quem não vem no cordel da banda larga
Vai viver sem saber que mundo é o seu [...]

Gilberto Gil observa que a transformação já ocorreu. Não há volta e mesmo aqueles que “provaram” a rede, mas não gostaram, precisam entender sua importância dentro do atual cenário mundial. Ao invés de desprezar, esses sujeitos precisam estar dentro dessa teia, pois ela influencia o presente e o futuro.

Em nosso último encontro, durante nossa conversa, *Ré Maior* comenta que nos dias atuais, as pessoas têm acesso à internet através de seu celular e isso faz com que muitas pessoas não consigam se desvincular dos aparelhos. Ele relata que, em uma das reportagens que assistiu (na internet), empresas tem limitado o uso da internet no horário de trabalho e muitos aplicativos são bloqueados.

Penso que as empresas limitam o uso da internet ou de alguns *sites* de relacionamento em função da própria produtividade. As pessoas estão cada vez mais seduzidas, principalmente por esses *sites* ou salas de bate papo. *Si* comentou que, na FURG, é bloqueado o *Orkut*, *youtube*, *facebook*. Alguém comentou a ela, ou a jovem tentou usar? Confesso que fiquei pensando...

Na internet, um dos sites de relacionamento mais acessados é o *facebook*. Posso afirmar que ele tem um grande poder de seduzir os usuários da rede. Inclusive a mim, que

criei um para esta pesquisa e, hoje, sempre localizo alguma pessoa, ‘descubro’ alguma situação que as pessoas expõem na rede. Uma verdadeira exposição de si e do outro, como propõe Sibilía (2008). E um certo dia estava observando as postagens, onde encontro uma imagem que merece ser analisada. Após contato pelo próprio *facebook* a menina autoriza-me a publicar, na pesquisa, essa imagem e também os comentários dela. Vejamos a seguir:

Figura 09: O uso do facebook por adolescentes



Fonte: <https://www.facebook.com/moniquescunha>

Considero interessante trazer essa foto para a pesquisa, a fim de ilustrar o que foi comentado anteriormente. Nos dias atuais, muitos celulares têm acesso à internet e, nesse caso, as duas meninas estavam em uma festa, mas o mundo virtual é tão mais sedutor e, como a festa não estava interessante, o *facebook* tornou-se mais atrativo naquela noite. Como uma amiga comentou: “[...] festa ruim pediu um face”.

A cena real demonstra o que muitos jovens têm feito para “fugir” de suas realidades, nem sempre tão atraentes. Naquele instante em especial, o restante do mundo parecia ter parado, no momento em que as duas acessaram o *facebook*. Nada ao redor fazia mais sentido ou tinha importância do que ler os comentários em seu perfil. Isso tem feito com que as pessoas troquem companhias presenciais por “caricaturas” da realidade.

Os jovens encontraram, na rede, uma gama infinita de possibilidades. Foram seduzidos pelo fascínio que a internet causa: um clique e uma janela imensa se abre à sua frente, e o que é melhor, sem sair de casa. Essas discussões a respeito da sedução serão abordadas com mais ênfase no item seguinte, onde poderemos acompanhar a vivência dos sujeitos da pesquisa e suas avaliações quanto ao uso da rede.

5.1.3. Sedução pela rede

Tudo o que você pode imaginar é real
Pablo Picasso

Com essa frase de Picasso, que foi um dos artistas mais famosos, da arte podemos pensar a respeito da internet. Que relação podemos fazer com essa citação?

O que você imaginar é real. Não é assim na internet ou nos *sites* de relacionamento? Principalmente na criação do seu perfil na rede, por exemplo, você é o que você quer ser. Não é essa a mensagem que a rede nos oferece?

O filme *Os substitutos* foi um elemento que me ajudou a compreender um pouco este movimento da pesquisa. A partir desse filme, várias indagações e questionamentos com relação à rede, ao futuro, foram ganhando espaço em minhas leituras e escritas.

Esse longa-metragem apresenta um agente do FBI, interpretado por Bruce Willis, onde robôs substitutos tomam o lugar das pessoas, protegendo-as da violência, contágios e do grande medo de envelhecer. Esses robôs, aparentemente “completos e reais”, são controlados remotamente e assumem o papel do seu operador. Com essa proposta, as pessoas experienciam a vida, vão ao trabalho normalmente, mas sem sair da comodidade e segurança de suas casas.

Nesse cenário, a pessoa “compra” o seu substituto e ele pode ser quem ela quer. Chama-me a atenção uma cena em especial, onde uma pessoa muito obesa está conectada e,

em um determinado momento, pode-se perceber que seu robô é uma mulher magra, bonita e muito sedutora. Afinal, como diz Picasso, tudo o que você imaginar é real. Dentro dessa lógica, seu substituto é real naquele contexto.

Assim é também na internet, onde pessoas assumem múltiplas identidades de acordo com o seu interesse. Apesar de o filme abordar uma situação distante de nosso cotidiano, podemos traçar um paralelo com relação ao comportamento dos sujeitos na rede. Um exemplo disso são as salas de bate papo onde a premissa é: Sou quem você quiser. O papel a ser desempenhado depende da intenção da pessoa do outro lado da tela.

Palfrey, J, E Urs G. (2011) afirmam que, no mundo virtual, o principal ato da formação da identidade é a criação de um *avatar*⁶⁰ - uma representação virtual do usuário do computador. O *avatar* é uma figura cujas ações podem ser controladas pelo próprio usuário simplesmente com o *mouse* e o teclado do computador. É através dessa figura que o usuário interage com o mundo virtual – tanto com objetos quanto com outros *avatars*, nesse caso, outros usuários.

As identificações no mundo virtual merecem um certo destaque, principalmente em se tratando dos *sites* de relacionamento. É possível afirmar que muitas dessas identidades são ‘forjadas’ e distintas da realidade. Como um ator que assume um personagem em uma dramatização, os sujeitos incorporam, na rede, esboços de si mesmos. Vivem no ambiente digital pseudo-realidades, onde podem ser o que querem e pensarem o que pensam sem serem punidos. Mas, se ainda assim forem criticados por suas opiniões, é só trocar a figura, recomeçar tudo ou interromper a conversa.

Nesse contexto, a família da pesquisa assumiu papéis distintos de sua realidade ao aderirem ao aplicativo do *Orkut* – a minifazenda. Nesse cenário, eles eram proprietários de terras, com muitas plantações e bens. Cultivavam a terra, plantavam, colhiam seus frutos, criavam animais, negociavam seus produtos e até ‘roubavam’ de outros jogadores com mais terras. Tudo em nome da lucratividade e prosperidade de seu negócio.

A que contexto ecológico podemos referenciar os sujeitos desta pesquisa? Que discursos estão presentes em suas narrativas? Loureiro (2009) diz que entender onde está o processo determinante da configuração do capitalismo, hoje é decisivo para a compreensão da própria discussão ambiental. O autor ainda acrescenta:

⁶⁰ “Avatar” vem originalmente da mitologia hindu e significa a encarnação terrena de uma divindade em forma humana ou animal. Ver *avatar* em: www.ebah.com.br/content/ABAAAAMgAF/mitologia - acesso em 09/01/12.

Todos nós somos alienados no marco do capitalismo, todos nós temos relações de estranhamento com aquilo que somos capazes de criar pela práxis... portanto, a nossa relação com o outro é uma relação mediada pela lógica da coisificação e da mercantilização (LOUREIRO, 2009, p. 07).

O autor propõe que o capitalismo exerce tal poder sobre as relações sociais, a ponto de causar a alienação nos sujeitos, fazendo com que a busca pelo capital e por suas nuances estejam em primeiro plano. Como consequência dessa procura dos indivíduos a sua satisfação pessoal, aparece o consumo, mecanismo que serve para fomentar o mercado. Até mesmo em um simples jogo foi possível detectar que as práticas ambientais da família eram movidas pelo consumo, o qual serviu de pano de fundo para que os sujeitos buscassem ocupar um lugar de destaque no ambiente virtual. O jogo servia para que eles pudessem ter algum tipo de notoriedade naquele contexto.

Nesses espaços, é preciso ter visibilidade na rede, pois nossa sociedade necessita dessa exposição pessoal. Só se é o que se vê e o ciberespaço tem esse “poder” de tornar pública e disseminar muito rápido as informações fornecidas (SIBILIA, 2003, RECUERO, 2009). Na Wikipédia, em 10/01/12, encontramos a seguinte definição para Ciberespaço:

Ciberespaço é um espaço que existe no mundo de comunicação em que não é necessária a presença física do homem para constituir a comunicação como fonte de relacionamento, dando ênfase ao ato da imaginação, necessária para a criação de uma imagem anônima, que terá comunhão com os demais. É o espaço virtual para a comunicação disposto pelo meio de tecnologia. Apesar da internet ser o principal ambiente do ciberespaço, devido a sua popularização e sua natureza de hipertexto, o ciberespaço também pode ocorrer na relação do homem com outras tecnologias: celular, pagers, comunicação entre rádio-amadores e por serviços do tipo “tele-amigos”, por exemplo.

Poderíamos perguntar: Qual é o encanto que a internet causa nas pessoas? O que buscam? Qual a sedução que esse espaço provoca e que imagens de sujeitos são produzidas ou até mesmo manipuladas? Que contexto sócio-ambientais são gerados nesses ambientes?

Em nossa conversa, *Si* denuncia sua fragilidade, quando de frente à tela do computador, conectada à internet para fazer seus trabalhos da Faculdade, é movida por um forte desejo de ver seus *emails* ou até mesmo trocar de página. Ela afirma: “*O problema da internet é que tu nunca consegue fazer só o necessário, sempre vai ter uma coisinha ali piscando que vai te levar para outro lado*”.

Ela usa a palavra **alienação** (grifo meu) para descrever esse processo. “*Por mais que tu sejas correto, sempre vai ter um lado que vai te puxar para a alienação, eu vejo assim*”. Nesse caso *Si* demonstra preocupação com o seu envolvimento em demasia com o ambiente virtual. Destaco o desabafo da menina:

Também outra coisa é assim. Se tu não tem aquilo ali, tu é tri alienado. Por exemplo, eu não tenho face, a quantidade de gente que me enche o saco pra mim fazer um face. Ah! porque tu não tem, é legal, faz um, aí tu acaba... no fundo é o sentimento que te leva tu tá fora, tu não é do grupo das pessoas, se tu não tiver aquilo ali, se tu não frequenta, tu vai ser excluído de um grupo social.

De certa forma, a menina sente que, por não fazer parte de uma rede virtual, isso pode comprometer suas relações presenciais, pois ainda que as pessoas estejam juntas fisicamente, o mundo virtual se faz presente. Para *Si*, o uso da internet deve ser para as atividades da Universidade e para algum entretenimento, mas ir para além do necessário pode se tornar algo perigoso, pois é muito fácil perder o controle e ficar horas na frente do computador, vendo *emails* e “bobagens” que as pessoas enviam, como ela mesma afirma.

A construção da necessidade coletiva de uso da internet desta família parte de uma experiência vivenciada intensamente a partir dos aplicativos do *Orkut*. Os jogos “*Fazendinha*” e *Café Mania*” foram motivos de muito interesse deste grupo familiar. O que esses jogos, em especial provocaram nestes sujeitos?

Em nossos diálogos, foi possível perceber a intensidade e intimidade que a família adquiriu a partir desse jogo. *Si* desabafa que teve um momento que estava ficando chateada e ‘enjoou-se’ do momento em que estavam muito inseridos, destaco:

Era o pai 24 horas, a mãe 24 horas. A mãe, que não gosta, 24 horas, era toda hora pra colher e aquilo ia viciando; aí no fim acho que foi nós os dois que começamos. Eu já comecei a me enjoar daquilo. A mãe ia se deitar e o pai ficava lá e ela ficava chateada com ele.

Si destaca que a mãe não gosta de computador. Esse dado apareceu logo no início de nossos contatos, onde *Sol* afirmou que utiliza o computador apenas para as atividades do trabalho e que não gosta dessa ferramenta, enfatizando sua negação. Porém, no período de utilização do jogo chamado *Fazendinha* ela utilizou de forma frequente. Justifica que, na época, não estava trabalhando, assim tinha tempo e, de alguma forma, mais interesse nesse aplicativo.

O que era para ser uma distração no tempo vago, acabou se tornando, para ela, algo intenso. Influenciou seu cotidiano, fazendo até mesmo com que mudasse seus hábitos. *Sol*, que não gostava de computador, naquele momento já plantava e colhia na sua Fazenda virtual. É a capacidade de persuasão das redes que altera conceitos e paradigmas. O jogo, suas funcionalidades e visualização de algumas imagens será abordado em um capítulo especial.

A menina *Si* observa que, apesar de não estarem realmente conectados 24 horas ao computador, seus pensamentos estavam ligados intimamente ao ambiente virtual. Utiliza, em sua fala, que o pai e a mãe usavam 24 horas para expressar a intensidade desse costume. Revela ainda, que eles levaram preocupações e sentimentos reais para a disputa eletrônica, aguçando a inveja e a cobiça. *Fá Maior* excluiu a amiga do jogo, porque as plantações eram mais bonitas que as suas, e ainda revelou que sempre roubava dela, pois o jogo permite o roubo.

Os usuários da internet são protagonistas de suas histórias e também produtores de conteúdos nos “mundos virtuais” – *Second Life*⁶¹ – onde costumam passar várias horas por dia desenvolvendo diversas atividades *online*, como se vivessem uma “vida paralela” nesses ambientes virtuais (SIBILIA, 2008).

Apropriam-se de uma realidade figurada, feita sob medida, para satisfazer suas carências ou anseios. Utilizam essa nova vida para esconder sua identidade, protegida pelo sigiloso som das teclas e da *webcam* desligada. Hall (2006) fala do surgimento de novas identidades e da fragmentação do indivíduo moderno e liga a crise da identidade às mudanças que estão se deslocando as estruturas e processos centrais da sociedade moderna. Destaco a seguir essa reflexão do autor:

[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente as identidades que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006 - P.12)

⁶¹ *Second Life* – Um mundo virtual baseado na internet. É um mundo gerado pelo usuário em que as pessoas podem jogar, interagir, fazer negócios e comunicar-se utilizando a interface de um *avatar* e uma moeda virtual, o dólar *Linden*, que é vinculado ao dólar norte-americano. (PALFREY, J, E URS G. 2011)

Na medida que os sujeitos adotam outras identidades, assumem também suas implicações, por exemplo, quando se projeta uma personalidade fictícia na rede, é preciso sustentá-la com argumentos a respeito de sua trajetória de vida e bagagem cultural. Ainda que essa identidade não exista de fato, no momento em que ela foi criada para uso na rede, passa a ocupar um *status* de verdadeira para aquele determinado grupo de usuários.

Ré Maior afirmou que utiliza muito o computador para seu trabalho, pois, como trabalha com criação gráfica, a maior parte do seu tempo está na frente do computador. Reconhece que gosta de utilizar a internet, de ficar navegando à procura de informação. Para ele tem muita coisa boa na internet, só é preciso procurar.

Nesse contexto, o pai cita os benefícios da internet. Ele comenta que a rede é uma vasta fonte de informação e entretenimento, mas é preciso filtrar todo esse conteúdo. *Ré Maior* argumenta que, se não for feita uma boa triagem do conteúdo apresentado, corre-se o risco de “engolir” tudo o que é disponibilizado.

Da mesma forma que o pai, a filha mais nova (*Fá Maior*) também comenta que gosta muito da internet e participa assiduamente das redes sociais. Diz que tem muitos amigos e conversa com eles pelo *Orkut*, *twitter*, *msn*, *facebook*. Fiquei pensando a respeito de uma de suas narrativas, que compartilho a seguir:

Dia de semana, eu mexia; agora que não mexo mais, eu mexo mais no final de semana. Final de semana tá todo mundo *online*. Final de semana ninguém tem que estudar pra prova, bom até às vezes eu tenho, mas ninguém tem trabalho, ninguém tem tema. Então todo mundo entra no final de semana, então é mais legal ficar, mas mesmo assim se o pai e a mãe chegam e dizem: Ah! vamos sair em tal lugar, desde que não seja na casa dos amigos deles, porque eu não vou nunca, porque eu tenho vergonha; e eu não gosto de ficar sozinha porque eu tô na adolescência e... (risos) mas, enfim... ah, e se diz: tá vamos dar uma volta lá na praça. Aí eu desligo dou tchau, enfim... tem que ter 15 minutos pra dar tchau; ah, é 15 minutos e, essa coisa, mas ... Até agora mesmo tenho usado o computador pra redes sociais mesmo.

Nesse discurso, é possível perceber a diferença na relação do pai e da filha com a internet. Ambos gostam do computador e usam assiduamente, mas a filha prefere ficar *on line* no final de semana, onde todos ou a maioria dos seus amigos também estão conectados. Já o pai, nos finais de semana dedica-se à família. Ela, como membro da família, fica na internet no final de semana? É apenas uma provocação, pois como *Fá Maior* mesmo afirma, sempre que seu pai a chama, ela termina seus assuntos e sai com eles.

É possível afirmar ainda que o grande interesse dos jovens na internet são os *sites* de relacionamento e vem crescendo a cada dia o número de usuários, como já demonstrado em

tabela, no capítulo que se refere especificamente da internet. Os jovens recorrem às redes sociais *on line* como abrigos de outros locais que se tornaram, no seu ponto de vista, mais restritos. Nessas redes, muitas coisas estão acontecendo: eles aprendem o que significa ser amigo, desenvolve identidades, vivencia e interpreta os sinais sociais (PALFREY, J, E URS G. 2011). Para esses dois professores de Harvad, esses ambientes permitem brincar com as identidades, uma parte importante do estágio no desenvolvimento da identidade total do indivíduo.

Quando os autores falam a respeito de “eles aprendem o que significa ser amigo”, pensei a respeito dessa afirmativa. Será realmente que a internet possibilita essa relação? O que é ser amigo de alguém? Isso dependeria muito do conceito de amizade de cada sujeito e posso afirmar que a resposta seria por demais subjetiva. Para os autores, essa constituição de amizade poderia estar relacionada aos interesses partilhados e interações realizadas. Porém, essas amizades podem ser passageiras, fáceis de começar e fáceis de acabar e ainda podem ser duradouras, de modo que não podemos compreender os laços que as tornam.

Nessa ótica, podemos pensar que a própria natureza dos relacionamentos está mudando. Muitas vezes, ao invés de sair para conhecer pessoas, em clubes ou festas, alguns optam pelas salas de bate-papo virtuais. Diferente da realidade, quando se leva “um fora” no ambiente digital, basta apenas trocar de sala ou desligar o computador. A respeito das relações estabelecidas pela internet, Bauman (2011) nos diz que:

Confidenciando nossos segredos a um pequeno grupo de pessoas selecionadas, “especiais”, tecemos redes de amizade na internet, indicamos e conservamos nossos “melhores amigos”, ao mesmo tempo que bloqueamos a todos os demais o acesso a essas intimidades; criamos e mantemos vínculos incondicionais e permanentes; como num passe de mágica, agregados frouxos de indivíduos são transformados em grupos integrados e fortemente unidos (BAUMAN, 2011, p.42).

É estranho e até mesmo assustador pensar que alguém, do qual nem se sabe o nome direito, possa tornar-se seu confidente íntimo. Receptor de suas frustrações e alegrias. Uma pessoa que, no máximo, em algumas situações, viu-se em fotos. Atualmente, a “exigência” das salas é que se ligue a *webcam* como garantia de afirmação da identidade de gênero que foi anunciada ao entrar.

No mundo virtual, é curioso como se estabelecem os laços de afetividade e até mesmo de discórdia. Pessoas que nunca se encontraram pessoalmente tornam-se melhores amigas, enquanto vizinhos de porta não compartilham a mesma rede social de convivência.

Os sujeitos da pesquisa desenvolvem suas narrativas, apontando tanto os pontos positivos quanto os pontos negativos de uso da rede virtual. Reconhecem que, em um determinado momento de suas vidas, a intensidade do uso foi um dos fatores que ocasionou muitas dificuldades na família.

De acordo com *Ré Maior*, o vício a que se refere da internet, é com relação à instantaneidade da informação. Ele adverte que as informações são disponibilizadas na internet em tempo real, antes ainda de serem veiculadas na TV. “*O que tu vê na televisão é requentado, antes já saiu na internet e tu já tá sabendo*”.

Expõe, em sua fala, que é possível saber o que se quiser e não precisar assistir um programa inteiro para isso. É possível, a partir da rede, assistir apenas a notícia de interesse. Conclui seu raciocínio: “*Tu entra ali e vê as notícias que te interessam e vai atrás dos assuntos que queres. Isso aí pra mim é ótimo! É muito bom a informação instantânea.*”

Pode-se dizer que, mesmo sendo instantânea, a informação difundida na internet ainda não é 100% confiável. Não é incomum *sites* de notícias terem de desmentir suas matérias publicadas de maneira errônea. Falta aos portais de notícias da *web* uma maior checagem das informações, sob pena de caírem no descrédito dos internautas.

Tais erros são cometidos em nome do mercado, pois o sucesso de um *site* é medido pelo seu número de acessos, e um dos fatores determinantes, nesse caso, é a instantaneidade da informação. Quanto mais acessada determinada página, mais rentável ela se torna e acaba despertando o interesse do mercado na *web* que cresce a cada dia, impulsionado pelos consumidores digitais que, pela praticidade da rede, optam por fazerem suas compras sem saírem de casa.

A temática consumo foi destacada com muita ênfase na narrativa da família. No momento da análise dos dados, foi possível perceber que já não era mais uma pré-categoria, uma categoria inicial e, sim, um anúncio de que era preciso investir em reflexões acerca desse eixo. Para isto, o seguinte capítulo traz elementos sobre o consumo e explica de forma mais detalhada o movimento do jogo utilizado pela família.

VI - A SEDUÇÃO DO “CLIQUE”: O SONHO DO CONSUMO

6.1. Relações de consumo

Certo dia, estava assistindo na TV- no canal Viva - junto com minha sobrinha, o Sítio do Pica Pau Amarelo. E tudo está muito diferente. É claro que os personagens são outros, mas não tem o mesmo encanto da minha infância. Tive um sentimento de nostalgia, ao lembrar dos momentos ansiosos à espera desse programa, quando ainda era criança. E, tudo era muito mágico! As cenas, os personagens: a Emília, Tia Anastácia, Dona Benta, Pedrinho, o Visconde, o Saci e até a Cuca, tudo era muito real. É fantástico o imaginário infantil, não podemos negar. Porém, nesse programa, a Dona Benta acessa a internet para mostrar uma história à Tia Anastácia. Confesso que fiquei surpresa. Pensava: Até no Sítio? Questões tão simples de minha infância e que ainda permeiam o meu imaginário, acabaram sendo ‘engolidas’ por esse processo de digitalização das relações. Até a Dona Benta na internet? Sei que são outros tempos e que, com a vivência em um “mundo moderno líquido” (BAUMAN, 2011), tudo vai se ‘atualizando’, “tudo, ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança” (p.07). Admito, porém, que essa cena me causou um certo estranhamento.

Durante a propaganda do programa, deparo-me com a comercialização de todos os objetos e utensílios relacionados ao Sítio; todos os produtos infantis são muito atrativos. É caderno, estojo, óculos, bolsa da Emília e diversos outros produtos comerciais. Minha sobrinha me diz: *“Tia Rô, eu preciso do óculos da Emília e, também preciso desse caderno do sítio, porque vai começar as aulas.”* O detalhe é que os óculos são de grau e, até o momento, ela não apresenta nenhuma deficiência visual que precise de óculos. Eu perguntei a razão dela precisar desse óculos, visto que já foi ao médico e não há com o que se preocupar. Ela me sustenta que precisa porque é da Emília. É, se não fosse da Emília, ou se fosse de um programa que ela não goste, certamente não ia precisar.

Diante desta situação vivenciada, percebo que o consumo desde a infância é uma necessidade construída pelo mercado e é trabalhada através de propaganda subliminar, como descreve Flávio Calazans (2006) em seu livro “Propaganda Subliminar Multimídia”. O autor afirma que a propaganda subliminar é uma mensagem transmitida de forma oculta por qualquer mídia, com a intenção de influenciar as atitudes do espectador. É possível existir no cinema, na campanha política, na imprensa, na TV, nos quadrinhos, nos desenhos, enfim.

Como diz o autor, “A saturação subliminar é resultante da falta de tempo para pensar nas imagens”.

O autor denuncia uma das práticas de mercado mais duvidosas e eficientes, pois, apesar de o expectador não conseguir decodificar as informações passadas em frações de segundo em meio a outras diversas imagens, seu cérebro processa tal dado, o qual poderá influenciar em sua decisão de comprar esse ou aquele produto.

Com relação ao comércio infantil, é possível notar o quanto cada vez mais nossas crianças têm sido alvo de campanhas publicitárias de produtos infantis. Atualmente, percebemos um grande índice de pais que trabalham e os filhos, desde muito cedo, vão para as escolas. Esse pode ser caracterizado um dos perfis da família moderna. Conversávamos sobre isto em nosso terceiro encontro e *Ré maior* enfatizou:

Os filhos, hoje, até uma determinada idade, já não são mais criados pelo pai e pela mãe e, sim, pela escolinha. Aonde o pai e a mãe acabam tendo o papel de provedor, mas não de educador, porque eles transferem essa parte da educação para a escola, para a escolinha e, mais tarde para a escola. Então, quanto menos tempo eu perder com meu filho, pra mim, melhor. Tanto que o que acontece com as famílias modernas, que eu também já vi. Quando chega na época das férias de determinadas famílias modernas vira um pânico, porque: O que eu vou fazer com meus filhos? Aí, dentro desse contexto de família moderna, nasce o que as estações de férias, aí tu pega e larga os teus filhos lá.

Nesse contexto, os pais, de alguma forma, tentam compensar o tempo em que ficam separados de seus filhos e uma das formas que utilizam é o comércio. A compensação é realizada através de compras e, assim os filhos podem fazer o que querem. Bauman (2011) fala-nos a respeito da comercialização da infância, o que já se tornou um fator determinante em nosso universo movido pelo consumo.

É, não podemos negar. A sociedade moderna é marcada por esse forte fator: o consumo. Épocas de festas como Natal, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia da Criança e Dia dos Namorados são uma grande fonte para o Mercado Capitalista.

As palavras: Promoção ou Liquidação mereceriam ser estudadas com mais profundidade, pois em sua maioria sempre seduzem principalmente o público feminino. Que sedução é essa? Seriam elas mensagens subliminares e que nem percebemos, mas que dizem: comprem, comprem, comprem... O que Calazans diria a esse respeito? Fiquei pensando estas questões ainda quando estava escrevendo, porque também me sinto seduzida pela palavra: promoção, ainda que não exista de fato, seja apenas um atrativo para encantar o cliente.

Bauman (2011) chama a atenção que, em nosso mundo moderno líquido, a cultura do consumo não tem “povo” para “cultivar” e sim clientes para seduzir. Essa é a grande chave do Capitalismo, criando novas leis de oferta e procura a cada instante, fazendo com que cada vez mais pessoas consumam o que não precisam apenas como forma de satisfazer um desejo interno. Dentro dessa sociedade marcada pelo consumo, a cultura é constituída de ofertas e não de normas. Quem dita às leis?

O anúncio da propaganda do automóvel resume essa afirmativa. “Você compra [não um carro, mas] uma amostra de si mesmo, Bauman (2011, p.69), com essa proposta sugere, uma analogia com relação à auto-imagem que o sujeito faz de sua pessoa frente ao mundo. A partir da roupa que veste, do telefone que tem ou do carro que o sujeito possui, ele mostra à sociedade como quer ser visto; nesse caso, consumido. Essa relação de consumo X consumidor que o autor tanto discute é estabelecida pelo mercado, e é o que mantém aquecidos os números das indústrias da atualidade, especialmente as do setor automobilístico e de telefonia.

Ainda dentro desse contexto, outro setor que tem obtido lucros astronômicos é o da beleza, principalmente o que trata das cirurgias estéticas e plásticas. Além das incansáveis, mas também muito rentáveis campanhas de cosméticos, o crescimento da área de cirurgias corretivas que incluem redução de efeitos do envelhecimento, implantação de silicones, lipoaspiração, rejuvenescimento facial, retoques, dentre outros, ganham cada vez mais adeptos. Afinal, quem não quer ter uma boa aparência? Nesse mundo líquido, como propõe Bauman (2011), é preciso ter um bom rótulo para que seja consumido.

[...] uma mercadoria comentada, que se destaca da massa de mercadorias, impossível de ser ignorada, ridicularizada ou rejeitada. Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas. (BAUMAN, 2008, p.22)

É nesse cenário que a indústria da beleza procura seduzir mulheres ‘ansiosas’ com a aparência física, mas que também de forma indireta, preocupam-se com seu *status* social e sua posição dentro desse contexto. Um exemplo claro são as aspirantes à celebridade, que precisam manter sua aparência para que se tornem consumidas.

Esse setor tem atraído cada vez mais a atenção de médicos iniciantes, que enxergam nessa área uma grande alternativa de lucro, ao ponto de relegarem a medicina tradicional.

Posso afirmar esse dado, pois certo dia conversava com um amigo que é Pediatra e professor da Universidade, o qual comentou que um de seus alunos disparou a seguinte frase:

“O senhor precisa atender 50 crianças para ganhar o que eu vou ganhar com uma bunda”.

Esse dado demonstra o quanto o mercado da beleza tem seduzido os mais diferentes tipos de profissionais, fazendo com que percebam a possibilidade de altos lucros.

E esse mercado se mantém aquecido em função de uma simples lógica: comprar, seja o que for; é necessário que as pessoas consumam, para que o sistema capitalista possa se manter em vigor. Não apenas o mercado da beleza seduz as pessoas, mas existem outros tantos atrativos para o consumo e que muitos destes são oferecidos pela internet.

Durante a pesquisa e em todas as conversas realizadas com a família colaboradora deste trabalho, um dos momentos intensos relatado pela família foi um período em que estiveram assiduamente participando de um dos aplicativos do Orkut. Os jogos Mini Fazenda e Colheita Feliz são jogos nos quais o usuário precisa administrar uma fazenda com todos os cuidados necessários. Esses jogos, lançados nas redes sociais, cada vez mais têm sido alvo de interesses pelas pessoas que frequentam esses espaços.

A fim de compreender o que moveu esta família a participar desse contexto, lanço mão de todos os meus ‘pré-conceitos’ e entro no aplicativo para tentar entender o mecanismo desse aplicativo. Considero interessante, visto que por ser uma novidade, atrai e estimula a curiosidade do sujeito.

Tanto o Mini Fazenda quanto o Colheita Feliz são chamados de “jogos sociais”. Na Colheita Feliz, o jogador é um fazendeiro e deve comprar espaços de terra e, com isso, adquirir novos objetos e animais para compor a sua fazenda, tornando-a cada vez mais bem sucedida. A seguir, apresento uma imagem do jogo, onde, nesse caso, o fazendeiro está arrendando algumas terras e já possui alguns animais.

Figura10: Jogo Mini Fazenda



Fonte: <http://www.superdownloads.com.br/materias/colheita-fazenda-mini-fazenda-games-sociais-que-bombam-no-orkut.html#ixzz1l1eqNjqJ>

Quando ingresso, o programa faz um *download* do jogo e logo aparece uma tela onde é possível perceber o convite a iniciar o cultivo. *Ré Maior* revelou que gostou do jogo pela capacidade de interação que ele proporciona, oferecendo ao usuário a possibilidade de planejar a arquitetura da fazenda, detalhes da plantação, manutenção, cuidado com os animais, dentre outras rotinas campeiras. Como ele trabalha com artes gráficas, sentiu-se atraído pela idéia de criação que o jogo oferece.

Figura: 11 - Início do cultivo



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Application?uid=11053100672052853348&appId=721987110545>

Muitos desses dados que descrevo foram relatados durante a conversa realizada com a família. Na medida em que eles falavam, eu tentava ‘alcançar’ suas narrativas quando chegava em casa e buscava ler sobre o aplicativo. Nesse jogo, a colheita pode ser roubada pelos amigos que fazem parte da sua lista. Existe um horário em que o usuário deve colher sua produção e um horário para roubar do vizinho. A dica é comprar um cachorro, para que ele proteja a fazenda contra os amigos "ladrões".

A esse respeito, *Fá Maior* contou que ficava chateada com uma colega e, me disse: “*E, ela comprava e eu ficava braba com ela porque ela era rica e eu ia lá e roubava tudo dela. E aí a gente ficava brigando e eu xingava o computador, quase batia no computador*”. Seguindo esse diálogo, a menina disse que excluiu a colega, porque ela tinha mais coisas em sua fazenda e ela não aceitava. O pai perguntou se ela tinha excluído a amiga, e a menina responde: “*Eu exclui ela, de braba, porque eu não admitia que ela era mais rica, que ela conseguia ser mais rica do que eu. Não admitia*”. Seguindo ela me explica, descrevo a seguir:

É porque, na Colheita Feliz, é permitido o roubo. Tu vai lá e rouba as coisas do outro. Então, todos os dias... dava de roubar três vezes ao dia de manhã, de tarde e de noite. Aí a gente em casa a gente brigava. Não eu que vou mexer agora, porque eu que vou roubar, não rouba deixa que eu que quero roubar, Não, não, não, deixa que eu roubo. E a gente ficava brigando então...

Quando ela falou que ‘excluiu’ a amiga, fiquei pensando: Que relações são essas? Foi nesse contexto de uso intenso e de brigas para ver quem usa o computador ou quem “rouba” primeiro, que a família viveu intensamente. O que me pareceu é que lembram com um certo descontentamento desse momento, mas de alguma forma ainda conseguem se divertir ao falar do que fizeram. O pai também comenta que essa amiga era como um desafio para eles no jogo e que, como ela jogava muito, todos queriam alcançá-la e, que ele ficava “aflito”, destaco:

Ela jogava direto (risos) e todo mundo queria alcançar ela. Não aquilo ali eu chegava ah tá trabalhando e, às vezes eu chegava ah tá trabalhando com o computador ligado aí eu ia lá, trabalhava um pouco, vinha aqui e tá tá ta, corria e voltava a trabalhar de novo. Era uma coisa assim meia de doido. Agora acabou assim. Não foi muito tempo também.

Muitas funcionalidades desse aplicativo estão disponíveis gratuitamente, mas é possível perceber logo que alguns benefícios são cobrados com moedas verdes e que devem

ser compradas com dinheiro de verdade, através de transações *online*. *Ré Maior* me explica o movimento desse jogo e, posteriormente, posso confirmar quando ingresso nessa rede. Sou convidada a cuidar da fazenda de uma pessoa que está na minha lista, porém nem conheço essa pessoa.

Assim, visualizando a fazenda dessa ‘suposta’ vizinha, o aplicativo sugere que seja clicado em alguns pontos específicos, tipo: “clique aqui”. Quando clico, percebo que tem um inseto ou predador e que o cuidado é eliminá-lo. Dessa forma, após “matar” todos esses insetos, ganho alguns bônus por ter cuidado da fazenda da vizinha e que pediu minha ajuda.

A Mini Fazenda é muito semelhante ao Colheita Feliz, porém possui apenas algumas particularidades. O usuário pode montar a fazenda como quiser, movendo os objetos ao redor da tela. É, possível visualizar a fazenda do vizinho, crescendo ao lado e ajudá-lo. Da mesma forma que o Colheita Feliz, esse jogo também tem funcionalidades que são liberadas apenas quando são compradas com dinheiro de verdade, porém no Mini Fazenda as produções não podem ser roubadas.

Figura 12: Colheita Feliz



Fonte: <http://www.superdownloads.com.br/materias/colheita-fazenda-mini-fazenda-games-sociais-que-bombam-no-orkut.html#ixzz1lIeqNjqJ>

Percebo ainda que logo que ingresso nessa fazenda, tem ao lado superior, no canto direito, como será possível visualizar na imagem a seguir, uma sugestão para adicionar 'Mini Grana'. Essa fazenda, cheia de animais e propriedades, é da minha vizinha, a qual sem conhecer muito, ajudei a cuidar por uns dez minutos matando suas possíveis 'pragas' na plantação e ainda é possível regar a plantação dos vizinhos. As pessoas ajudam a cuidar da fazenda dos vizinhos, porque gostam do aplicativo ou por que ganham bônus em troca? O que move esse jogo? Que relações estão implícitas nessa lógica?

Figura 13 - Adicionar Mini Grana



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Application?uid=11053100672052853348&appId=721987110545>

Quando clico nesse item, outra tela abre, sugerindo que eu compre e algumas formas para pagar, ou via boleto bancário, ou cartão de crédito ou até mesmo por SMS, no telefone celular. *Fá Maior* comentou: *Não, e o pior é que a gente já tava pensando em gastar dinheiro com essa coisa. Porque o pai principalmente pensava. Aí eu acho que eu vou... ah, mas é só 5 reais e eu vou ganhar não sei quantas mil moedas. Imagina só...* Hoje parece surpresa em investir dinheiro, comprando moedas para seguir o jogo, mas no momento em que estavam nesse espaço, pensavam em gastar. Como diz Bauman (2011), o que conta de fato é o momento da aquisição, o resto não importa. Ainda que mais adiante tudo se torne descartável e sem valor.

Ré Maior havia comentado que conhece muitas pessoas que se envolveram e que gastaram muito dinheiro nesse jogo. Ele explica que pode ser pago com cartão de crédito e que a pessoa escolhe quantas moedas quer comprar a cada 20 ou 30 reais é um número de mini ouro, Mini Grana que se adquire. Ele explica:

Debita no cartão de crédito. Aí tinha assim, oh... tu comprava, sei lá, tipo assim 100 Mini Ouro, 30 reais, 500 Mini Ouros, 50 reais e eu sei de gente que botou muito dinheiro nisso aí, pra ter a fazenda mais bonita que os outros. E aí tu chegava lá... Pô o fulano comprou isso aqui. Ah, ele comprou com dinheiro. Aqui ninguém gastou dinheiro com isso.

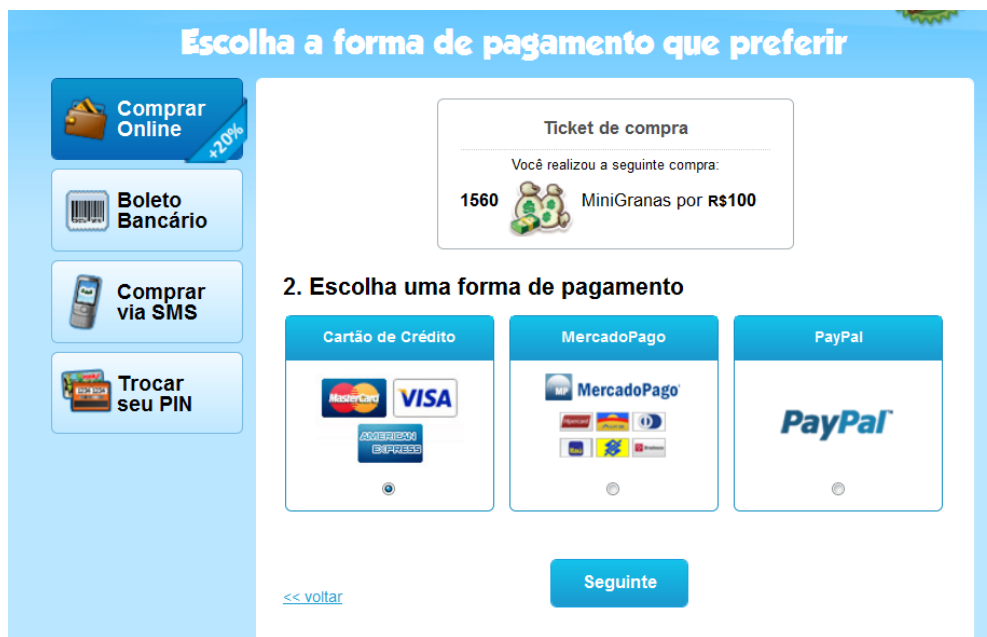
Reforça que, na sua casa por mais que tenham vivido intensamente esse jogo, não apostaram dinheiro para continuar. Considero interessante localizar o leitor desse movimento que o jogo permite para comprar os Mini Ouros ou Mini Granas e aproximo em imagens essa visualização. No primeiro momento cliquei que queria um valor e logo em seguida aparece uma outra, tela pedindo a confirmação do pedido.

Figura: 14- O que deseja comprar?



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Application?uid=11053100672052853348&appId=721987110545>

Figura: 15- Formas de pagamento



Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Application?uid=11053100672052853348&appId=721987110545>

Ré Maior explica que determinadas funções do jogo são bloqueadas e, por isso, é necessário comprar. É possível perceber a sedução que o jogo provoca, pois muitas das funcionalidades o usuário pode acessar e adquirir normalmente, mas quando pensa em algo um pouco diferente, ele precisa comprar e pagar para ter.

Fico confusa e tento entender o movimento desse jogo, pois houve um momento em que parecia não querer acreditar que era preciso pagar para continuar jogando e *Ré Maior* esclarece:

A maioria tu compra com o dinheiro que tu mesmo vai gerindo. Tu vai plantando, vai colhendo, e vai vendendo, e vai ganhando dinheiro, e vai comprando as coisas que vão lançar. Mas vamos supor assim... Eles lançavam uma linha nova lá da África, e aí tinha tudo da África. Só que alguns itens, os mais bonitos, tu só compra, se tu comprar com dinheiro mesmo.

Apesar de ter um caráter de entretenimento, o jogo também é rentável para os seus administradores no mundo real. À medida que são disponibilizados créditos virtuais para compras reais no aplicativo, o simples ato de proporcionar lazer e diversão assume uma nova configuração: o lucro.

Como diz Baumam (2011, p.32), os produtos ambicionados estão prontos para o consumo instantâneo, imediato; o desejo e sua satisfação fazem parte do mesmo pacote; e é você quem manda. Nesse caso, a lógica do jogo segue, se você comprar os produtos oferecidos para ter uma fazenda mais popular, mais bonita e produtiva. E, como apresenta a figura, é só escolher uma das formas de pagamento.

Quando a família se deu conta? *Ré Maior* comenta que, um certo dia, estava assistindo um filme, no qual o personagem principal fazia uso intenso do computador/internet e que isso estava afetando a sua relação familiar. O casal, no filme *A prova de fogo*, está em processo de separação, devido à falta de diálogo, situação que assustou *Ré Maior*, pois fez um breve paralelo com a sua própria situação familiar, em função de sua vivência na rede.

Naquele filme ali, falava nos parasitas e se referia especificamente ao computador, né? Eu me dei conta, mas para aí um pouquinho. Nós estamos com um parasita lá em casa. Tem uma coisa lá que tá parasitando todo mundo e a gente não tá se dando de conta. Tá nos afastando, tá nos tirando do convívio familiar e a gente não tá se dando de conta.

Ré Maior classifica, como efeito de parasitas, o comportamento que sua família estava apresentando com relação ao uso da ferramenta. Percebe que o computador, de alguma maneira, estava causando certo tipo de afastamento entre sua família, situação que o preocupou. A exemplo do filme, onde o casal protagonista viu-se afastado em função da rede, *Ré Maior* notou que um quadro semelhante instalou-se em sua casa onde o diálogo deu lugar a interação através da máquina.

Em função dessa vivência, todos acabaram por interagir de outra forma, mediados pelo computador. Mesmo próximos, estavam distantes; e o que interessava, em especial, era o jogo. Esse paradoxo que a internet provoca é tema do próximo capítulo, onde será discutida essa relação com mais ênfase. Ainda que a própria palavra não tenha aparecido de forma tão transparente nos encontros com a família, as contradições geradas entre a fala e a observação da pesquisadora indicaram a necessidade de abordar tal questão. Ficou claro que as relações sociais desses sujeitos constituem-se em um paradoxo entre fala e vivência, evidenciando que foram, de certa forma, seduzidos pela rede.

VII - PARADOXO: INTERNET

Quando falamos a palavra paradoxo, o que nos vem em mente? No dicionário Michaelis⁶², na UOL, a definição para paradoxo é: a opinião contrária a comum, contra senso, contradição, afirmação, na mesma frase, de um conceito, mediante aparentes contradições ou termos incompatíveis. Penso que é possível fazer uma articulação com a internet, sendo ela um paradoxo. Essa relação ficou bem marcada nas conversas realizadas com a família, em função da internet ser “ruim” e “boa” ao mesmo tempo.

Com opinião contrária da irmã mais velha e da mãe, em um de nossos diálogos a *Fá Maior* como fiel defensora da rede de computadores, afirmou que acredita que a internet também aproxima as pessoas, e ainda deu um exemplo de sua vida, para ilustrar sua fala. Descrevo a seguir:

Eu acho que... o computador, a internet, ela não tem só essa coisa de que afasta as pessoas. Talvez ela possa aproximar também. Porque, muitas vezes, o pai tá no computador, vendo uma coisa legal, e ele chama todo mundo para ver, e isso aproxima então eu acho que tem um lado positivo, também acho que não é só negativo.

Dentro desse paradoxo que a internet provoca, a menina conseguiu perceber que a rede pode construir algo dentro de sua relação familiar. Para ela, o importante é que todos estejam juntos, ainda que seja ao redor do computador. A visão de *Fá Maior* é positiva no que refere ao uso das ferramentas, pois ainda que o diálogo tenha sido limitado, devido à experiência que tiveram, ela pensa que, de alguma maneira, possa haver outras formas de interação, pois é usuária assídua e vive imersa nesse universo.

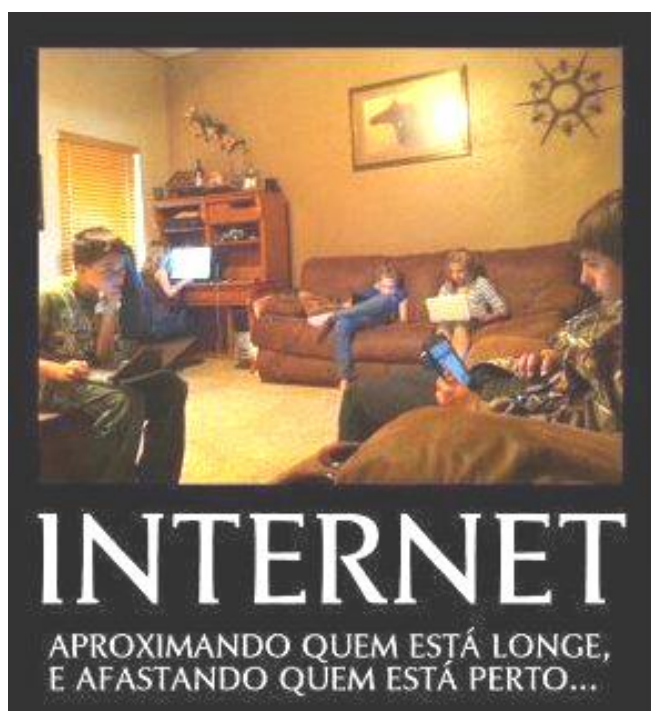
Seguimos nosso diálogo e a *Sol*, que não gosta da rede, identificou alguns pontos positivos da internet, pois durante todos os nossos encontros, ela sempre mostrou-se contrária à ideia do uso do computador e principalmente da internet. Ela afirmou que percebe um lado positivo, quando as pessoas, familiares, vão morar em outro lugar e, de alguma forma, através da rede, a comunicação com essas pessoas tornou-se mais fácil. Já o *Ré Maior* que sempre foi muito receptivo com relação à era digital, afirmou que aprende muitas coisas com o uso da internet e que além de gostar, procura muitas coisas para seu aprendizado com a música, pois como já havia comentado em outro momento, eles são uma família musical e gostam muito de

⁶² Dicionário Virtual – palavra paradoxo <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>, acesso em 13/01/2012

estar se atualizando na rede. Ele comentou que já aprendeu a tocar sax pela internet, ainda que não tenha o instrumento.

Outra questão que apareceu em nossos diálogos foi com relação ao afastamento que, muitas vezes, a internet provoca nas famílias. *Ré Maior* afirmou que, em sua casa, cada um tem um computador e que é muito fácil de cair no risco de ficar cada um no seu sem interagir com o outro. Ele salientou: “*É por que cada um fica isolado num universo*”. Encontro, em sua fala, uma imagem na internet, que vem para a pesquisa, a fim de ilustrar esse paradoxo da internet: Afasta ou aproxima? Uma contradição que, muitas vezes, em nossos lares é possível perceber a relação de como a mídia é estabelecida com os demais.

Figura 16 - A internet afasta ou aproxima as pessoas?



Fonte: <http://www.google.com.br/images>

A esse respeito, Bauman (2011, p.17) propõe um questionamento: “Quem vai querer conversar com parentes quando os amigos estão a um clique do teclado?” A pergunta do autor traz em si uma série de elementos que envolvem o uso da internet, e de que forma as pessoas estão se comportando dentro desse contexto. A própria questão familiar está carregada de diversos sentidos e faz com que o sujeito não considere o diálogo com os familiares tão

interessante. Afinal, além de todos os problemas existentes, eles não fazem parte desse universo e nem tão pouco falam a mesma linguagem cibernética de muitos jovens.

Nesse caso, ao mesmo tempo que a internet aproxima pessoas distantes, ela acaba afastando sujeitos que estão ligados biologicamente, mas que deixaram de serem íntimos de alguma forma. Muitas vezes, pessoas que jamais se viram trocam confidências que não foram ditas a familiares, em uma relação de confiança e sigilo virtual.

Com relação ao paradoxo de a internet afastar ou aproximar os sujeitos, acredito que o foco dessa questão está na maneira com que se faz o uso da ferramenta. É evidente que a máquina serve para unir pessoas distantes geograficamente, mas fica claro também que a internet pode impor barreiras àquelas que convivem diretamente e sob o mesmo teto. Em algumas situações, essas pessoas têm uma relação que não passa de ações automáticas e diálogos monossilábicos. O ponto principal está na maneira como se lida com a rede, pois, ao final de tudo, restam somente componentes eletrônicos e fibra ótica. São pessoas que comandam, são responsáveis pelo direcionamento desse sistema e pela condução de suas relações.

O uso demasiado pode ser arriscado, pois o sujeito está tão imerso nesses ambientes que, muitas vezes, parece se esquecer do resto que compõe a sua vida presencial. A esse respeito *Si* falou:

Se a família não tiver estrutura, não tiver dialogo, acaba! Acaba totalmente com as relações dentro da família, porque as pessoas ficam alienadas. Elas se alienam e não conseguem fazer mais nada que não for dentro daquilo ali. Elas não conseguem nem ter um diálogo fora de casa com outras pessoas, porque ela tá tão acostumada com aquele com aquilo ali [...]

Acredito que o diálogo virtual segue na vida presencial, pois não é incomum participar de conversas onde as pessoas só comentam de suas experiências na rede, seja em *sites* de notícias, jogos ou redes sociais. É como se estivessem em um mundo paralelo, o qual possui suas próprias regras e linguagem, fazendo com que as pessoas que não tenham experienciado essa realidade, tornem-se alheios e sintam-se excluídos da conversa. A alienação, à qual a menina se refere, é justamente nesse sentido, pois o afastamento torna-se natural, à medida que os interesses são diferentes.

Ré Maior salienta a palavra afastamento em função da relação que as pessoas estabelecem com as tecnologias e com a intensidade do seu uso. Para ele, o uso do computador acaba, de certo modo, restringindo as relações familiares, pois cada um tem seu foco de interesse ao interagir por meio da ferramenta. Descrevo sua narrativa, a seguir:

É porque cada um fica isolado em um universo, vamos dizer assim. Ah, eu acho que, se não cuidar, afasta mesmo. É o que eu tava te dizendo: Se tu tens 3 computadores dentro de casa, 3 pessoas, cada uma vai ficar no seu universo, vendo suas coisas, não vão interagir. A televisão, ela tem um lado ruim. Mas o que a televisão fazia? Fazia todo mundo ficar sentado na sala, olhando televisão. No computador, não. Na internet, não. Não tem como tu ficar na internet junto comigo. Eu vou olhar minhas coisas e tu vai olhar as tuas. E isso, se tu não cuidar...Tudo na vida tu tem que ter limite. Se tu não cuidar, leva ao afastamento, leva ao afastamento do próprio casal.

Em nossos diálogos, *Ré Maior* comenta que é necessário ter um cuidado para não passar dos limites. Quando ele falava, eu ficava pensando: “Qual seria o limite?” O pai sempre admitiu que gosta muito de usar a internet e que, por gostar, ele mesmo precisa se controlar, pois a internet oferece tudo o que a pessoa precisa e, isso de alguma forma “vicia” o sujeito.

É possível pensar em vício, isolamento, solidão? Bauman (2011) nos diz que a internet livra da solidão, pois as pessoas que tentam espaçar de tormentos da solidão descobriram, nessa nova forma, um importante avanço com referência à versão cara a cara, face a face. Nesse sentido, como aponta o autor, o advento da internet permitiu encobrir o vazio da companhia que muitas vezes faltava.

Ré Maior reconhece a importância da internet em sua vida, mas também revela que, após algumas situações que a família vivenciou, eles percebem que é preciso cuidar, porque são conscientes dos riscos que correm. Ele completa: “*A gente já sabe os riscos que corre, se não cuidar, né? Dentro da estrutura familiar, todo mundo procura usar, mas não substitui de forma alguma o diálogo, o contato, o carinho da família.*” O pai revela que continuam utilizando as redes, mas optaram por não permitirem que esse contato com a ferramenta influenciasse na rotina familiar. Ele demonstrou não querer que a experiência que tiveram possa tornar a se repetir em sua casa e que o diálogo presencial é muito importante.

Tomo, como ponto de reflexão, uma música que traz várias contribuições para esta pesquisa. Quando foi lançada a canção “Pela internet”, de Gilberto Gil, vivíamos uma

explosão comercial da internet no Brasil que, já naquela época (1997) demonstrava o quanto a rede poderia influenciar nas relações sociais.

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleja ...
Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré

Naquele momento, a internet ainda era novidade e tudo o que mais se estava relacionado a ela causava encantamento e um certo estranhamento. Penso que o cantor, nessa música, estava apresentando ao público uma série de termos e palavras (muitas estrangeiras) como forma de familiarizar as pessoas dessa nova realidade, que já causava uma revolução na forma de se comunicar.

O termo ‘navegar’ na *web* remete-nos a desbravar novos mares, buscar outras culturas e agregar conhecimento, seja ele qual for. E, para isso, é preciso um barco que para velejar nesse ‘informar’, deve ser feito não de madeira, mas de *gigabytes* e, para navegar nessa corrente digital, faz-se necessário aproveitar a vazante da infomaré, que na rede é responsável por levar o sujeito a outros lugares.

Seguindo outra parte da música, Gilberto Gil fala das inúmeras possibilidades que a internet proporciona ao sujeito, quebrando a barreira do espaço-tempo, colocando no mesmo cenário personagens e situações de épocas e lugares diferentes. [...] Eu quero entrar na rede para contatar os lares do Nepal, os bares do Gabão [...] Nesse final da música, o cantor explica a respeito da conectividade, que liga pessoas de várias partes do mundo.

Nesse sentido, podemos pensar na família colaboradora desta pesquisa, que também quis entrar na rede para contatar um serviço específico, que foi um jogo, mas que essa vivência fez com que percebessem o quanto se dedicaram a esta ferramenta e quantas outras coisas deixaram passar despercebido como, por exemplo, estar juntos. Uma questão que destaque é o diálogo que sempre se fez presente em todos os nossos encontros e a família, que sempre demonstrou ser prioridade, estava deixando de lado. Parar, ouvir, compreender o outro estavam aos poucos sendo substituídos por uma tela e um entretenimento com muitas plantações e colheitas.

O que era aparentemente uma brincadeira aos poucos foi se tornando cada vez mais intenso, até que, em um determinado momento, *Ré Maior* percebe que está se tornando um

“vício”, como ele mesmo aponta. Com relação ao Vício, será tratado com mais especificidade na seqüência.

7.1. O Vício Digital...

Quando nos remetemos à palavra vício, logo pensamos em uso contínuo, intenso, frenético, desmedido de um determinado jogo ou hábito. Nessa nova era digital, temos um elemento que vem sendo alvo de preocupação de muitos estudiosos como Smith (2009), Bauman (2011), Sibilia (2008) dentre outros pesquisadores, professores e pais: a internet.

Sol comenta que essa relação leva as pessoas a brigarem, pois a disputa, a competição, em um determinado momento, é mais forte. Eles perceberam que isso pode se tornar perigoso na medida que perceberam que só tinham um assunto: o jogo; e que já estavam transpondo a cozinha para o escritório, a fim de “comer com os pratos na mão”, como *Si* comentou, mas na frente do computador. Dessa forma, não perderiam nada do que estava acontecendo na rede.

O hábito de jogar pode se transformar em vício e afetar as crianças de modo negativo, até mesmo tornando-as mais reclusas e antissociais (Smith, 2009). Porém, nesse caso em especial, não falamos apenas de crianças e, sim de uma família inteira que, muitas vezes, deixava de sair e ficava em casa na frente do computador, jogando.

Fá Maior, em nosso encontro, comentou que era “viciada” e que usava o computador de forma muito intensa desde que chegava da escola até a noite. A menina revela: “*Oh meu! Eu era viciada! Aí o pai e a mãe chamaram no diálogo e disseram: Não, tu tá muito viciada. Vamos ter que cortar, porque tá demais! E aí, agora tô usando o computador civilizadamente, de vez em quando...*”

O que a menina chama de civilizado pode ser caracterizado pelo uso moderado das ferramentas digitais, para que as mesmas não interfiram na rotina familiar. Ela pôde experienciar que o uso intenso, como estava ocorrendo, desencadeou uma série de eventos em sua casa, muitos que causaram grandes desconfortos entre a família.

Alguns jovens criam uma obsessão por jogos virtuais, muitos dos quais oferecem a possibilidade de comunicação *on line* em tempo real e há salas de bate-papo nas quais esses jovens compartilham segredos [...] (SMITH, 2009, p.49). Essas vivências *on line* são por demais atrativas, pois além de aguçar a competitividade, estimulam as habilidades do sujeito, que se vê em uma simulação da vida real.

Em um dos momentos de nossas conversas, percebo que a família vai se revelando e, aos poucos, contando parte de suas intimidades. *Fá Maior* comenta ainda demonstrando se surpreender pela atitude do pai. Ele sorri e evidencia um olhar um tanto “envergonhado” da situação descrita pela filha. A menina conta que, em um determinado dia, fez uma festa do pijama com suas amigas em sua casa e que, nessa noite, elas estavam no escuro, no quarto, assistindo um filme de terror, quando de repente ela escuta uns passos e todas ficam muito assustadas, pois eram 4 horas da madrugada. “*Era o meu pai indo colher. Ele se acordava de madrugada para ir pro computador jogar. A gente levou um susto*”.

O uso do jogo nessa família foi tão intenso que *Ré Maior* mesmo revelou que não percebia o que estava fazendo, para poder estar na frente do computador e associa essa intensidade a “parasitas”. Ele pergunta: “*Tu já ouviu falar em parasitas?*” Destaco:

Isso é... aqui em casa teve uma época que a gente se deu conta que tava virando um parasita. Quando eu me dei conta daquilo ali, eu digo: Para aí um pouquinho. [...] Tu quer estar conectado 24 horas por dia, porque tu quer saber o que o outro tá fazendo. Tu quer saber o que o artista tá fazendo. Tu quer contar o que tu tá fazendo e aquilo, se tu não cuidar leva...

Assim como um ‘parasita’ suga a energia de um organismo vivo, nesse caso, a família viu-se tendo sua energia absorvida pela rede em uma estranha relação de consumo. De alguma maneira, eles consumiam tudo o que estava sendo oferecido pela internet e deixavam-se consumir por esta, à medida que estabeleceram uma forma de dependência da máquina, chegando ao ponto de se dedicar ao computador 24 horas por dia, como afirmou o pai.

Smith (2009) comenta que navegar na internet utilizando *sites* de busca é uma das atividades mais comuns entre os internautas jovens e adultos hoje em dia. Podemos corroborar a frase do autor, acrescentando que esse navegar na internet é um tanto amplo e que estar *on line*, para muitas pessoas, pode estar muito mais carregado de significados do que possamos imaginar. *Sites* de relacionamentos, salas de bate-papo/*chats*, msn, jogos virtuais, *email*, *blogs*, *fotolog*⁶³, pesquisa, jogos *on line* seriam alguns exemplos que trazem tantas pessoas para a rede de computadores a cada dia.

Fá Maior conta que percebeu que essa sua vivência com o jogo estava levando-a para outros vícios. O que começou com uma aparente simples brincadeira, onde a família se reunia

⁶³ Fotolog é um sistema de fotologs. Os fotologs são sistemas de publicação que possibilitam ao usuário publicar fotografias acompanhadas de pequenos textos e receber comentários. RECUERO (2009)

para jogar, acabou se configurando em uma forma desmedida de uso da mídia digital. A esse respeito, destaco a fala da menina:

Eu tava naquela coisa de *twitter*. Aí eu ia, se seguia os artistas que eu gostava e tava sempre procurando saber e, se eu não entrava um dia, eu já entrava em desespero. Meu Deus, o que será que deu? Será que eles já lançaram alguma coisa? E aí eu já ficava viciada na própria rede social e, em outras coisas também.

O *twitter* permite ao usuário postar pequenos textos de até 140 caracteres, o que não permite comentários muito longos e sua premissa segue a um questionamento do tipo: O que você está fazendo? A fim de poder mergulhar nesse meio virtual e ter um pouco mais de intimidade com esse recurso e com a família da pesquisa *on line*, criei uma conta no *twitter* sem até o momento ter ideia de como funciona e qual seria a utilidade até então.

Logo quando ingressamos nessa rede há uma mensagem de um professor, que se chama “O Professor do *Twitter*”, que logo explica que as mensagens são *tweet*, ou seja, mensagens curtas e que podem conter *links* como <http://twitter.com>. E que, para receber as mensagens das pessoas, é preciso seguir e aceitar ser seguido.

Procuro em várias opções fornecidas na ferramenta e encontro o “buscar”. Assim, entro no *twitter* de *Fá Maior* e observo suas postagens. E, como ela me contou pessoalmente em um dos nossos encontros, percebo que a menina segue “twittando” sua vida. Percebo que a aparência de seu *twitter* também está ligada à música, o que confirma cada vez mais sua preferência musical, pois aqui vemos que a menina gosta dos Beatles.

Figura 17: Interface do twitter Fá Maior



Fonte: <https://twitter.com>

Com relação ao *twitter*, vale destacar a visão particular de Bauman (2011, p.30)

O *twitter* é, para nós, pessoas comuns, o que as capas de revistas semanais e mensais representam para os poucos que são proclamados extraordinários. Nosso *twitter* é uma espécie de réplica das butiques de alta-costura no comércio popular: o substituto da igualdade para os destituídos. Aos que estão condenados a comprar nas lojas populares, o *twitter* atenua as crises da humilhação causada pela falta de acesso às lojas exclusivas.

Para o autor, o *micro blog* faz com que pessoas triviais que, muitas vezes e na maioria das ocasiões, não teriam a chance de expor suas vidas particulares e opiniões a respeito de vários temas do cotidiano, possam ter a oportunidade de se expressarem e ainda receberem algum tipo de reconhecimento por isso. No *twitter*, sujeitos comuns, que não se tem idéia de quem são e aos quais o ponto de vista não importa, passam a ter certa notoriedade para os seus seguidores.

No nosso último encontro, conversamos a respeito de uma imagem que é carregada de significado a respeito da internet, como já foi anunciado no mapa dos encontros com a família e que norteou todo o nosso diálogo. *Ré Maior* comenta que a foto retrata que uma questão é a necessidade, e outra é o vício que a internet provoca, alegando que tudo o que se busca na internet nem sempre se precisa, “não se tem necessidade”, reforçou. Em nosso diálogo, o pai comenta um dado muito interessante, que “*a família moderna se comunica com o mundo, mas não se comunica entre si*”. Essa fala remete a imagem apresentada, onde o que move a família é estar junto, ainda que o conceito de junto seja apenas presencial, pois cada sujeito encontra-se no seu computador e não há interação entre eles.

Ré Maior comenta que, da mesma forma que assistimos a um filme, a uma novela, o sujeito adquire o costume de acessar a internet, sem que perceba que isso está gerando um vício. Essa relação de ‘dependência’ da máquina pode causar um distanciamento entre as pessoas, pois o uso desenfreado que se faz dela limita sua capacidade de vivenciar outras situações que não sejam as relacionadas à rede.

Uma questão que foi levantada para ser discutida foi com relação ao sentimento que provocou a família inteira a participar intimamente de um aplicativo, um jogo, e *Sol* fala que foi a questão da competição, e acrescenta: “*A provocação de provocar o outro*” O prazer em competir. Esse sentimento moveu a família por um tempo. A esse respeito, *Ré Maior* comenta:

É o sentimento do vício do jogo, né? Assim como tem vários outros tipos de vício que tu desenvolve com a internet. Tem gente, por exemplo, que é viciado em futebol, em notícia de futebol. Movido pela o que a M. falou movido pelo espírito da competição, que é um espírito do ganhar, do vencer, que é o que move a compulsão ao jogo. A de tu ser superior ao outro, ser melhor que o outro. Não, a minha fazenda é melhor eu tenho mais dinheiro. Ah, tu quer comprar isso tu não pode, ah eu já tenho três... e tu não tem nenhum.

O uso contínuo da ferramenta despertou na família uma série de outros sentimentos até então desconhecidos, que ganharam força a partir da ‘brincadeira’ digital como, por exemplo: a competitividade, a disputa e a necessidade de superação do outro. Tais práticas são aceitáveis no mundo do esporte, por exemplo, mas no ambiente familiar acabam por gerar certo desconforto entre os sujeitos, que se viram ‘obrigados’ a superarem uns aos outros em nome da competição.

Ré Maior admite tais práticas, mas justifica suas atitudes, afirmando ser um vício que impulsiona o competidor a prosseguir por mais uma vez, ainda que esta ‘uma’ se torne infinitas vezes. O jogador, independente de seu retrospecto, sempre acredita que pode ganhar na próxima rodada, fator que o mantém interessado na disputa. Destaco um trecho de nosso diálogo, no qual *Ré Maior* comenta sobre esse comportamento:

Mas a questão específica do jogo foi pura e exclusivamente vício, vício no jogo. Assim como tu te vicia em jogar carta em ir lá todos os dias, em apostar dinheiro e ganhar, que tu não consegue ficar longe daquilo nem tu sabendo que tua chance de ganhar é pouca, tu não vai enriquecer com aquilo ali. É o mesmo, eu acredito eu nunca fui viciado em outros tipos de jogos, mas eu acredito que seja o mesmo sentimento que move o jogador compulsivo, a compulsão pelo jogo, pelo ser melhor. Tanto que aconteceu aquilo, até que a I. disse que se atravessou lá com a mulher que e excluiu ela por que a mulher tava sempre na frente dela, ela não conseguia nunca alcançar a mulher então. É o espírito de competição e esse espírito de competição, ele também te traz na competição como te falei pela informação, por estar bem informado, por saber as coisas, tudo por estar na frente dos outros[...]

Podemos perceber que as palavras vício e competição – palavras que estão cada vez mais presentes no mundo moderno – repetem-se na fala de *Ré Maior* que, apesar de não admitir de maneira clara, vivenciou junto com sua família, uma acirrada disputa, onde o que importava era o resultado final, onde somente um poderia ser o vencedor. Tais sentimentos fizeram, por um breve período, que os sujeitos se tornassem opositores, que buscavam o *status* de vencedor a qualquer preço.

Porém, passado esse período a família percebe que o tempo a que se dedicavam ao jogo não poderia ser retomado, pois já havia sido desperdiçado com algo que já não era tão

atrativo. Após a reflexão sobre o tempo, os sujeitos ingressam em um processo de retomada de vida, buscando a valorização de situações simples, mas que haviam perdido o gosto, como programas em família e conversas informais. Novamente, eles estavam juntos, mas desta vez em plenitude, sem que tivessem qualquer influência ou mediação da fibra ótica.

A esse respeito, convido o leitor a viajar na reflexão sobre o tempo e sobre a vida. Proponho, nesta discussão, traçar uma análise a respeito de nossa trajetória enquanto sujeitos e o que fazemos com o que temos de mais precioso e que não pode ser recuperado: o nosso tempo. A partir da vivência da família, de nossas conversas e no momento das análises, eis que surge o tempo como mais um elemento para ser discutido e problematizado no decorrer das relações. Por esta razão, o tempo é a última categoria que emergiu da pesquisa.

VIII - O SEQUESTRO DO TEMPO NA ERA DIGITAL

O tempo

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...
E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

Mário Quintana

Início esta reflexão, pensando sobre o tempo... O tempo nos “atropela” e ficamos muitas vezes com a sensação de impotência frente à falta de tempo; ou falta de organização de tempo, como muitos preferem colocar. Não paramos para pensar sobre o tempo, porque definitivamente “não dá tempo”, mas me permito refletir sobre.

Ler essa mensagem de Mário Quintana fez-me pensar ainda mais na pesquisa e nas minhas vivências atuais: Todo este movimento apressado que temos e vivenciamos a cada dia. Muitas e muitas vezes vivi um forte desejo de não estar na frente do computador e viver o ócio; mas como posso fazer isto? Tenho um tempo que me cobra e muitas vezes me faz perder o sono em meio a tantas coisas para pensar, escrever, analisar, enfim.

Pensava na pesquisa, exatamente com essa sensação: “Não vai dar tempo”. Tenho tantas coisas para compreender que precisaria, como diz a Vanise, de várias dissertações. No caminhar das disciplinas do Mestrado, onde tínhamos que apresentar a proposta de pesquisa, o grande comentário era sempre este: “Cuidado com o tempo”, pois o Mestrado são apenas dois anos, o que muitas vezes não permite um aprofundamento na pesquisa.

Após uma intensa vivência pessoal de enfermidade quebrei todos os meus paradigmas com relação ao tempo, à vida. Aprendi que tudo é como observamos ou como desejamos perceber. O tempo, a vida, são bens preciosos demais para serem desperdiçados e, apesar de serem tão importantes, nossa existência é como um feixe de luz que acende e apaga. O que importa é como vamos viver o intervalo entre um e outro ato. É importante pensar sobre e se

permitir esta reflexão... Hoje, vivo este processo de pensar sobre a “qualidade” do meu tempo e sobre a vida.

Em muito pouco tempo, vivi exatamente isto... Qual é o real sentido da vida? Quando nos deparamos com uma situação de doença, por exemplo, nos tornamos impotentes. O fato é que precisamos confiar. É preciso ter fé, independente de religião.

Passado este momento, percebi o grande significado da vida. Viver intensamente um dia após o outro com tudo o que este dia me reserva. Hoje tudo tem um gosto diferente, um outro olhar. Tudo tem valor, tudo é importante, até as coisas mais simples. Cada dia tem um sabor especial. E descobri finalmente que existe um tempo para tudo, e que devemos viver intensamente cada momento.

Pensar em toda esta situação e, tentar (re)significar o tempo, os valores, foi um grande exercício. Quando pensamos que tudo está organizado em nossas vidas, surge o inesperado e, nem sempre sabemos lidar com esses desafios. Buscando esta compreensão e sem perceber no meio da fragilidade, nos tornamos fortes. Pequenos encontros com outras pessoas, uma palavra, uma história de vida, um olhar, uma lágrima... Tudo é aprendizagem...

Muitas dessas questões não são problematizadas, em função do tempo. As pessoas estão cada vez mais preocupadas com seus afazeres, onde o Outro não tem espaço. Pensar no outro, preocupar-se com o outro, definitivamente, não dá tempo. O tempo acaba sempre tornando motivo de pretexto e a vida segue seu curso natural...

Após este tempo no qual “me permiti” parar e refletir sobre a vida, percebi que tudo é importante, cada momento, cada pessoa. Não parava para olhar as pessoas na rua, as casas, as árvores. Resolvi caminhar mais e algumas vezes, encontrava prédios na cidade que antes nunca tinha percebido. Ficava pensando: Como pode? Passo por aqui, mas nunca tinha visto tal prédio. Será que é novo? Não, ele sempre esteve ali. Eu é que passava correndo e não olhava para ele. Estava “barulhenta” demais e não conseguia parar e apreciar o mundo ao meu redor, assim como a família da pesquisa me limitava ao meu mundo.

Em meio a tantas reflexões sobre o tempo, a vida que sigo a escrita nesta dissertação. Movida por muitos sentimentos que, em vários momentos, fizeram-me questionar meus próprios pensamentos. Um grande ponto de interrogação move minha vida e sigo em busca de respostas. Como diz o comercial do Canal Futura: “*Não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas*”. Ficava procurando respostas para tantos questionamentos que apontava, mas que, aos poucos foram ganhando outra forma: a compreensão.

A cada encontro com a família, cada diário, observações realizadas, os registros e lembranças me aproximavam ainda mais do meu foco de análise: as relações sociais estabelecidas em famílias de uso “intenso” das redes digitais. Em um dos encontros com a família, conversávamos sobre a vivência que eles tiveram com o jogo e *Ré Maior* comentou que esse período não levou muito tempo, mas foi significativo enquanto durou. E, enquanto eles falavam, eu me questionava: Será? Como mensurar o tempo, quando estamos imersos em uma determinada vivência?

Na experiência do jogo, a família revela que, quando perceberam que estavam de certa forma “perdendo tempo” com a brincadeira, pararam de acessar esse jogo e hoje usam “moderadamente” a internet. No momento de definir o que estava acontecendo com a família, *Ré Maior* comenta que, em certa ocasião, perceberam que essa experiência estava, de alguma forma, prejudicando a relação da família. Descrevo, a seguir, um momento de desabafo do pai, quando estávamos conversando.

A gente tá deixando de tirar tempo pra nós, pra ficar nessas bobagens aí. Ah, uma brincadeira, tudo bem, mas que tava prejudicando nosso diálogo. O que a gente fez? Todo mundo, a gente sentou e conversou; e todo mundo excluiu fazenda, lancheria, matamos os bichos tudo, as plantações. Acabou, deu!

Hoje, eles pensam em utilizar juntos a internet, mas com um outro foco: a música. *Fá Maior* afirma que vai tentar se organizar com o pai para buscar nas redes - já que os dois gostam, e muito, de estar na internet – materiais relacionados ao violão. Ela até já imaginou a cena: “*Porque eu acho legal, aí o que vai acontecer: vai ficar eu e ele na frente do computador, a N. cantando e mãe vai acompanhando, batendo palma*”. À medida que a menina falava, percorria em meus pensamentos a cena de quando eles estavam utilizando os jogos na internet: todos juntos na frente do computador e um dos elementos da casa alimentando os animais da fazenda. Ainda sem planejar, fiz uma relação com essa fala de *Fá Maior*, onde todos estariam juntos na frente do computador, agora com outro foco. Nesse caso, o elemento de integração será o violão, mas eles vão seguir na internet. Seria possível a família fugir dela? É apenas uma pergunta que fica para pensarmos...

Fá Maior afirmou, em nosso diálogo, que fica no computador por bastante tempo, mas que atualmente os pais não têm permitido. Por isso, diz que as interações na internet, que antes ocupavam muito o seu tempo, hoje não têm ocupado tanto. Diz que usa a internet para

falar com seus amigos e também para fazer os trabalhos da escola. Embora tenha limitado o seu uso a menina ainda é usuária assídua da ferramenta.

A intensidade do uso é uma questão que marca principalmente os adolescentes. Tenho acompanhado *Fá Maior* tanto pelo *msn* quanto pelo *facebook* e percebo que sempre que estou nesses ambientes, a menina também está. Percebo que não importa o horário, pois o que importa é estar *on line* e não perder nada do que está acontecendo nas redes.

Sol demonstra certo descontentamento em sua narrativa, quando fala o tempo de uso da filha mais nova. “*Passavas o dia inteiro, o sábado o dia inteiro, o domingo o dia inteiro, sempre no computador.*” Sua fala revela certa frustração onde, em seu entendimento, o computador e a internet tem outro significado, que não é o mais importante. E que não compreende o “encanto” da filha com a internet.

Já havia comentado que, segundo os professores de Harvard, PALFREY E GASSER (2011), todas as pessoas nascidas depois de 1980 são consideradas Nativos Digitais e que, embora possamos não perceber, mas o jovem pode estar na mesa de jantar, falando com seus amigos por debaixo da mesa. Para o adolescente, o mundo virtual é uma extensão de sua realidade, pois ele pode viver as mesmas experiências de seu cotidiano no universo virtual, no qual faz parte. É como se os dois mundos estivessem intimamente interligados e, além de entrecruzarem, se tornassem um só.

Os nativos digitais conseguem aprender, num minuto, como usar um novo *software*⁶⁴. Eles conseguem tirar, baixar e editar fotos para compartilhar com amigos *on line* com muita agilidade. No máximo da criatividade, os nativos digitais estão criando mundos paralelos, no *Second Life*⁶⁵, registrando o que fazem lá e depois tirando os vídeos no *Second Life* para postar no *You Tube* (PALFREY E GASSER, 2011).

Em sua narrativa, *Fá Maior* disse que chegava da escola e ia para o computador, ficava o dia inteiro: “*É, eu ficava o sábado o dia inteiro, o domingo o dia inteiro. Chegava do colégio e ia pro computador. Passava o dia inteiro. Entrava a uma da tarde e saía só de*

⁶⁴ *Software* é uma sequência de instruções a serem seguidas e/ou executadas, na manipulação, redirecionamento ou modificação de um dado/informação ou acontecimento. *Software* também é o nome dado ao comportamento exibido por essa sequência de instruções quando executada em um computador ou máquina semelhante além de um produto desenvolvido pela Engenharia de *software*, e inclui não só o programa de computador propriamente dito, mas também manuais e especificações. Para fins contábeis e financeiros, o *Software* é considerado um bem de capital. Ver <http://pt.wikipedia.org/wiki/Software> - acesso em 15/01/2012.

⁶⁵ O *Second Life* é um ambiente virtual e tridimensional que simula, em alguns aspectos, a vida real e social do ser humano. Dependendo do tipo de uso, pode ser encarado como um jogo, um mero simulador, um comércio virtual ou uma rede social. O nome “*second life*” significa em inglês “segunda vida”, que pode ser interpretado como uma “vida paralela”, uma segunda vida além da vida “principal”, “real”. Ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Second_Life - acesso em 15/01/2012.

noite.” Essa intensidade de uso é marcada principalmente pelo adulto, pois a ressignificação do tempo nesses espaços não é percebida pelo sujeito que está envolvido no ambiente virtual.

A esse respeito, a menina acrescentou: “*Ficava conversando com meus amigos, no msn, entrava no twitter, twitava muito, toda hora, tudo o que acontecia*”. O *twitter* é construído enquanto *microblogging*⁶⁶, porque permite que sejam escritos pequenos textos de até 140 caracteres. O *twitter* é estruturado com seguidores e pessoas a seguir, onde se pode escolher quem deseja seguir e ser seguido por outros usuários (RECUERO, 2009).

Buscando entender um pouco mais sobre as relações e interações na rede, encontro, no livro *Redes Sociais na Internet*, de Raquel Recuero (2009), um forte respaldo para minhas leituras e compreensões a respeito desta temática. A autora afirma que a relação social é independente do seu conteúdo. O conteúdo constitui aquilo que é trocado através das trocas de mensagens e auxilia a definir sua relação, mas que não se confunde com ela, pois pode ter conteúdos variados (RECUERO 2009, p.37)

Nesse sentido a autora afirma que as relações podem ser mediadas pelo computador, da mesma forma que a interação. Como destaca a seguir:

[...] a interação mediada pelo computador é também geradora e mantenedora de relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na internet. Mas mais do que isso, a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais. (RECUERO 2009, p.36)

Para a autora, as relações geradas através da rede podem ser estendidas ao mundo real, pois a partir da interação virtual, o sujeito constitui laços sociais, e também os mantém. Nesse caso, além de ser o fator inicial para essa relação, a internet é um forte fio condutor que move as relações pessoais.

Na última conversa que tive com a família colaboradora, *Ré Maior* afirmou-me que por estar no período de férias, verão, praia, ele tem “*tirado férias da internet*”. Diz que tem utilizado de quinta a segunda-feira e que depois se “desliga” e vai para a praia. Em outros momentos, ele afirmou que se **controla**⁶⁷, porque sabe que gosta e, por isso, precisa se organizar em horários. Penso que um dos motivos das divergências da família é em função da

⁶⁶ **Micro-blogging** é uma forma de publicação de *blog* que permite aos usuários que façam atualizações breves de texto (geralmente com menos de 200 caracteres) e publicá-las para que sejam vistas publicamente ou apenas por um grupo restrito escolhido pelo usuário. Estes textos podem ser enviados por uma diversidade de meios tais como SMS, mensageiro instantâneo, *e-mail*, MP3 ou pela Web. Ver <http://pt.wikipedia.org/wiki/Microblogging> - acesso em 15/01/2012.

⁶⁷ **Controla** – grifo meu. Destaco a palavra porque apareceu muitas vezes na fala dos sujeitos.

intensidade do uso da internet pelos demais membros da casa e a negação da mãe é exatamente por esse uso em excesso.

Destaco aqui a palavra controle, porque como observadora da família percebo que esse termo apareceu, ainda que de forma subjetiva, em suas narrativas. Após a vivência de uso com o jogo, a necessidade construída pelas redes fez com que a família percebesse o quanto estava imersa nesse mundo virtual e que, de alguma forma, se esquecia da realidade na qual estavam inseridas.

Nesse período especial de férias, *Ré Maior* comentou que diminuiu o uso da internet e que a filha menor – *Fá Maior* queria levar o *notebook* para o Cassino, mas que ele não permitiu. Diz que ela tem que tirar folga, tem que descansar, ir à praia, à avenida e não ficar apenas na internet. A família vai para o Cassino de sexta a segunda, pela manhã; por essa razão, o pai não usa a internet.

Nesse contexto, o pai entende que o tempo precisa ser melhor aproveitado. É preciso viver intensamente, divertir-se, buscando novas experiências, sem estar condicionado apenas a rede. O tempo passa rápido demais para que as vivências pessoais sejam substituídas pela interação virtual, pois a tela e o teclado não abraçam. Eles apenas reproduzem os comandos que lhes são atribuídos, como um rosto feliz, por exemplo. 😊

E, como diz o poeta na abertura deste capítulo, quando se, vê já se passaram horas, dias, anos e uma vida inteira, junto com todas as suas realizações boas ou ruins. Tudo isto já não mais importa, pois o que realmente existe neste momento é a noção clara de que não se pode mais voltar no tempo, ainda que tenhamos este desejo.

A construção desta escrita, o caminho desta dissertação e o tempo dedicado à sua leitura são tempos idos. Seus significados, com todas as tramas vividas, sentidas e nem todas desejadas, pertencem a um momento que, hoje, pode ser ressignificado. O que ficou foram às relações estabelecidas, as aprendizagens, reflexões e provocações que a pesquisa causou, pois são elas que nos permitem questionar que uso fazemos do nosso tempo, da nossa vida, das nossas relações.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Chegar ao encaminhamento final deste trabalho é uma grande mistura de sentimentos, que não posso deixar de registrar. No decorrer desta escrita, foram várias limitações que me causaram, por muitos momentos, a vontade de desistir. Seria mais fácil e cômodo, concordo. Mas, o desejo de seguir minha formação foi mais forte e impulsionado pelo apoio de tantas vozes, leiam-se aqui amigos, familiares e os interlocutores desta pesquisa.

Romper com os percalços, no decorrer do caminho, muitas vezes foi difícil e tomava outra proporção, com a mistura dos sentimentos em que permitia a insatisfação e a inquietação, que minha orientadora tolerou durante todo esse percurso. Parecia que sempre faltava algo e esse sentimento me angustiava a todo instante. Porém, depois de um tempo, compreendi que a escrita, em um determinado momento, precisa ser limitada, para cumprir seu papel. Como diz meu amigo Mário Osório (2006), escrevemos para pensar e não somente para registrar. Aprendemos sobre as nossas idéias, ao deixá-las ganhar vida diante de uma folha ou de uma tela em branco.

Penso que a temática em questão atinge não apenas a mim, como Educadora Ambiental e Orientadora Educacional de uma escola pública, mas também contribui para as famílias com que trabalho diretamente. Na compreensão de outras formas de relações, posso compreender a mim mesma e a minha percepção enquanto usuária da rede, e as relações estabelecidas a partir dela.

Iniciei esta pesquisa tomada por muitos sentimentos de pré-conceitos com relação ao uso da internet. Os sujeitos da pesquisa mostraram-me outras formas de compreender esta realidade virtual, já que não podemos fugir dela. As ideias iniciais que revelavam meus pré-conceitos com relação à certeza do total afastamento das pessoas provocado pela internet, para mim eram claras e representavam verdades, mas, ao longo do trabalho, percebi que estava generalizando tais verdades sem perceber o que estava ao seu redor, os contextos que as constituíam. Mais do que meramente compartilhar fotos ou opiniões na *web*, as relações sociais mediadas pela realidade virtual podem se traduzir em experiências que, de virtuais, carregam apenas o nome.

Com os sujeitos da pesquisa, foi possível aprender que, se no ambiente presencial o sujeito apresenta dificuldade de relacionar-se com o outro, na rede, ele assume um papel

completamente oposto. O tímido passa a ser o popular, postando, comentando, *twittando*, *cutucando*, ou qualquer outra operação virtual que o faça ter visibilidade. Com esse *status* adquirido, ele não tem motivo para ter vergonha de se expor; bem pelo contrário, estar na ‘vitrine’ é seu objetivo, já que na vivência presencial apresenta uma maior dificuldade de se relacionar.

Além do anseio pela popularidade, algumas pessoas utilizam a rede como forma de extravasarem suas emoções, como é o caso dos jogos virtuais. A família da pesquisa passou por essa situação, que acabou envolvendo todos os membros por um determinado tempo.

Uma brincadeira simples como o jogo Mini Fazenda ou Colheita Feliz serviu para acirrar sentimentos como competição, consumo e ira entre a família, mas era apenas uma ferramenta de entretenimento. Durante este processo, pude perceber que, muitas vezes, transportamos situações do nosso cotidiano para o mundo virtual, e algo que era para ser divertido e prazeroso, em algum momento pode levar ao distanciamento dos usuários.

Atualmente, percebo que as relações de distanciamento estabelecidas em famílias que fazem uso intenso das mídias digitais podem ser acentuadas, caso não estabeleçam limites para a utilização da ferramenta. Esta percepção foi o pano de fundo para a escrita do Capítulo VI, quando foi abordada a temática limite nas relações virtuais que a família vivenciava.

Pode parecer óbvio para muitos, inicialmente até para mim, mas só tive esta sensação de comprometimento e de cuidado ao me inserir na casa da família colaboradora da pesquisa. A cada voz que escutava, contando suas fragilidades a respeito da ferramenta, pensava o quanto somos vulneráveis e, muitas vezes nos permitimos seduzir por apenas um clique. Porém, a questão é o significado que cada acesso possui e sua influência na interação entre os sujeitos, e como eles interpretam tais relações.

Uma pergunta foi feita no início do trabalho, sendo definida como problema de pesquisa: Que relações sociais são expressas em famílias que fazem uso intenso das mídias digitais? O movimento da pesquisa possibilitou compreender, a partir da interlocução com a família participante, que são, tais relações, estabelecidas por meio de uma rede virtual que seduz e, diante disso, chama o usuário à presença virtual e ao conseqüente afastamento presencial. Assim, são relações também que ensinam a necessidade de estabelecer limites quanto ao uso intenso da internet, isso porque seus apelos reforçam relações constituídas por meio de paradigmas da competição e do consumo. São relações de paradoxos, sempre com contradições, ora seduzindo, ora sendo criticadas.

Não ousou aqui encerrar esta pesquisa, utilizando, como de costume, as ‘considerações finais’, pois penso que vamos juntos todos nós, leitores, professores, pesquisadores da área, tecendo algumas considerações a respeito desta temática tão atual, mas ao mesmo tempo tão ampla e tão presente no cotidiano. A internet deixou de ser algo restrito há muito tempo e influencia diretamente a vida de todos, pois até mesmo uma simples transação bancária depende de uma conexão *on line*.

Durante este processo, aprendo ainda mais com a família, que é preciso ouvir, estar atento ao sentimento do outro. Percebo que nada está definido, quando o assunto é internet, tudo está em constante movimento e possui diversos significados. O que para muitos pode parecer irrelevante ou banal, como um simples jogo que fez com que os sujeitos da pesquisa se tornassem reféns do aplicativo, para outros, pode representar uma alternativa de entretenimento.

Compreender as relações sociais que se estabelecem nas famílias que fazem uso intenso das tecnologias digitais foi à proposta desta pesquisa, na qual pude perceber que o uso intenso das tecnologias em muitos momentos pode comprometer as relações familiares. Acredito que até mesmo as demais relações sociais podem ser afetadas com à imersão completa no mundo digital, esse fato foi comprovado pela vivência da família nesta pesquisa.

Quero destacar que esta foi parte da vivência da pesquisa, pois as risadas, inquietações, lágrimas, dúvidas e demais sentimentos que envolveram o trabalho ficaram não na escrita, mas em minha memória. São estes momentos que me ajudaram a continuar este caminho, quando o desânimo e as preocupações falavam em um tom mais alto.

Não tenho pretensão alguma de definir ou fechar à temática, mas sim propor, com este trabalho, uma reflexão sobre as relações sociais estabelecidas em famílias que fazem uso intenso das mídias digitais. Esta reflexão entrelaça-se com os estudos que realizei ao longo do curso de Mestrado em Educação Ambiental, lançando contribuições para o campo da formação de professores, uma vez que as mídias digitais estão presentes no cotidiano de grande parte dos sujeitos.

Esta pesquisa foi muito significativa tanto para a família colaboradora quanto para todos os envolvidos, e a mim que movida pelo sentimento de inquietude quanto à falta de respostas, lancei-me ainda mais neste universo digital. Procurar compreender o que movia os sujeitos a utilizarem assiduamente as ferramentas foi à mola propulsora de todo este trabalho, pois, desta forma entendendo esta relação poderia compreender minha própria família.

Percebo que também fui envolvida nesta grande rede de interações, principalmente quando resolvo lançar mão de todos os meus pré-conceitos e, junto com minha orientadora, busco me aproximar desta realidade. Para isto, ingresso nas salas de bate-papo a fim de ouvir dos próprios sujeitos desses ambientes quais são os motivos que os levam a buscarem relações reais em cenários virtuais.

Ao final disto tudo, o que fica mesmo é a necessidade que temos de nos relacionarmos, não importando qual será o ambiente em que esta interação será feita. O importante é que as vivências sejam compartilhadas sempre, mediadas ou não pelas tecnologias. Cabe ao sujeito escolher a melhor forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ANTUNES, Celso. **Cibercultura e Ciberespaço - A sala de aula e os computadores**. Florianópolis: Ceitec, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. **Vida para consumo – A transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e imagem**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.
- CALAZANS, Flávio. **Propaganda Subliminar Multimídia**. 7 ed. São Paulo: Summus, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede – A era da informação**. Vol1. Paz e Terra, 1998.
- CASCINO, Fabio. **Educação Ambiental: Princípios, histórias, formação de professores**. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2003.
- ENGERS, Maria Emília Amaral. Pesquisa educacional: reflexões sobre a abordagem etnográfica. In: ENGERS, Maria Emília (org) **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação: notas para reflexão**. Porto alegre: EDIPUCRS, 1994.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; Amaral, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. 1 ed., v.1. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.
- _____. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz eTerra. 1996.
- FURTADO, Peter. **1001 dias que abalaram o mundo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. São Paulo: Editora Cortez, 1995.
- GOMES, Vanise dos Santos. **Para além das areias brancas: significados da escolarização e do alfabetismo para a população de São José do Norte/RS**. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.
- _____. **Ensaio para além da representação: palavras e rostos de sujeitos analfabetos**. Tese de Doutorado. Porto Alegre, 2006.
- GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental: no consenso um embate?** Campinas, SP: Papyrus, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IHU on-line – **Revista do Instituto Humanistas**. Unisinus. Ed.283. 24/11/08.

LAYRARGUES, Philippe P. Apresentação: (Re) Conhecendo a educação ambiental brasileira. In: **Identidades da educação ambiental brasileira**. MMA, DEA; Philippe Layrargues (Coord.) Brasília: MMA, 2004.

LEMOS, André e LEVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Loureiro, **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Educação Ambiental Transformadora. In LAYRARGUES, Philippe Pomier (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5 ed. Brasília: Ed. Unijuí, 2006.

MATURANA, Humberto. **Uma nova concepção de aprendizagem**. Palestra para professores do Ensino Básico Universidade Católica de Santiago do Chile, 20-07-90.

MCLUHAN. Marshall, **Os meios de Comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O Desafio do Conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 2 ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993.

MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

PALFREY, JOHN. GASSER, Urs. (org.) **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUARESMA, Silvia e BONI Valdete. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol.2, nº1(3), janeiro-julho, p. 68-80, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SARTI, Cynthia. **A família como espelho**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica do sujeito**. Grupo de Tecnologias Informacionais da Comunicação e Sociedade, XII Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação CAMPOS, Niterói/RJ, 2003.

SMITH, Gregory S. **Como proteger seus filhos da internet: um guia para pais e professores**. Ribeirão Preto, SP: Editora Novo Conceito, 2009.

SCHREIBDER, Elisabeth. **Os Direitos Fundamentais da Criança na Violência Intrafamiliar**. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2001.

SCOBERNATTI (Org.) **Violência Intrafamiliar: Teoria e Prática – Uma abordagem Interdisciplinar**. Pelotas: Armazém Literário, 2005.

TREIN, Eunice. **A Educação Ambiental numa perspectiva crítica**. In: TV ESCOLA – Série Salto para o futuro – A perspectiva crítica e emancipatória da Educação Ambiental. Programa 4. Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação. Ano XVIII, p. 41 a 45, 2008. Disponível em www.tvbrasil.org.br/salto. Acesso em: 25/03/11.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

www.educacaoambiental.furg.br

<http://www.brasilecola.com/geografia/eco-92.htm> - acesso em 15/03/11

www.tvbrasil.org.br/salto - acesso em: 25/03/11

Portal do MEC: portal.mec.gov.br - acesso em 16/05/11

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Msn> - acesso em 17/06/11

<http://www.guiabrasilblog.com/webcam> - acesso em 12/07/11

<http://www.interney.net/blogfaq.php?p=6490966> – acesso em 14/07/11

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Picasa> - acesso em 14/07/11

<http://www.adnews.com.br/internet/110788.html> - acesso em 01/08/11

http://www.metaanalise.com.br/inteligenciademercado/index.php?option=com_content&view=article&id=4887:comercio-eletronico-representa-um-terco-das-transacoes-no-brasil&catid=5:analise-setorial&Itemid=356 – acesso em 01/08/11

http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL1271006-9356,00.html - acesso em 01/08/11

http://www.tobegarany.com/internet_no_brasil.php - acesso em 01/08/11

http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=caldb&docid=EB2B401AAF9B1F4F83257886004BA088 – acesso em 09/08/11

<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1397901-6174,00.html> - acesso em 09/08/11

<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/07/mae-australiana-e-investigada-por-colocar-os-filhos-no-ebay.html> - acesso em 09/08/11

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/08/policia-de-ny-cria-divisao-para-encontrar-criminosos-na-internet.html> - acesso em 13/08/11

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blu-ray> – acesso em 14/08/11

<http://pt.wikipedia.org/wiki/IPhone> - acesso em 03/01/12

www.ebah.com.br/content/ABAAAAMlgAF/mitologia - acesso em 09/01/12

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Software> - acesso em 15/01/2012.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Microblogging> - acesso em 15/01/2012.

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php> - acesso em 13/01/2012

http://pt.wikipedia.org/wiki/Second_Life - acesso em 15/01/2012

<http://www.suapesquisa.com/internet/> História da internet – acesso em 14/01/12

http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&cp=25&gs_id=43&xhr=t&q=alfabeto+no+mundo+de+hoje&gs_upl=&bav=on.2,or.r_gc.r_pw.r_cp.,cf.osb&biw=1252&bih=595&um=1&ie=UTF-8&tbm=isch&source=og&sa=N&tab=wi&ei=u1U8T9CdE9C_gAeJx8CZCw - acesso em 15/01/12

<http://www.sbt.com.br/jornalismo/noticias/?c=14689&t=Quem+faz+varias+coisas+ao+mesmo+tempo+pode+ter+cerebro+de+pipoca> - acesso em 24/01/2012.

http://pt.wikipedia.org/wiki/You_tube - acesso em 03/02/2012

http://pt.wikipedia.org/wiki/Justin_Bieber - acesso em 03/02/12

<http://pt.wikipedia.org/wiki> - acesso em 12/02/12.

<http://sabay.com.kh/articles/157600> - acesso em 13/02/2012

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/03/casal-gay-de-pernambuco-registra-filha-gerada-por-fertilizacao-assistida.html> - acesso em 01/03/2012.

ANEXOS

ANEXO 01 - Termo de consentimento livre e esclarecido⁶⁸



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: _____

Pesquisador Responsável: _____

Telefone para contato do pesquisador (a): _____

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*informar o problema específico da pesquisa*) é (*descreva de forma breve os motivos e a importância, etc.*) _____. A pesquisa se justifica (*justifique de forma breve a justificativa da pesquisa*). O objetivo desse projeto é (coloque o seu principal objetivo) _____. O(s) procedimento(s) de coleta de dados será/são da seguinte forma: (*explicitar como serão coletados os dados: entrevistas, questionários, etc., e a frequência que o(s) participante(s) será/são requisitados*).

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____ pesquisador(a) _____.

Fui informado (a) pelo(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: _____ / _____ / _____.

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

⁶⁸ As vias originais encontram-se assinadas

ANEXO 02 - Questões para conversar em família

QUESTÕES NORTEADORAS PARA CONVERSAR COM A FAMÍLIA

1. Me contem que família é essa?
O que fazem, o que gostam?
2. Como é a rotina dessa família?
Me contem um pouco...
3. De que forma essa família estabelece seus diálogos?
4. Que espaço o computador ocupa nessa família?
Me contem um pouco a respeito...
 - O que fazem na frente do computador?
 - Em que momentos?
 - O que pensam a respeito dessa relação família e internet?
 - Se existe algo sobre a internet afastar as famílias, o que acham?